

FLÁVIA GOULART PEREIRA

**HOMENS NO CURSO DE PEDAGOGIA:
“AS RAZÕES DO IMPROVÁVEL”**

**Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
Agosto de 2013**

FLÁVIA GOULART PEREIRA

**HOMENS NO CURSO DE PEDAGOGIA:
“AS RAZÕES DO IMPROVÁVEL”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa:
Educação Escolar: Instituições, Sujeitos e Currículos.

Orientador: Professor Dr. Cláudio Marques Martins Nogueira

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
Agosto de 2013

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação

Dissertação intitulada “HOMENS NO CURSO DE PEDAGOGIA: “AS RAZÕES DO IMPROVÁVEL” de autoria da mestranda Flávia Goulart Pereira, analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Cláudio Marques Martins Nogueira – FaE – UFMG

Prof.^a Dr.^a Wânia Maria Guimarães Lacerda – DPE – UFV

Prof. Dr. Antônio Augusto Gomes Batista – CENPEC

SUPLENTES

Prof. Dr. João Valdir Alves de Souza – FaE – UFMG

Prof.^a Dr.^a Maria José Braga Viana – FaE – UFMG

28 de agosto de 2013

Dedico esta dissertação à Leni Maldonado.
Tia, assim como meu pai, você é, e sempre será, para mim, eterna presença.
Amor e saudade.

RESUMO

A Dissertação “*Homens no curso de Pedagogia: as razões do improvável*” busca investigar o papel do gênero na escolha do curso superior e da profissão docente. Como apontam, entre outros, Alves e Soares (2001) e Vianna (2001), o gênero envolve expectativas socialmente definidas. Estes modelos “ideais” de gênero construídos pela sociedade parecem influenciar os sujeitos no momento de sua escolha profissional. Vários estudos sobre o tema demonstram, por exemplo, que os cursos da área de humanas são escolhidos de forma mais frequente por mulheres e que os cursos mais voltados para a área tecnológica são comumente escolhidos pelos homens. Assim, ficam as seguintes questões: Em que medida as expectativas relacionadas ao gênero são determinantes no momento das escolhas de cursos e carreiras profissionais? O que pode levar um sujeito a se desvencilhar dessas “determinações” e buscar caminhos alternativos? E ainda: Que homens são esses que estão presentes no curso de Pedagogia? Que idade eles têm? Quais seus projetos profissionais? Teriam um perfil social e escolar mais baixo, como o predominante entre o conjunto de alunos da Pedagogia? Que fatores os levaram a contrariar as expectativas sociais mais amplas e optar por um curso tido como tipicamente feminino? Para responder a essas perguntas foram aplicados questionários, realizadas entrevistas em profundidade e feito um grupo focal com os estudantes do sexo masculino matriculados no curso de Pedagogia da UFMG. Com base nos dados coletados, foi analisada toda a trajetória social dos sujeitos, suas expectativas em relação ao curso, seu perfil social e cultural e todo o seu percurso escolar até a tomada final da decisão pela Pedagogia. Essa pesquisa mostrou, entre outros aspectos, que a existência de um contato prévio com a área da Educação foi fundamental para a escolha da maioria desses sujeitos pelo curso de Pedagogia.

Palavras-chave: Escolha do curso superior; escolha da profissão docente; gênero; Pedagogia.

ABSTRACT

This MA thesis, entitled *Men in the Pedagogy undergraduate course: improbable reasons*, aims to investigate the impacts of gender in choosing both the course and the teaching profession. According to Alves and Soares (2001), and Vianna (2001), among others, gender involves socially defined expectancies. These models, constructed by society, seem to influence people at the moment of their professional choice. Several studies in this area of investigation, for instance, show that undergraduate courses in the Humanities are often chosen by women, whereas technological courses are most frequently chosen by men. Bearing this in mind, some questions are posed: To what extent gender related expectancies are truly defining at the moment of choosing undergraduate courses and professional careers? What can be done in order for people to get rid of these “determinations” and search for alternative paths? Moreover: What kind of men are these who are present in Pedagogy courses? What are their ages? What are their professional projects? Would they have social as well as educational low ranks as usually found among undergraduate students of Pedagogy? Which factors have influenced them to choose an undergraduate course typically chosen by women, contrary to the wider social expectancies? In order to answer these questions, questionnaires were designed and distributed, interviews were profoundly conducted, and a focal group was constituted by male undergraduate students of the Pedagogy course of the Federal University of Minas Gerais, Brazil. The data were analyzed focusing on the students’ social trajectory, their expectancies in relation to the course, their social and cultural heritage and their whole schooling processes until reaching the moment of taking the decision for the Pedagogy course. Among other things, this study has shown that a previous contact with the academic field of Education influenced considerably the students’ choices for the Pedagogy course.

Keywords: Undergraduate course choice. Teaching profession choice. Gender. Pedagogy.

AGRADECIMENTOS

Aprendizaje
Mario Benedetti

Aquí y allá aprendemos cautamente
en el río / en la noche / en la fatiga
a vivir glorias o a morir de pena
en el rumbo mejor o a la deriva

no está mal ser humilde por las dudas
y dejar el fulgor para otro día
(en un comienzo el corazón callaba
sólo después supimos que latía)

aprender es um rito una costumbre
no le hace mal a nadie ni se olvida
aprende quien ascende hasta la cresta
pero también quien busca entre las ruinas

aprender es abrirse a los afanes
y ¿por qué no? También a la utopía
la enseñanza es enjambre y sus gaivotas
se posan en el alma sorprendida

sabemos que aprender tiene su riesgo
y puede convertirnos em ceniza
pero no importa / hay que aventurarse
aunque eso no les guste a los de arriba

hay que saber del tiempo / hora por hora
porque vivir no es una lotería
dame esa mano que me enseña siempre
y vayámonos por la vida

Aprendizagem. Esta é a palavra que melhor define esse momento. Para tanto, os agradecimentos são muitos.

Agradeço, em primeiro lugar, à Professora Maria Alice Nogueira que, ainda quando aluna da graduação, me incentivou a participar do processo seletivo que seria aberto para bolsistas de iniciação científica no OSFE. Foi através de minha inserção nesse grupo de pesquisa, que esse percurso como pesquisadora se iniciou. Muito obrigada Professora, pela confiança, pela atenção e por todo o cuidado que você sempre teve comigo.

Ao Professor Cláudio Marques Martins Nogueira, meu agradecimento mais sublime! Um mestre no mais belo sentido desse termo. Muito obrigada pelo carinho, pela paciência e por dividir comigo um pouco dos seus saberes.

Agradecimento especial também ao Professor Antônio Augusto Gomes Batista, pela delicada acolhida e pelas contribuições durante todo esse percurso.

Agradeço aos Professores e amigos do OSFE. Várias foram as aprendizagens compartilhadas com esse grupo.

Agradecimento aos queridos que estiveram comigo durante o mestrado sanduiche. Quanto aprendizado! Tia Eliana, Tia Isa, Tio Aluísio, Ed, Jú e Fernando. Vocês foram fundamentais. Carinho também especial a Deimy, Ignácio, Emília, Adriano, Carol, Elô, Sandro, Dyrce e Glau.

Ao meu pai, eterna presença; a minha mãe e aos meus irmãos, meus exemplos de vida; as minhas primas(os), tias(os) e ao meu avô, amores da minha vida! Obrigada por me permitirem seguir sem nunca perder o meu referencial. Agradeço igualmente, a todas as pessoas queridas que estiveram comigo em mais esta caminhada e suportaram minhas ausências enquanto a esse trabalho me dedicava. Vocês estarão pra sempre em meu coração.

Aos professores, que souberam fazer com que eu me encantasse pelo conhecimento, e a cada um dos estudantes que, pacientemente, dedicaram seu tempo à participação nessa pesquisa. Obrigada!

Por último, agradeço a Deus, pelo dom da vida e por permitir que tudo isso fosse possível.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11	
CAPÍTULO 1 – A CONSTRUÇÃO DO OBJETO E O DESENHO		
METODOLÓGICO DA PESQUISA	17	
1.1 – Ensino Superior e a escolha das carreiras profissionais	17	
1.2 – Gênero e a escolha do curso de Pedagogia	21	
1.3 – O curso de Pedagogia e seus estudantes	28	
1.4 – Desenho metodológico da pesquisa	35	
CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS		40
2.1 – Análise das questões fechadas do questionário	40	
2.1.1- Perfil social dos sujeitos e seus familiares	40	
2.1.2- Trajetória escolar dos sujeitos	56	
2.1.3- Escolha do curso superior	58	
2.1.4- Contato com a área de Educação	62	
2.1.5- A Pedagogia como único vestibular	63	
2.1.6- Os formados: A Pedagogia como segundo curso	64	
2.2 – Análise das questões abertas do questionário	66	
2.3 – Considerações finais sobre os dados coletados por meio do questionário	69	
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS QUALITATIVOS: AS		
ENTREVISTAS E O GRUPO FOCAL	73	
3.1 – Conhecendo os estudantes de Pedagogia e suas trajetórias: a análise das entrevistas.....	74	
Aurélio.....	75	
Túlio	80	
Geraldo	85	
Henrique	90	
Alex	96	

Leonardo	100
Edemar	104
3.2- O Grupo Focal e as impressões dos sujeitos sobre o tema da pesquisa	109
3.2.1- O estudante de Pedagogia e a Educação Infantil	110
3.2.2- Existe profissão de homem e profissão de mulher? O sexo e a escolha do curso superior	115
3.2.3- Os sujeitos e sua opção pelo curso de Pedagogia	118
3.3 – Considerações finais sobre as entrevistas e o grupo focal	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130
ANEXOS	136

**Um homem também chora
Gonzaguinha**

Um homem também chora
Menina morena
Também deseja colo
Palavras amenas...

Precisa de carinho
Precisa de ternura
Precisa de um abraço
Da própria candura...

Guerreiros são pessoas
Tão fortes, tão frágeis
Guerreiros são meninos
No fundo do peito...

Precisam de um descanso
Precisam de um remanso
Precisam de um sono
Que os tornem refeitos...

É triste ver meu homem
Guerreiro menino
Com a barra do seu tempo
Por sobre seus ombros...

Eu vejo que ele berra
Eu vejo que ele sangra
A dor que tem no peito
Pois ama e ama...

Um homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E vida é trabalho...

E sem o seu trabalho
O homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata...

Não dá prá ser feliz
Não dá prá ser feliz...

INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui-se como desdobramento de uma experiência anterior de investigação acadêmica, realizada no OSFE – Observatório Sociológico Família-Escola, entre os anos 2005 e 2007. Ingressei neste grupo de pesquisa como bolsista de iniciação científica do subprojeto “Caracterização dos alunos do primeiro ano do curso de Pedagogia da UFMG e análise sociológica do processo de escolha do curso superior vivido por esses alunos”, cujo responsável era o Professor Dr. Cláudio Marques Martins Nogueira.

Tal pesquisa abarcou em seu desenho metodológico dois momentos principais; no primeiro, foi traçado um perfil geral dos estudantes de Pedagogia da FaE/UFMG e, no segundo, através de entrevistas em profundidade, foi analisado o processo individual de escolha do curso vivido por alguns desses sujeitos. Assim, esse trabalho não tinha como objetivo simplesmente traçar o perfil geral dos estudantes de Pedagogia, e sim, buscar compreender sociologicamente como se dá o processo de escolha de um curso superior e que fatores são determinantes nessa tomada de decisão.

A pesquisa buscou compreender também o que podemos chamar de “irregularidades estatísticas” desse processo. Assim, entrevistas foram realizadas com os estudantes que não se enquadravam no que as pesquisas sobre o tema apontam como estatisticamente mais provável¹. Desse modo, buscou-se compreender, por exemplo, como e porque estudantes que apresentam um perfil social e escolar superior ao da média da Pedagogia da UFMG e que teriam, portanto, condições de buscar cursos de maior prestígio, optam por esse curso. (NOGUEIRA e PEREIRA, 2010).

¹ A partir da década de 80 uma série de pesquisas (NOGUEIRA e FONTES, 2004; LACERDA, 2006; ZAGO, 2000; VIANA, 1998), começaram a estudar o problema das exceções em sociologia da educação. Tais estudos apontaram que para além das grandes regularidades estatísticas existia um promissor e revelador campo de estudo sobre as irregularidades estatísticas.

Durante o desenvolvimento daquele estudo, a partir da análise dos dados e da pesquisa bibliográfica realizada sobre o tema, o gênero² revelou-se como uma dimensão importante que necessita ser mais explorada. Vários trabalhos publicados sobre o assunto apontam para o gênero como um dos determinantes da escolha dos cursos superiores (GOUVEIA, 1970; PAUL e SILVA, 1998; SETTON, 1999; entre outros). Há cursos que são escolhidos quase que exclusivamente por apenas um dos sexos³, como o caso o de Pedagogia, que é um curso onde, na FaE/UFMG, por exemplo, mais de 90% das matrículas são de pessoas do sexo feminino⁴. Enquanto isso, outros cursos apresentam uma distribuição mais equitativa de seus alunos segundo os sexos.

Assim, o objetivo deste trabalho é avançar na compreensão da dimensão do gênero na escolha dos estudos superiores, apreendendo como essa dimensão influencia nas decisões dos sujeitos. Como apontam, entre outros, Alves e Soares (2001), o gênero envolve expectativas socialmente definidas. E esses padrões ideais de comportamento para cada gênero, construídos pela sociedade, parecem influenciar os sujeitos no momento de sua escolha profissional. Em que medida essas expectativas sociais são determinantes no momento das escolhas profissionais? O que pode levar um sujeito a se desvencilhar dessas influências e buscar caminhos que contrariam as expectativas relacionadas aos gêneros masculino e feminino? Essas são algumas das perguntas que este estudo buscará investigar.

Para avançarmos no enfrentamento dessas questões, optamos por analisar um processo de tomada de decisão que pode ser considerado atípico: a escolha do curso de Pedagogia por indivíduos do sexo masculino. Como discutiremos ao longo da dissertação, o curso de Pedagogia e, sobretudo a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (que desde a recente homologação da Resolução do Conselho Nacional da Educação – CNE, sobre as Diretrizes

² Ao utilizar este conceito estaremos nos referindo às dimensões identitárias e culturais associadas às diferenças biológicas entre os sexos.

³ Este termo refere-se especificamente as diferenças biológicas entre os sexos e será utilizado apenas quando nos referimos à proporção de homens e mulheres em um determinado curso. O termo gênero, ao contrário, será utilizado sempre que se tratar das identidades ou dos papéis sociais masculino e feminino

⁴ Dado fornecido pelo colegiado da instituição em setembro de 2010.

Curriculares Nacionais para os Cursos de Pedagogia é um dos principais campos profissionais para o qual o curso pretende formar seus estudantes), são atualmente, fortemente associados ao gênero feminino.

Carvalho (1998) aponta que no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, já se encontrava a predominância do discurso que associava o magistério nos anos iniciais de escolarização às características consideradas femininas e especialmente ligadas à maternidade, como por exemplo, o amor às crianças, a abnegação e a delicadeza.

Decidimos então estudar os homens que contrariando as expectativas sociais escolhem Pedagogia na UFMG. Que homens são esses? Por que escolhem esse curso? Pretendem atuar como docentes ou fazem apenas a escolha por um curso mais acessível? Como lidam com os preconceitos? Como enxergam sua própria escolha do curso?

Mesmo não sendo um aspecto central dessa discussão é também interessante perceber que em relação às questões acima formuladas e à presença de um homem nesse “universo feminino”, existem algumas impressões, suposições ou mesmo resistências que permeiam o cotidiano da Faculdade de Educação.

Certa vez, por exemplo, ouvi uma estudante do curso se referir a um colega do sexo masculino da seguinte forma: “Como diria meu avô, é por isso que o feijão tá caro! Onde já se viu? Um homem desse tamanho fazendo Pedagogia...”. Ainda sobre essas “impressões”, nesse caso, principalmente em relação às professoras, existe uma frequente queixa relativa a alguns policiais do sexo masculino que frequentavam especialmente o ensino noturno. Sobre esse fato, costuma ser afirmado, entre outros fatores, que “não tem nada a ver” a presença deles na faculdade. “Eles só vêm em busca de um diploma pra melhorar seu salário”.

Também me recordo de ouvir em uma disciplina optativa, um homem, formado em Engenharia, contar que estava fazendo o curso pra se aproximar da filha e se inteirar mais “desse universo”. Por esse motivo, o maior interesse desse sujeito era

exatamente em relação àquelas disciplinas mais relacionadas à infância e à alfabetização. Essa disciplina optativa era frequentada por alguns indivíduos do curso de Engenharia Mecânica noturna, que a cursavam como matéria eletiva. Em certa ocasião, ao surgir uma “brincadeirinha” em torno de seu interesse “pelos temas mais femininos” do curso, esse sujeito, perguntou se aqueles estudantes conheciam a música de Pepeu Gomes: “... ser um homem feminino, não fere o meu lado masculino”, afirmando que, ao contrário do que eles podiam supor, esse era seu objetivo.

Diante desses fatos, outras questões se colocam: como esses homens vivem o cotidiano dessa faculdade? Como é seu relacionamento com colegas, professores e funcionários? Como lidam com as impressões de senso comum, as expectativas em relação ao gênero masculino, e mesmo as resistências à presença dos homens na Pedagogia? Essas também serão questões que buscaremos investigar.

Por último, cabe apontar que em termos gerais, cremos que os homens matriculados no curso de Pedagogia tenham uma idade mais avançada que a das mulheres e também uma maior inserção no mercado de trabalho, não necessariamente na área da Educação. Acreditamos também que serão encontrados pelo menos dois grupos: um primeiro, no qual a Pedagogia seja utilizada de uma forma mais “utilitária”, ou seja, como um meio comparativamente mais fácil de obter um diploma de Ensino Superior, e um segundo grupo, no qual a escolha por esse curso venha realmente de um desejo mais concreto de busca de seus saberes.

Para investigar essas questões, no primeiro capítulo, apresentaremos as principais discussões teóricas que nos conduziram ao problema de pesquisa e orientaram a construção do objeto de investigação. Fundamentalmente trataremos das pesquisas produzidas sobre a escolha do curso superior, faremos uma discussão em torno das questões relativas ao gênero e uma caracterização do curso de Pedagogia. Ainda neste primeiro capítulo apresentaremos com mais detalhes o desenho metodológico da pesquisa. Desde já vale anunciar que optamos por utilizar métodos quantitativos e qualitativos, com aplicação de questionários e realização de entrevistas e um grupo focal.

No segundo capítulo, analisaremos os resultados obtidos por meio do questionário aplicado aos alunos do sexo masculino dos cursos de Pedagogia diurno e noturno da FaE/UFMG. Analisaremos principalmente o perfil desses estudantes e faremos algumas considerações sobre as semelhanças e/ou diferenças encontradas entre esses e os demais estudantes do curso de Pedagogia.

No terceiro capítulo, discutiremos as informações obtidas por meio das entrevistas e do grupo focal. O que esses sujeitos contam sobre suas trajetórias? Como se deu o processo de escolha do curso superior? Em que medida o gênero teve influência nesse processo?

Nas considerações finais, destacaremos as principais conclusões que podem ser extraídas deste trabalho e apontaremos os aspectos que nos parecem mais promissores para serem investigados em projetos futuros.

**CAPÍTULO 1 – A CONSTRUÇÃO DO OBJETO E O DESENHO
METODOLÓGICO DA PESQUISA**

1 – A CONSTRUÇÃO DO OBJETO E O DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo será apresentado o desenho metodológico da pesquisa e discutidas as três temáticas a partir das quais foi estruturado o objeto de investigação: o Ensino Superior e a escolha das carreiras; gênero e a escolha do curso de Pedagogia; o curso de Pedagogia da UFMG e seus estudantes.

1.1 – Ensino Superior e a escolha das carreiras profissionais

A primeira Universidade do Brasil data de 1920. Durante o século XIX, no entanto, existiam alguns cursos superiores que visavam atender prioritariamente a elite colonial portuguesa e os grupos socialmente mais favorecidos. Tais cursos, posteriormente, foram extintos ou reagrupados no momento da criação das universidades.⁵

Cunha (2007) assinala que inicialmente, as primeiras universidades eram uma mera reunião formal das faculdades isoladas de Medicina, Engenharia e Direito, que também haviam se constituído com a principal finalidade de propiciar formação profissional necessária ao Estado e a elite. Após a terceira década do século XX, outras faculdades surgiram (Minas e Metalurgia, Odontologia, Arquitetura, Economia, Serviço Social, Jornalismo, Filosofia, Ciências e Letras) e também foram sendo incorporadas às universidades existentes.

Apesar da grande expansão que marcou o Ensino Superior no Brasil, especialmente nas últimas duas décadas⁶, o acesso a esse nível de ensino continua bastante restrito no país. De acordo com dados do INEP, em 2007, o número de matrículas no Ensino Médio era de 6.405.057. Já no Ensino Superior esse número cai para 1.945.615. Assim, do ponto de vista macroestrutural, o acesso a essa categoria de

⁵ Para um maior aprofundamento sobre o tema consultar: Cunha (1980), Teixeira (1989), Soares (2002).

⁶ De acordo com os dados do Relatório Técnico apresentado pelo Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2008), em 1991 o número de vagas oferecidas era de 516.663. Em 2000, esse número já era de 1.216.287 e em 2008 de 2.985.137.

ensino esbarra ainda na questão da oferta, uma vez que o número de vagas disponíveis para esse nível de ensino é inferior à demanda potencial⁷.

A ampliação das vagas e uma maior democratização do acesso aos estudos superiores têm ocupado lugar de destaque nos debates políticos sobre a educação e algumas políticas públicas têm sido implementadas no intuito de se atenuar esses desajustes. De qualquer forma, diante de um cenário no qual na maioria das instituições e para quase todos os cursos as vagas são inferiores à demanda, cabe aos concluintes do Ensino Médio que pleiteiam uma vaga no Ensino Superior, a escolha entre as opções disponíveis e a competição pelo acesso às vagas⁸.

Como observa Nogueira (2005), se partimos do senso comum, ou seja, de uma visão mais imediata do processo de escolha do curso superior, parece sensato dizer que esse processo se baseia nas preferências e afinidades dos sujeitos que, diante de todo um leque de opções, optariam pelo que lhes parece mais promissor e agradável. Sob essa ótica, a escolha da carreira profissional estaria mais ligada a esfera do indivíduo do que à esfera social.

Entretanto as pesquisas sobre o tema deixam claro que por mais que esse tipo de escolha possa parecer, à primeira vista, uma questão mais individual, definida de acordo com interesses, gostos e afinidades, a influência social não pode ser desconsiderada. É nessa perspectiva que as pesquisas sociológicas sobre o curso superior são construídas: o grande desafio, como aponta Nogueira (2005), é saber como as dimensões individual e social se relacionam e se complementam.

No campo da sociologia, de acordo com Setton (1999) e Nogueira (2005) as primeiras pesquisas sobre esse tema datam da década de 60 e tem o francês, Pierre Bourdieu como principal precursor. Em *Les héritiers*, 1964, o autor denuncia as contradições da ideologia da “escola libertadora”, apontando, de forma clara, que o

⁷ Esses dados são relevantes mesmo levando-se em consideração que parte significativa dos estudantes – algo em torno de 25% de acordo com os dados do INEP (2005), que concluem o Ensino Médio não pleiteia, ao menos imediatamente, por diferentes razões, uma vaga no Ensino Superior.

⁸ A ampliação das vagas no Ensino Superior (INEP, 2008) se dá prioritariamente nas instituições privadas, onde é possível inclusive se encontrar vagas ociosas. No entanto, a disputa por uma vaga na maioria dos cursos das universidades públicas, seja por sua qualidade de ensino ou por sua gratuidade, continua acentuada.

curso superior é, através de uma “seleção cultural”, destinado a um público seletivo e que a posição social dos estudantes guarda uma direta relação com o tipo de curso frequentado. O autor demonstra também que outras variáveis como idade, sexo e origem geográfica (rural ou urbana) influenciam na escolha do curso.

A partir dessas pesquisas pioneiras, vários autores também começaram a se dedicar ao estudo dos processos e fatores que levam à escolha de continuar ou não os estudos. Kodde e Ritzen (1979), por exemplo, chamavam a atenção para o fato de que a profissão e o nível de formação dos pais influenciam nesse processo. Assim, quanto maior a colocação social e o nível de escolarização dos pais, maior a procura pelos estudos superiores.

Willise Rosen (1979) deram mais um contributo nesta área do conhecimento ao apontarem que para além da importância do contexto familiar, os estudantes fazem o que eles chamam de cálculo de rendimentos do curso secundário e do curso superior. Assim, de acordo com esses autores, os estudantes realizam uma comparação dos possíveis rendimentos porvindouros em relação à futura formação. Esses cálculos teriam um importante e positivo efeito na decisão final e na procura por um Ensino Superior.

Ainda no plano internacional, Nogueira (2007) afirma que diferentes pesquisas realizadas nas últimas décadas como, por exemplo, Duru e Mingat, 1979 e Duru-Bellat, 1995, 2002, delineiam, de forma cada vez mais rica e clara, a existência de correlações entre a escolha do curso superior e categorias como sexo e classe social, entre outros. Em poucas palavras, essas pesquisas deixam claro que as propriedades sociais dos indivíduos influenciam diretamente na escolha de suas carreiras profissionais.

No Brasil, os primeiros trabalhos sobre o tema são de Gouveia (1968, 1970). Em seus estudos sobre a realidade brasileira, a autora relatava que as mesmas regularidades (correlação entre características sociais dos indivíduos e definição dos estudos superiores) observadas no âmbito internacional são aqui encontradas. Gouveia acentuava ainda a influência da questão étnica e de gênero nessas

escolhas. Assim, a autora abalizava que os homens tendiam a escolher os cursos das áreas de exatas e as mulheres tendiam a procurar os cursos mais voltados para o estudo das humanidades. Já em relação à questão étnica, a autora observava que os judeus e os descendentes de japoneses encaminhavam-se mais frequentemente aos cursos de ciências e tecnologias.

Outros autores também têm apresentado subsídios importantes para a compreensão do processo de escolha do curso superior. Setton (1999), Vargas (2010) e Heringer (2011) apontam, por exemplo, para a mudança do perfil dos estudantes recebidos pelo Ensino Superior e para a divisão interna que tem ocorrido no seio das universidades. De acordo com esses autores, a classe popular tem chegado cada vez mais à universidade, no entanto essa entrada tem acontecido mediante uma hierarquização dos cursos, ou seja, cabe aos estudantes das classes populares os cursos socialmente menos valorizados.

Paul e Silva (1998) por sua vez, ressaltam que os estudantes parecem conhecer o seu lugar. Dito em outras palavras, eles descrevem que existe um processo de autosseleção, anterior ao vestibular, na escolha das carreiras profissionais; os indivíduos já se candidatam ao vestibular dos cursos em que eles acreditam que terão condições de serem aprovados. A análise dos inscritos para o exame de seleção já apresenta as regularidades apontadas e as hierarquias observadas pelas pesquisas sobre os alunos aprovados para os diversos cursos.

Outros autores como Zago (2006) e Viana (1998) têm ainda se dedicado ao estudo de indivíduos das classes populares que contrariando os determinismos sociais conseguem chegar ao Ensino Superior. Essas autoras, que têm um olhar mais microsociológico e utilizam as entrevistas como principal metodologia, apontam que esses estudantes nem sempre conseguem fazer o curso que realmente desejam e frequentemente precisam conciliar estudo e trabalho. Ressaltam ainda que os estudos superiores não são aqui vistos como um “caminho natural” como no caso das camadas médias e a escolha do curso, muitas vezes se realiza pelo cálculo do que é possível ser feito. Zago (2006) aponta ainda que esses estudantes dizem perceber uma diferença de acesso ao conhecimento; eles sentem que os outros

estudantes estão “mais preparados” do que eles, ou, nos termos de Bourdieu, estão mais adaptados a cultura que é valorizada socialmente.

Desse modo, ao observar que as escolhas que realizamos ao longo de nossas trajetórias e em especial sobre o curso superior não são baseadas simplesmente em fatores de natureza idiossincráticas, interessa-nos aqui compreender, especialmente no que se refere aos os homens, como essa escolha pela Pedagogia foi sendo tecida ao longo de suas trajetórias escolares e sociais.

Como aponta Nogueira (2005, p. 25), é possível dizer que os indivíduos escolhem seus cursos superiores “... em função do modo como eles percebem a si mesmos, os outros indivíduos e a realidade em geral.”. A questão basilar que agora se apresenta, é a compreensão de “... como se constitui, se mantém e se transforma, ao longo do tempo, esse conjunto de percepções.”.

1.2 – Gênero e a escolha do curso de Pedagogia

No dia 28 de maio de 2008 o portal de notícias “Uol” publicou a seguinte reportagem: “Por que as garotas são melhores que os garotos na escola?”. Nessa reportagem, após a citação de várias pesquisas de cunho neurobiológico, a neurobióloga e Diretora de Pesquisa do Instituto Pasteur de Paris, Catherine Vidal, conclui: “As capacidades biológicas cerebrais são idênticas para os dois sexos, e rapazes e garotas apresentam as mesmas aptidões. Para explicar as diferenças, é preciso referir-se aos estereótipos sócio-culturais e aos comportamentos que deles decorrem.”.

Diante dessa afirmativa, a questão central deste estudo também se faz: se não há diferenças de aptidões entre os sexos, como explicar que a escolha dos cursos superiores seja tão influenciada por essa variável? Por que o curso de Pedagogia, por exemplo, é frequentado majoritariamente por mulheres?

Os primeiros estudos sobre gênero partiram dos movimentos feministas e tinham a questão da mulher como eixo. Estes trabalhos, ao apresentarem uma conotação política, e um discurso “apaixonado”, foram inicialmente muito questionados por sua falta de “neutralidade”. No entanto, esse discurso que mantinha um tom de denúncia, hoje é reconhecido por seu caráter de alerta e por suas contribuições do ponto de vista humano e social.

No Brasil, o termo começou a ser usado na década de 80 como forma de se evitar o determinismo biológico, implícito nos usos de outros termos como sexo e diferença sexual. Segundo Guacira Lopes Louro (1997) o gênero é a representação coletiva (sexual e histórica) que se faz da diferença entre os sexos. Assim, nas palavras da autora:

Não são propriamente as características sexuais, mas a forma como essas características são apresentadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas, que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma determinada sociedade e em um determinado momento histórico. (p. 21)

Ainda segundo Louro (1997), no que se refere à educação, se é no âmbito das diferentes instituições e por meio das práticas sociais que as questões de gênero são constituídas e se constituem, a escola, espaço de formação privilegiado dentre as demais instâncias e instituições sociais, é atravessada pelos gêneros em suas mais diversas manifestações.

Professores e estudantes, pais e funcionários, comunidade escolar externa e prestadores de serviços estão todos imersos num conjunto de representações que nos dizem, de forma muitas vezes implícita e silenciosa, quais os modos corretos de se vivenciar a identidade sexual. De certa forma, a escola, assim como toda a sociedade, ainda se organiza através da polaridade homem x mulher.

Antes mesmo do nascimento dos filhos, as representações e as expectativas dos pais em relação a esses são muito diferentes em relação ao sexo. As meninas devem usar vestidinhos e roupas cor-de-rosa e ter seu berço enfeitado por um bichinho de pelúcia; os meninos devem usar azul e provavelmente serão

presenteados com roupinhas do time de futebol predileto da família ou por alguma pelúcia de aviãozinho ou barquinho, por exemplo.

Mais tarde, quando estiverem entrando no universo do brincar, as meninas receberão bonecas e panelas, o que lhes “impregnará” do universo doméstico, enquanto aos meninos serão dados bolas e carrinhos, numa clara alusão à conquista do espaço social mais amplo e estímulo ao desenvolvimento de competências espaciais e analíticas. (ÉPIPHANE, 2008)

Na medida em que suas “capacidades mentais” vão se desenvolvendo, a criança vai aprendendo a se identificar com o “feminino” e o “masculino”. É assim também que durante a escolarização, pode-se observar uma tendência mundial de que as meninas se saiam melhor com as linguagens e os meninos com as áreas mais exatas e científicas. Tendência essa que parece manter-se também no Ensino Superior, uma vez que, como dito anteriormente, há uma certa regularidade em relação ao gênero e as escolhas profissionais.

No que se refere à escola enquanto espaço profissional é preciso considerar ainda que essa viveu historicamente uma interessante inversão relacionada ao sexo de seu corpo docente. O ensino que em seus primórdios era uma função exclusivamente masculina (somente os homens detinham o conhecimento), paulatinamente vai se tornando um campo de trabalho e formação prioritariamente feminino.

Tal processo, conhecido historicamente como feminização do magistério tem sido progressivamente mais estudado. De acordo com De Sá e Rosa (2004) alguns dos mais importantes historiadores do Brasil e do mundo tem se mobilizado e produzido análises sobre o tema que vão além da descrição histórica, apresentando também um interessante cunho sociológico.

A partir da década de 1860, há um rápido crescimento do número de mulheres no magistério. Tal processo se estende desse período ao início do século XX. Faria Filho e Macedo (2004) apontam que a ideia de que as mulheres eram mais

competentes que os homens para o exercício da profissão docente foi sendo construída aos poucos e que já ao final dos anos 30 é possível perceber em contrapartida, a construção da noção de incompetência dos homens em relação ao magistério.

De Sá e Rosa (2004) demonstram, que mesmo depois de mais de cem anos da evasão da profissão docente pelos homens, esse fenômeno vem sendo explicado pelas pesquisas em geral, devido ao desprestígio da profissão e aos baixos salários que aos poucos foram se tornando característicos desse ofício. No entanto, não há, de acordo com essas pesquisadoras, um único trabalho que enfoque especificamente a questão da presença masculina no magistério primário referente a esse período da feminização dessa profissão.

Faria Filho e Macedo (2004) também assinalam a necessidade de se estudar não só o processo de feminização, mas também o processo de desmasculinização do magistério. O que diziam esses homens sobre tal processo? O que a legislação apontava e o que estava envolvido nessa outra faceta do mesmo processo? Assim, nas palavras dos autores:

O fato de os homens terem deixado de entrar não é a mesma coisa que dizer que eles saíram. Afirmar isso significa que, talvez, devemos pesquisar as causas da desmasculinização do magistério tanto em razões externas a escola e ao aparelho escolar quanto ao incremento do processo de escolarização e nas transformações pelas quais passava a própria instituição escola. O justo equilíbrio entre os processos internos e externos ao processo de escolarização e à cultura escolar parece ser um caminho fecundo para responder às questões que temos elaborado a respeito da feminização do magistério em Minas Gerais e no Brasil. (p.2)

Diante dessa discussão sobre a desmasculinização do magistério, outra questão que se coloca, e que se relaciona diretamente com nosso objeto de pesquisa é a seguinte: o que levaria um homem hoje, após todo esse processo de feminização do magistério, especialmente das séries iniciais, a escolher a educação básica como campo de trabalho e como curso superior a Pedagogia? Que visão eles têm sobre esse processo? Que expectativas constroem em relação ao curso e ao seu futuro profissional?

Essas questões precisam ser pensadas a partir do que está no centro da noção de gênero. Sobre esse aspecto, Alves e Soares (2001) enfatizam que o gênero envolve expectativas socialmente definidas. Ao menino são permitidas coisas que são vetadas às meninas e vice-versa e tanto a família quanto a sociedade mais ampla educam as crianças de acordo com o seu sexo biológico, relacionando-o com o que a sociedade entende como masculino e feminino. Não se trata como aponta Vianna (2001, p. 90):

De afirmar que sempre foi assim ou que é inerente à nossa “natureza”. Trata-se, sim, de afirmar que as expressões da masculinidade e da feminilidade são historicamente construídas e referem-se aos símbolos culturalmente disponíveis em uma dada organização social.

Desse modo, o esquema binário homem/mulher cria e cristaliza concepções do que são atribuições e características femininas (dóceis, relacionais e afetivas) e masculinas (agressivos, militaristas e racionais) que dificultam as percepções de outras maneiras de se viver e de se estabelecer as relações sociais.

Helena Hirata (2002) em seus estudos sobre a sociologia do trabalho aponta, de forma bastante ampla e densa, a existência de expectativas distintas para homens e mulheres em relação as mais diferentes ocupações do mercado de trabalho. Tais diferenças, que segundo a autora possuem um cunho social, são fortemente marcadas por questões que envolvem o ideário da feminilidade e da virilidade.

Na obra de Bourdieu, essa tendência de que as mulheres se inclinam pelas Letras (área de humanas) e pelas áreas de formação docente, e os homens para a área de exatas, tem sua explicação pautada naquilo que o autor chama de “A dominação masculina”. Para esse autor, não só a divisão do trabalho entre os sexos, como toda a sociedade está organizada de acordo com parâmetros masculinos e são esses parâmetros que determinam essas permanências ou as eventuais mudanças nessa ordem social (e sexual) dos fatos. Entretanto, como esses parâmetros estão nos pilares de fundação de nossa sociedade há uma tendência de que esses mecanismos de dominação não sejam observados e que passemos a entendê-los

como mecanismos naturais, num processo que ele chama de transformação da história em natureza e do arbitrário cultural em natural.

A dominação masculina é um tipo de violência simbólica, suave, insensível e invisível a quem a está sofrendo. Ela se exerce em várias instâncias e das formas mais sutis, como através do falar, de um estilo de vida, dos gostos e das preferências, num processo no qual essa dominação é continuamente legitimada pelas práticas que ela mesma determina (BOURDIEU, 1999).

Para Bourdieu (1999, p.33) as relações sociais se exercem a partir da topologia sexual do corpo, de seus movimentos e deslocamentos, sendo dessa forma “imediatamente revestidos de significação social – o movimento para o alto sendo, por exemplo, associado ao masculino, como a ereção ou a posição superior no ato sexual reafirmaria continuamente a soberania masculina.”. Assim, para esse autor, não é o falo que embasa essa visão de mundo e sim essa visão de mundo que institui o falo como ponto de honra e virilidade. Não são as necessidades de reprodução biológicas que determinam a organização simbólica da divisão social do trabalho, é a construção arbitrária do biológico e do corpo que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão sexual do trabalho e a partir daí de toda a organização social. Nas palavras do autor “ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma ordem biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada.” (p. 53)

Vivemos num mundo sexualmente hierarquizado. As expectativas coletivas e sociais, principalmente no que se refere a ser homem ou mulher, no que se deve ou não fazer, no que é “natural” ou impensável, no que é normal ou absurdo, nada têm de abstrato. Elas estão inscritas em todas as instâncias sociais. Da mesma forma como as mulheres são submetidas a todo um trabalho de socialização que tende a diminuí-las e a pressioná-las a buscarem desenvolver valores como a renúncia, a paciência e o silêncio. Os homens, por sua vez, também são prisioneiros e, sem perceberem, vítimas dessa mesma representação dominante.

No caso do trabalho, Bourdieu (1999) aponta que a lógica essencialmente social que chamamos de vocação tem como efeito fazer um encontro harmonioso entre as disposições sociais e a dominação simbólica presente na estrutura social. É assim que as tarefas de subordinação são destinadas às mulheres, atribuídas como “virtudes” de gentileza e docilidade. Para esse autor, as vocações são sempre uma antecipação daquilo que se pode ser, e chama atenção para o fato de que o mundo do trabalho está repleto de grupos profissionais que funcionam como quase famílias, onde há um chefe (homem) que exerce sua função paternalista a um pessoal subalterno, principalmente feminino (secretárias, enfermeiras, assistentes...).

Ainda em relação ao trabalho, torna-se nesse sentido interessante observar como se dão as “exceções a essa regra”, a essa lógica previamente estabelecida do que é permitido aos homens e do que é do âmbito do feminino. Pereira (2008), em sua pesquisa sobre os homens na Enfermagem, que também é um curso majoritariamente frequentado por mulheres, demonstra que no interior dessa profissão, as relações hierárquicas entre os gêneros parecem permanecer. Em seu estudo ele percebeu que os homens têm uma maior tendência a ocupar os cargos de liderança, uma lógica pautada nos mesmos pressupostos sociais de poder, racionalidade e conhecimento científico, em detrimento aos elementos de fragilidade e docilidade atribuídos às mulheres. Outra alusão ao gênero apresentada por esse autor refere-se as “preferências” existentes pelos campos internos da Enfermagem. Os homens não são bem vistos para exercerem o trabalho na área ginecológica, por exemplo, ao contrário do que acontece na área da Ortopedia na qual os mesmos, devido ao constante uso da força física, são bem vistos.

Nesse mesmo sentido, Cardoso (2004) em sua pesquisa “Identidades de professores homens na docência com crianças: homens fora do lugar?” ressalta que os homens estudados por ele dizem não entender o magistério como uma profissão feminina, ao contrário, eles reforçam a importância de que essa profissão seja mais ocupada pelos homens, numa referência a superioridade do masculino em detrimento do feminino, já que acreditam que são melhores que as mulheres no trato com os estudantes, principalmente no que diz respeito a construção da autonomia dos mesmos. Também é interessante observar que os professores investigados

referem-se a si próprios como mais racionais e objetivos e, em contrapartida, referem-se às mulheres professoras como “sentimentais”, numa clara menção aos “papéis sociais” aqui discutidos.

Cabe ainda ressaltar que assim como Pereira (2008), Cardoso (2004) conclui que há certas áreas, como a alfabetização que são evitadas pelos homens, assim como existem aquelas como, por exemplo, as aulas de educação física ou motricidade que são preferidas por eles. Também nesse trabalho, Cardoso aponta para a tendência dos homens a se dirigirem para as “funções administrativas”, que são aquelas nas quais, segundo o autor, existem mais controle e poder.

Como se pode observar, as expectativas sociais em relação ao gênero e a “dominação masculina” parecem estar tão impregnadas que mesmo nos casos em que esses preceitos poderiam ser superados, como no caso das profissões que são ocupadas majoritariamente por mulheres, a “superioridade” do homem parece sobressair.

Nesse sentido, o que dizer sobre a escolha profissional realizada pelos homens aqui investigados por um curso tido como “feminino”, diante de todo esse imaginário social que os envolvem? O que levaria esses estudantes a se desvencilhar das “expectativas objetivas”, como apontado por Bourdieu, e a escolher um curso que carrega a marca da delicadeza e do cuidado? Como o desejo por esse curso surgiu? Houve algum tipo de resistência ou preconceito em seu meio social quanto a essa escolha? Estaria a dimensão do gosto pela profissão (como apontado por NOGUEIRA e PEREIRA 2010) presente na escolha do curso superior que realizam? Serão essas as questões investigadas neste estudo.

1.3 – O curso de Pedagogia e seus estudantes

Em relação ao curso superior em geral, em “Los Herederos: los estudiantes e la cultura” Bourdieu em conjunto com Jean-claude Passeron, já mostrava de forma clara que as diferentes camadas sociais são representadas nessa modalidade de

ensino de forma diferenciada, sendo as categorias mais representadas na educação superior aquelas menos representadas dentro da população em geral.

Um cálculo aproximativo de las posibilidades de acceder a la universidad según la profesión del padre hace aparecer que van desde menos de una posibilidad entre cien para los hijos de los asalariados agrícolas a cerca de 70 para los hijos de industriales y a más de 80 para quienes provienen de familias donde ejercen profesiones liberales. (p.13)

Seguindo essa lógica do acesso diferenciado e desigual ao ensino superior, é possível abalizar que, desse mesmo modo, determinados cursos parecem ter uma maior tendência a atrair determinado público. Assim, no que se refere ao curso de Pedagogia, de acordo com as pesquisas sobre o tema, este costuma ser frequentado majoritariamente, pelos indivíduos das camadas populares.

Nesse sentido, Nascimento, Souza e Ferreira (2011, p.12), em uma pesquisa sobre a escolha do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco, observaram que os discentes deste curso, “em sua maioria, provém de famílias de baixo capital cultural, sendo o estudante, na maioria das vezes o primeiro membro da família a alcançar os estudos superiores”.

Sobre esse mesmo aspecto, Gatti e Barreto (2009), em uma pesquisa de âmbito nacional sobre os Professores do Brasil, apontam que os pais e as mães dos alunos de Pedagogia são sistematicamente menos escolarizados que os pais dos estudantes dos demais cursos, sendo que mais da metade dos pais desses estudantes possuem somente até a 4ª. série e 10% deles são analfabetos.

No que se refere ao curso de Pedagogia da FaE/UFMG, esses mesmos dados podem ser observados, uma vez que os estudantes matriculados apresentam perfil social e escolar significativamente mais baixo que a média dos estudantes da UFMG. Os dados do Censo da universidade mostram, por exemplo, que, em 2006, enquanto 41,2% das mães dos alunos da UFMG possuíam formação superior, esse percentual era de 11,9 % entre aquelas cujos filhos cursavam Pedagogia diurno e 7,2% entre as dos alunos noturnos.

De acordo com Bourdieu (2010), as desvantagens vinculadas à origem social têm consequências mais marcadas e mais evidentes porque se manifestam ao mesmo tempo, pela eliminação pura e simples dos jovens dessas camadas e pela restrição das escolhas das carreiras disponíveis, entre os que conseguem escapar dessa eliminação. Assim nas palavras do autor:

Hay um 35% de posibilidades de que los hijos e hijas de los sectores altos cursen estudios de derecho, de medicina o de farmacia, porcentaje que se reduce al 23,9% para los hijos e hijas de los sectores medios, al 17,3% para los hijos e hijas de los obreros e a 15,3% para los hijos e hijas de los asalariados rurales. (p.21)

Nesse sentido, Tendi (2005, p.47) em seu trabalho sobre “La condición docente”; uma pesquisa realizada em quatro países da América do Sul, a saber: Argentina, Brasil, Peru e Uruguai aponta que:

A excepción de Brasil, la gran mayoría de los docentes nacieron y se desarrollaron en hogares con capital educativo medio y alto; en ese país, por el contrario, la mayoría de los docentes son hijos de padres con bajo grado de escolaridad (6 años o menos).

Ainda sobre a origem social dos estudantes de Pedagogia Saraiva e Ferenc (2010) em sua pesquisa sobre a escolha profissional do curso de Pedagogia por estudantes de uma instituição pública de ensino, que segundo as autoras, localizava-se na Zona da Mata mineira, demonstram que se pode identificar que os discentes do curso de Pedagogia são oriundos da classe média e média baixa.

Reis (2011), em sua pesquisa com estudantes de Pedagogia de cinco instituições situadas na cidade do Rio de Janeiro, também aponta que 41% dos estudantes de Pedagogia podem ser identificados como pertencentes a classe média baixa (com renda familiar entre 5 e 10 salários mínimos) e 38% pertencem aos setores de baixa renda, cujas famílias recebem, de três a cinco salários mínimos.

Segundo Gatti e Barreto (2009), apenas 26,2% dos estudantes de Pedagogia não trabalham e são inteiramente custeados pela família e em grande parte apresentam uma renda familiar de até três salários mínimos (39,2%). Sobre esse aspecto Saraiva e Ferenc (2010) apontam que a maioria dos discentes (85%) dedicava-se a outras profissões, tais como: agente comunitário de saúde; cozinheira de pensão;

repcionista; telemarketing; balconista; auxiliar de escritório de contabilidade; comércio; entre outros. Essas mesmas autoras demonstram ainda que é importante ressaltar que, em sua maioria, tratam-se de atividades profissionais de baixo prestígio social, cuja remuneração varia entre um e três salários mínimos; o que pode indicar uma correlação entre a origem da classe social dos discentes e as possibilidades limitadas de acesso a atividades profissionais de elevado prestígio social.

Sobre a idade dos discentes de Pedagogia, Gatti e Barreto (2009) abalizam ainda que esses estudantes são mais velhos; apenas 35% estão na faixa ideal. Sobre essa mesma variável Saraiva e Ferenc (2010) também encontraram que apenas 40% dos estudantes de Pedagogia do universo estudado têm entre 20 ou 21 anos, o que indica um ingresso mais imediato no curso.

Para Bourdieu, o atraso também é outra manifestação da desigualdade dos estudantes das classes mais desfavorecidas, que pode ser observado em todos os níveis dos cursos. A idade “modal”, que é aquela idade mais frequente para determinado nível de ensino, é mais baixa entre os grupos de maior capital e tende a crescer quando tratamos das classes menos favorecidas.

Outro dado recorrente nas pesquisas é a facilidade de acesso a esse curso. O curso de Pedagogia está entre os cursos que tem a menor média percentual para a aprovação no vestibular. Brito (2007) em sua análise dos dados do ENADE 2005, parece reforçar esses dados ao descrever que tanto em relação aos ingressantes, quanto em relação aos concluintes, o curso de Pedagogia é o que apresentou o resultado mais baixo neste exame, tanto nas provas objetivas, quanto nas questões discursivas.

Assim, apesar de, como afirma Reis (2011), não ser possível definir um perfil-típico, único, representativo dos (as) estudantes desse curso, os dados acumulados sobre o tema “sinalizam que as escolhas dos discentes não foram determinadas apenas por aspirações pessoais, mas, sobretudo, por condicionantes econômicos e sociais.” Nascimento, Souza e Ferreira (2011, p.18).

Outra característica do curso de Pedagogia é a frequência das mulheres. Sobre esse aspecto Tendi (2005, p.31) relata:

La docencia, en todos los casos analizados, es un oficio en el que prevalecen significativamente las mujeres. La Argentina tiene la fuerza de trabajo docente más feminizada (84,7%), mientras que Perú, donde la presencia de las mujeres sigue siendo dominante, registra el porcentaje comparativamente más alto de varones (37,5%).”

En el nivel primario, salvo en Perú, la proporción de mujeres es igual o superior al 90%.”

Em relação ao gênero Gatti e Barreto (2009) confirmam os dados de Tendi ao apontar que a média de mulheres matriculadas no curso de Pedagogia é de 92,5%, ou seja, os homens são apenas 7,5% desse universo. A atuação dos homens na docência variaria, no entanto, conforme o nível de ensino:

No que tange ao sexo do grupo, como é de conhecimento, a categoria dos professores é majoritariamente feminina (segundo a Pnad 2006, 83,1% *versus* 16,9% do sexo masculino), apresentando algumas variações internas conforme o nível de ensino. É assim que a quase totalidade dos docentes na educação infantil (98%) é de mulheres, prosseguindo com uma taxa de 88,3% no ensino fundamental como um todo e atingindo aí 93% entre os professores de 1^a. a 4^a. série com formação de nível superior... (p. 24)

Vidal (1998) assinala que já nos anos 30, no Rio de Janeiro, a matrícula de rapazes para o exame de admissão a escola secundária, que era realizada por quem queria ingressar na escola de professores era de apenas 10%. Sobre esse mesmo aspecto Mota (1994) traz uma inquietante fala de Afrânio Peixoto, Diretor Geral da Instrução Pública na época, sobre a frequência masculina ao curso de formação de professores:

O homem professor primário é uma aberração... [...] Diretor de Instrução que fui, nunca considerei sem desdém, os raros rapazes que se matriculam nas escolas normais. São falidos, que antecipadamente capitularam diante da vida, num país em que as utilidades masculinas oferecem compensações másculas. As mulheres que aspiram o magistério não, são o escol do sexo. (Afrânio Peixoto apud Mota et al., 1994. p. 175)

Além da questão de gênero, outra dimensão que se abre em torno dessa escolha improvável dos homens pela Pedagogia é exatamente aquela relacionada ao reconhecimento, prestígio e a rentabilidade da profissão. (SKEITON, 1991, apud CARVALHO, 1998), salienta que nas sociedades ocidentais, no modelo hegemônico de masculinidade, o trabalho remunerado aparece como destaque na percepção que os homens têm de si mesmos e seu sucesso profissional serve como medida no julgamento que fazem de si mesmos e de outros homens.

O prestígio e a rentabilidade da profissão também são alguns elementos a serem considerados ao se discutir a atratividade da carreira docente. Gatti, Nunes e Almeida (2010) demonstram a existência de grandes contrastes na visão dos jovens sobre o tema. Ao mesmo tempo em que eles conferem ao professor um lugar nobre e de relevância, os estudantes pesquisados também apontam que essa é uma profissão desvalorizada social e financeiramente. Esses autores também assinalavam o quanto é frequente no discurso dos entrevistados a referência à questão do “dom” e da “vocação”. Essa mesma observação é encontrada em Barreto (2010). Como discutido no item anterior e em referência aos citados autores é sabido que esse imaginário social da vocação está relacionado às supostas habilidades da mulher e a feminização do magistério. O que certamente contribui para a improbabilidade da escolha desse curso por indivíduos do sexo masculino, uma vez que, como aponta Welzer-Lang (2001) para ser um (verdadeiro) homem, os indivíduos do sexo masculino devem combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres.

Por outro lado, Gatti e Barreto (2009) chamam a atenção para alto índice de estudantes (65,1%) do curso de Pedagogia que apontaram a vontade de ser professor como principal motivo da escolha. Sobre esse mesmo aspecto, Saraiva e Ferenc (2010, p.9) ressaltam “o desejo de lecionar” e a influência da família como elementos importantes da escolha do curso, citando inclusive a fala de um colaborador da pesquisa que afirma ter sido sua escolha diretamente influenciada pelos membros de sua família, já que muitos eram da área de educação e aprovaram sua opção.

Há ainda um interessante trabalho de Brembeck (1977 p. 249) que buscara compreender “La decision de enseñar”. Neste estudo Brembeck demarca que além da influência da família, há também uma predominância da influência dos professores na escolha em ser professor. Em seu trabalho o autor ressalta a seguinte fala de um estudante entrevistado: “Cuando estava en la escuela me hice muy amigo de una de mis maestras. Me parecía la persona más agradable que había conocido em mi vida y poseía todos los atributos que espero tener algún día. És por eso que elegí la enseñanza.”.

Em termos gerais, Brembeck demonstra que os estudantes que fazem a opção por serem professores, em sua maioria, o fazem por uma grande identificação com este campo. Exemplificando essa afirmativa, o autor aponta que a imagem do professor como alguém culto, humano e com espírito de liderança, é mais comum entre os que desejam seguir essa carreira. Em contrapartida, entre aqueles que não manifestam esse desejo, a visão em relação aos professores possui um caráter mais “mecânico” e prático. Outro ponto ressaltado por esse autor é que “a decisão de ensinar” também está frequentemente relacionada às experiências positivas que esses estudantes tiveram mais cedo, seja em situações de acampamento, igreja, comunidade ou na própria escola.

Palazzo e Gomes (2012) abalizam que historicamente a profissão docente gozava de um maior prestígio social, que segundo os autores foi sendo perdido quando o papel tradicional dos docentes foi alterado. De acordo com esses autores os valores que se sobressaiam inicialmente eram os valores intelectuais e humanísticos e que hoje, ao contrário, prevalecem os valores economicistas e individualistas. É nesse sentido que atualmente as profissões mais valorizadas são justamente aquelas que estão associadas ao recebimento de altos salários.

Mais uma vez, as questões que orientam esta pesquisa reaparecem: Qual seria a relação desses homens que escolhem o curso de Pedagogia com a carreira docente? Existiria neles o desejo de ser professor ou de atuar na área de educação? Quais os fatores sociológicos (renda, relações sociais, entre outros) estariam influenciando essa escolha estatisticamente improvável? O que levaria esses

homens a decidirem, diante das expectativas sociais masculinas (do homem viril e mantenedor) e de todo um estereótipo de um curso tipicamente feminino, e que, além disso, apresenta baixo prestígio social, a optarem pelo curso de Pedagogia e não por outro curso qualquer? Que expectativas de futuro eles tem e em que medida “opiniões” como a de Afrânio Peixoto, citada acima, impactariam essa escolha? É diante de todos esses dados que a questão dessa pesquisa se faz: Homens no curso de Pedagogia: quais as razões desse improvável⁹?

1.4 – Desenho metodológico da pesquisa

As estratégias e procedimentos metodológicos que orientaram esta investigação foram as seguintes: aplicação de um questionário a todos os indivíduos do sexo masculino matriculados no curso de Pedagogia da UFMG no segundo semestre de 2011 e no primeiro semestre de 2012; realização de sete entrevistas semiestruturadas com um conjunto de estudantes selecionados; realização de um grupo focal.

A decisão de investigação de todos os sujeitos que estavam matriculados no curso de Pedagogia, independente do período que estavam cursando, justifica-se tanto por se tratar de um universo reduzido, inferior a 10% dos estudantes do curso, quanto pelo interesse de verificar se as avaliações que os indivíduos faziam sobre o curso e a docência mudavam ao longo do tempo. Assim, ao longo desse processo investigativo, no momento da triagem dos sujeitos a serem entrevistados, houve sempre o cuidado de selecionar indivíduos que estivessem matriculados nos diferentes períodos do curso.

Em relação ao questionário, esse foi feito como forma de se ter algumas informações básicas coletadas de maneira padronizada sobre todos os estudantes e ainda para servir como fonte de informações para se preparar as posteriores

⁹ Essa expressão é uma alusão ao título em português da obra de Bernard Lahire “Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável”, na qual o autor demonstra que existem razões mais complexas do que o simples pertencimento a uma dada categoria macrosociológica para explicar o sucesso e o fracasso escolar dos estudantes.

entrevistas. Para que fosse cumprida essa dupla função, o tipo de questionário adotado foi o misto, que continha tanto perguntas fechadas, que facilitaram a padronização dos dados, quanto questões abertas, que deram a oportunidade para que esses estudantes apresentassem suas opiniões sobre os diferentes aspectos abordados na pesquisa¹⁰.

No que se refere as entrevistas, essas foram realizadas de forma individualizada e de acordo com um roteiro básico, no qual as indagações propostas aos entrevistados foram, como assinala Gaskell (2004), um convite ao entrevistado para falar longamente e com suas próprias palavras sobre os temas apresentados. Tais entrevistas buscaram, em alguma medida, reconstruir a rede de relações sociais na qual o indivíduo estava inserido no momento da escolha do curso superior, visando identificar as principais influências intervenientes nesse processo. Buscou-se também, como propõe Lahire (1995, 2002, 2004) recuperar e avaliar o passado de cada indivíduo, a precocidade, intensidade e regularidade de suas experiências de socialização e o grau de coerência existente entre elas, de modo a entender a opção social e sociologicamente improvável pelo curso de Pedagogia.

Tais entrevistas foram realizadas buscando-se abarcar sujeitos de diferentes perfis sócioeconômicos e culturais (conforme identificado pelo questionário) e em diferentes momentos do curso (um ano de curso, dois ou três anos de curso e formandos do curso de Pedagogia 2011 e 2012). Houve também o cuidado para se escolher sujeitos dos diferentes turnos, pois como afirmam Ribeiro e Viana (2006), entre os turnos, existem diferenças significativas no perfil social e escolar dos estudantes de Pedagogia, sendo que os do turno da manhã apresentam uma série de vantagens sociais e acadêmicas. Para a escolha dos sujeitos entrevistados, foram respeitados ainda a vontade e disponibilidade desses para colaborarem com a pesquisa.

Quanto ao grupo focal, entre outras questões, essa opção esteve relacionada ao fato de que, como aponta Gaskell (2004), essa ser uma metodologia que proporciona informações qualitativas com rapidez. Dentro dos limites de uma

¹⁰ Para elaboração do questionário foram utilizadas as considerações de Babbie (2003).

Dissertação de Mestrado, seria impossível realizar entrevistas em profundidade com todos os sujeitos matriculados. Assim, aos sujeitos que não participaram das entrevistas fez-se o convite para que participassem de um grupo focal no qual foram investigados os pontos de vista e a opinião dos sujeitos relativas à escolha da Pedagogia e à influência do gênero nesse processo. Esta decisão está em consonância com o apontamento de Gatti (2005) de que o grupo focal pode ser muito útil para compreender os porquês de determinadas posições, os fatores que as influenciam e as motivações que subsidiam as opções. Ainda segundo Gatti (2005), o grupo focal é um grupo de discussão informal, que tem como pano de fundo um roteiro semiestruturado e que pode ter como desencadeador da discussão o uso de algumas mídias, como por exemplo, fotografias e gravuras representando “profissões masculinas”, “profissões femininas” e a profissão docente. O facilitador do grupo deve tomar o cuidado de não emitir posicionamentos e julgamentos, devendo ainda, facilitar as trocas e as discussões entre os participantes, procurando sempre manter os objetivos do trabalho em foco.

Assim, esse estudo propôs uma articulação entre as metodologias de pesquisa quantitativa (aplicação de questionário), para obter-se o perfil dos estudantes de Pedagogia do sexo masculino, e qualitativa (entrevistas semiestruturadas e grupo focal), para se investigar as razões pelas quais tais sujeitos escolheram a Pedagogia como formação acadêmica superior e particularmente, a influência do gênero em seu processo de tomada de decisão.

Cabe finalmente salientar, que a definição dos homens na Pedagogia como objeto de estudo, justifica-se principalmente pelo fato de ser a escolha desse curso por homens estatisticamente improvável, o que se configura num caso propício para a discussão do gênero na escolha do curso superior, uma vez que, a partir da “exceção à regra”, as pressões sociais podem se revelar de maneira mais clara.

Outro fator que torna importante esse estudo refere-se às características guardadas historicamente pelo curso de Pedagogia e pela profissão docente; ofício que viveu um interessante processo histórico, já discutido, de inversão da predominância de gênero. Inicialmente era uma profissão masculina e atualmente é um curso

frequentado majoritariamente por indivíduos do sexo feminino. Isso deixa claro que não há uma relação natural entre o ofício e o gênero feminino.

CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

2 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

Foram aplicados trinta e três questionários a alunos de todos os períodos e dos dois turnos do curso de Pedagogia da UFMG. O objetivo era encontrar todos os sujeitos matriculados no curso no segundo semestre de 2011 e no primeiro semestre 2012. Gatti e Barreto (2009) apontam que a média nacional de homens matriculados na Pedagogia é de 7%. Na FaE/UFMG, de acordo com os dados fornecidos pelo colegiado, esse percentual tem variado, nos últimos dez anos, entre 5 e 8%. Na época em que a pesquisa foi realizada foram encontrados trinta e três homens, o que significa uma média de 6% dos matriculados¹¹.

O questionário estava dividido em duas partes: uma fechada e outra aberta. Os itens investigados estavam relacionados ao perfil social dos sujeitos e seus familiares, à trajetória escolar dos estudantes, aos contatos com o campo de Educação anteriores à entrada no curso, ao processo de escolha do curso propriamente dito e a influência do gênero nesse processo.

2.1 – Análise das questões fechadas do questionário

2.1.1 – Perfil social dos sujeitos e seus familiares

Nesta seção, serão analisadas algumas variáveis tradicionalmente consideradas pela Sociologia da Educação quando se busca a caracterização dos sujeitos pesquisados. Considerar-se-á nesse item os dados do questionário relacionados ao capital cultural e econômico dos sujeitos

- Escolaridade dos pais

A escolaridade dos pais, em conjunto com o tipo de trabalho por eles realizados, são um dos maiores indicadores de pertencimento social que podemos observar. Os dados coletados sobre esse item foram:

¹¹ O número pequeno de questionários inviabiliza uma análise estatisticamente mais significativa. Os dados do questionário serão, portanto utilizados apenas de maneira exploratória, visando identificar alguns traços mais marcantes da população estudada.

Tabela 1 – Escolaridade dos pais¹²

Escolaridade	Mães	%	Pais	%
nunca foi a escola	2	6,06%	1	3,03%
ensino fundamental incompleto	10	30,30%	10	30,30%
ensino fundamental completo	6	18,18%	7	21,21%
ensino médio incompleto	-	-	-	-
ensino médio completo	6	18,18%	7	21,21%
ensino superior incompleto	1	3,03%	-	-
ensino superior completo	6	18,18%	4	12,12%
mestrado ou doutorado	1	3,03%	-	-
não tenho informação	1	3,03%	4	12,12%

Em relação às informações apresentadas acima, chama atenção em primeiro lugar, o baixo índice de escolaridade dos pais: a maioria dos pais dos estudantes estudou até o Ensino fundamental – dezoito pais e dezoito mães. Sete pais e seis mães têm o Ensino Médio e apenas quatro pais e sete mães têm Ensino Superior, sendo que uma das mães possui Pós-graduação em Letras. Chama atenção também o fato de que há certa equiparação entre pais e mães no que se refere aos níveis mais baixos de escolaridade, equiparação essa que não pode ser constatada nos níveis mais altos, onde as mães tem um maior acesso aos estudos superiores.

Conforme observava Nogueira (2006), o Censo 2006 da UFMG indicava que 9,5% das mães dos estudantes da FaE/UFMG possuíam curso superior, enquanto que a média das mães com curso superior da UFMG em geral era de 41,2%. Como mostra o quadro acima, os dados demonstram que 24,24% dos homens da FaE têm mães com curso superior. Esse dado pode sugerir que as famílias desses estudantes apresentam um perfil mais elevado do que aquele dos estudantes de Pedagogia em geral¹³.

¹² A tabela está ordenada em ordem alfabética: Mães e Pais.

¹³ Sabemos que podem ter havido mudanças no perfil do alunado entre 2006 e 2013. No entanto, como tivemos dificuldade para ter acesso aos dados gerais atualizados sobre os alunos da Pedagogia, utilizaremos, para fins de comparação, os dados de 2006 apresentados na referida pesquisa.

Em relação a esse item cabe ainda apontar os cursos de formação dos pais dos estudantes: entre os pais com curso superior têm-se duas profissões bastante valorizadas socialmente: três formados em Direito e um formado em Odontologia. Entre as mães com Ensino Superior temos os cursos de Gestão Pública, Administração, Geografia, Letras, Pedagogia e Normal superior, além de uma mãe com Pós-graduação em Letras.

Os dados sobre o curso superior dos pais são importantes por duas razões. Em primeiro lugar, eles podem ser um indicador a mais da origem social dos estudantes pesquisados. Em segundo lugar, pretendemos também investigar se o fato desses sujeitos terem parentes que estudam ou trabalham na área de Educação, possa ter tido alguma influência sobre a decisão dos estudantes em relação a opção pela Pedagogia. Nesse sentido, como veremos posteriormente, consideramos também o tipo de curso superior frequentado pelos irmãos dos estudantes.

Assim merece destaque o fato de que a grande maioria dos cursos superiores frequentados pelos pais ser da área de humanas, tendo, entre esses, alguns cursos ligados a formação de professores, especialmente no caso das mães. Os dados acumulados pela Sociologia mostram de forma clara que as camadas mais baixas da população, no momento da “escolha” do curso superior, tendem a procurar os cursos da área de humanas e em específico os de formação de professores, teríamos assim indicativo de um perfil relativamente modesto dessas famílias. Além disso, vale considerar que o contato dos sujeitos com pais que fizeram esses cursos pode também, em algum sentido, ter influenciado suas escolhas.

- Ocupação dos pais

Neste item, utilizaremos o agrupamento de ocupações do Manual do Candidato da UFMG¹⁴ como parâmetro de análise. De acordo com o citado Manual, as ocupações do agrupamento um são aquelas pertencentes aos mais altos postos, como banqueiro, deputado, senador, alto posto de chefia ou gerência em grandes organizações e outras ocupações com características semelhantes. O agrupamento

¹⁴ Tal agrupamento está disponível na íntegra nos manuais do candidato que são divulgados todos os anos antes da inscrição do vestibular.

dois refere-se basicamente as ocupações de nível superior. As do agrupamento três àquelas de Ensino Médio. As do agrupamento quatro referem-se a ocupações de nível básico, mas que exigem um grau mínimo de aprendizado profissional. As ocupações do agrupamento cinco são aquelas de profissões que não exigem qualificação, e por último, o agrupamento seis relativo às pessoas que se declaram como “do lar”.

O quadro dois, na próxima página, apresenta as ocupações das mães e dos pais dos discentes de Pedagogia investigados. Sobre a ocupação das mães é revelador observar que nove delas (em destaque) exercem ocupações relacionadas à escola e a educação em geral, o que, mais uma vez, pode ter influenciado na opção dos sujeitos pelo curso de Pedagogia. Sobre a ocupação das mães merece destaque também o significativo percentual de mães (treze) que foram identificadas pelos filhos como “Do lar”.

Outra análise importante nesse aspecto é aquela referente à questão de gênero. Os pais em sua maioria exercem profissões tidas socialmente como “masculinas”. Já no caso das mães, essa mesma tendência em relação ao gênero se mantém: 39,39% das mães não exercem profissões remuneradas e entre aquelas que exercem temos em geral profissões como diarista, cabelereira, costureira e em especial, profissões relacionadas ao universo escolar.

Em relação aos pais, um dos itens que mais chama atenção é a quantidade de falecidos (seis) e aposentados (dez). Entre os pais economicamente ativos, a maioria exerce ocupações de baixo prestígio social. Cabe apontar também que não temos nenhum pai que se insere no agrupamento um, ou seja, aquele de maior prestígio social. Ainda em relação à ocupação dos pais pode-se perceber certa equiparação entre o número de indivíduos que se encontra nos agrupamentos três, quatro e cinco.

Quadro 1 – Ocupação dos pais

Agrupamento	Mães	Pais
2	Pedagoga	Dentista – aposentado
	Professora (2)	Advogado (2) – sendo 1 falecido
	Diretora de escola – Normal Superior	Policia Rodoviário Federa/ Advogado e Pastor
	Administradora de empresas (2)	
	Contabilista	
3	Sócio proprietária de empresa de representação comercial	Sócio proprietário de empresa de representação comercial
	Professora rural	Servidor público federal
	Bibliotecária (2)	Funcionário público (Correios)
	Técnica em contabilidade de secretaria de escola	Funcionário publico federal (UFMG)/ atualmente aposentado. Comercio.
		Policia Militar (2) – falecidos
		Autônomo/ técnico agrícola
4	Auxiliar de serviços gerais em escola	Representante comercial – aposentado
	Cabelereira/manicure	Motorista – aposentado
	Costureira (3)	Comerciante (2) – falecidos
		Vendedor – aposentado
		Vigia – aposentado
		Gerente – falecido
		Metalúrgico
		Mestre de Obras – aposentado
		Porteiro
5	Faxineira/diarista (3)	Marceneiro (2) – um aposentado
		Pintor
		Garçon
		Lavrador/trabalhador rural (2)
		Lustrador
6		Servente – aposentado
	Do lar (13)	
		Desconheço

- Renda familiar

Em relação à renda, apenas seis estudantes apontaram uma renda familiar abaixo de dois salários mínimos. A maioria, dezesseis, apontaram uma renda entre dois e cinco salários mínimos. Nove estudantes apontam renda entre cinco e dez salários e dois assinalaram renda acima de dez salários. É interessante perceber que esse dado difere muito dos dados do Censo da UFMG de 2006 em que 49,2% dos estudantes de Pedagogia apresentavam uma renda inferior a dois salários e nenhum estudante assinalou a opção “acima de 10 salários”. No presente estudo fora encontrado entres os homens da Pedagogia que somente 18,18% encontram-se nessa faixa de menos de dois salários. A maioria, 48,48% dos estudantes tem renda de até cinco salários e 6,06% deles possuem uma renda superior a dez salários.

Tabela 2 – Renda familiar

	Ocorrências	%
Menos de 1 salário	1	3,03%
De 1 a 2 salários	5	15,15%
De 2 a 5 salários	16	48,48%
De 5 a 10 salários	9	27,27%
Mais de 10 salários	2	6.06%

Os dados sobre renda, em conjunto com a maior escolarização das mães e a significativa inserção dessas mães em ocupações relacionadas ao campo da Educação, podem ser um indicativo de que esses homens apresentam um perfil diferenciado daquele apresentado pelos estudantes de Pedagogia em geral, ou seja, pelo conjunto de homens e mulheres.

- Quantidade de irmãos e posição na fratria

Conforme a tabela a seguir, apenas dois dos sujeitos dessa pesquisa não têm irmãos. Dezessete sujeitos, ou seja, 51,51% têm famílias com três irmãos ou mais e os outros quatorze sujeitos possuem até dois irmãos. Nota-se, assim, que esses estudantes provêm em geral de famílias relativamente numerosas.

Tabela 3 – Quantidade de irmãos

Irmãos	Ocorrências	Faixas
Não tem irmão	2	2
1 irmão	5	14
2 irmãos	9	
3 irmãos	3	17
4 irmãos	8	
5 irmãos	1	
7 irmãos	2	
9 irmãos	2	
11 irmãos	1	

O tamanho da família é um fator importante para se avaliar a probabilidade de sucesso e longevidade escolar, principalmente em se tratando das famílias das camadas populares. Sobre isso, Bourdieu (1998a) afirma que é possível fazer um cálculo muito preciso das esperanças de vida escolar de um sujeito a partir do tamanho de sua família e da posição que esse sujeito ocupa na fratria.

Em relação à posição na fratria, essa foi muito equilibrada: onze disseram serem irmãos mais novos, onze apontaram ocuparem a posição intermediária e nove são os irmãos mais velhos. Dois estudantes não têm irmãos. O lugar na fratria é um importante item considerado pela Sociologia, pois é bastante discutido que nas classes populares, os irmãos mais velhos têm muitas vezes que interromper ou adiar seus estudos para se dedicarem ao trabalho e ajudarem no sustento de sua família. Por outro lado, ser irmão mais novo e, principalmente, ser filho único sociologicamente é muito mais vantajoso, uma vez que todos os investimentos podem ser destinados prioritariamente a esses filhos e a longevidade escolar desses costuma ser maior¹⁵.

Assim, se esses sujeitos, por um lado, trazem uma forte marca de pertencimento as camadas mais populares, pois em geral possuem famílias maiores, por outro lado, a posição na fratria, nesse caso, não nos trouxe nenhum indício mais claro.

¹⁵ Para uma discussão mais aprofundada sobre o tamanho da família e seu impacto na escolarização dos filhos, ver, por exemplo, Glória (2008).

- Irmãos com curso superior

Com relação a esse item, do acesso dos irmãos ao Ensino Superior, chama atenção o grande número de irmãos que já cursaram ou estão cursando uma faculdade. Esse dado se torna ainda mais relevante se ponderarmos que entre os que não possuem irmãos que já ingressaram no Ensino Superior podem estar aqueles sujeitos que ainda não estão na idade para o ingresso no mesmo.

Assim, apenas dez dos nossos estudantes não possuem irmãos com curso superior, dois não tem irmãos e os outros vinte e um sujeitos possuem. Os cursos são bastante variados. Separando os cursos por área temos:

Quadro 2 – Curso Superior Irmãos¹⁶

Humanas	Exatas	Biológicas/Saúde
Direito (11)	Administração (6)	Psicologia (3)
Letras (3)	Ciências econômicas (3)	Educação Física (3)
Pedagogia (2)	Eng. Agrônômica (2)	Medicina
Artes (2)	Matemática (2)	Enfermagem
Secretariado Bilingue	Tecnólogo de qualidade	Ciências Biológicas
Analista de RH	Agrimensura	Veterinária
Jornalismo	Produção Multimídia	
Relações Públicas		
Historia		

Apesar da maioria dos cursos serem da área de humanas, aparecem também vários cursos da área de exatas e biológicas. Destaque para o curso de Direito (onze irmãos fazem esse curso), para o curso de Pedagogia (dois irmãos) e para os cursos de licenciatura em geral (Letras, História, Artes, Matemática, Ciências Biológicas e Educação Física) que somados são doze. Destaque também para Psicologia (três) que alguns estudantes assinalam como um curso “próximo” ao curso de Pedagogia,

¹⁶ A classificação dos cursos por áreas não é isenta de ambiguidades. Aqui, utilizamos as provas da segunda etapa do vestibular como critério de classificação para as áreas humanas, exatas e biológicas/saúde.

sendo inclusive apontado por alguns como dúvida nos meses que antecederam o vestibular.

Ainda em relação a esse item é interessante perceber que se por um lado esses estudantes apresentam famílias bastante numerosas, por outro, a grande incidência de irmãos com curso superior pode sugerir, assim como em relação à renda e a maior escolarização das mães, que essas famílias não se constituem como exemplares típicos das famílias de camadas populares.

A grande incidência de cursos das áreas de humanas e de cursos relacionados à formação de professores, não só em relação aos irmãos, como também em relação aos pais dos estudantes, pode indicar, uma vez mais, que os mesmos podem ter tido algum tipo de influência na escolha pelo curso de Pedagogia.

- A idade dos discentes do curso de Pedagogia da FaE/UFMG

Os dados sobre a idade são um bom indicador do perfil dos alunos e de suas trajetórias escolares. Uma jornada escolar regular prevê a entrada na universidade por volta dos dezoito anos. Atrasos nessa entrada, geralmente marcam as trajetórias dos indivíduos das camadas populares e pode significar tanto interrupções e reprovações, quanto a necessidade de se atingir prematuramente o mercado de trabalho. Assim, para Nogueira (2002, p.52) “a idade constitui a variável que melhor consegue indicar o fluxo de uma trajetória, no sentido de evidenciar sua fluência ou, ao contrário, seu caráter acidentado ou errático”.

É importante explicitar que essa variável também pode influenciar a escolha dos estudos superiores ao restringir as possibilidades de opções mais ousadas, como ficar em um cursinho se preparando para um curso muito seletivo, no qual não se sabe se vai ser aprovado, ou escolher cursos fora de Belo Horizonte, por exemplo. Tendo uma idade mais avançada há ainda a possibilidade de que esses indivíduos já estejam casados e com família para sustentarem.

De acordo com Nogueira (2007) uma marca dos estudantes de Pedagogia é o ingresso tardio no curso. Nessa mesma direção, Ribeiro e Viana (2006) em seu

trabalho sobre o perfil dos estudantes de Pedagogia da FaE/UFMG apontam que o número de estudantes desse curso em idade regular na época de sua pesquisa era de apenas 9,84%. Gatti e Barreto (2009) abalizam também que, em nível de Brasil, apenas 35% dos estudantes de Pedagogia estão na faixa ideal.

No caso desta pesquisa, encontrou-se os seguintes dados:

Tabela 4 – Idade dos estudantes

Idade	Ocorrências
Idade “regular” – 18 a 24 anos	6
25 a 30 anos	8
30 a 40 anos	12
Mais de 40 anos	6

Os dados mostram que apenas seis sujeitos estão na idade que poderíamos chamar de regular, ou seja, possuem entre dezoito e vinte e quatro¹⁷ anos. Oito estudantes possuem entre vinte e cinco e trinta anos, doze estudantes possuem entre trinta e trinta e nove anos e seis possuem mais de quarenta, tendo o mais velho cinquenta e oito anos.

A hipótese inicial era a de que os homens da Pedagogia apresentassem realmente uma idade maior tanto em relação à média da universidade, quanto em relação as suas colegas mulheres. Esse fato, provavelmente está relacionado não só ao possível pertencimento a uma classe economicamente mais baixa, como também, à necessidade de trabalho, que como já apontado, tende a ser mais comum entre os indivíduos pertencentes a esses estratos sociais. Os dados mostram que, de fato apenas 18,18% deles estão em idade regular.

¹⁷ Considerando que foram investigados sujeitos de todos os períodos do curso de Pedagogia.

Ainda sobre a idade dos sujeitos alguns cruzamentos de caráter exploratório foram feitos na tentativa de se perceber se havia alguma associação com a escolaridade das mães e a renda familiar¹⁸.

Conforme os dados a seguir, podemos perceber que entre os menores de trinta anos a porcentagem de mães com curso superior é de 50%, enquanto entre os com mais de trinta anos o percentual é de 5,9%. Esse dado, assim como aqueles relativos ao percentual de mães com Ensino Fundamental, sugere um perfil mais elevado dos alunos mais novos do curso. No entanto, os estudantes com maior renda familiar estão entre os maiores de trinta anos de idade. Em relação a esse ponto, uma explicação possível talvez seja que esses estudantes, em função de sua idade, tenham uma efetiva participação na renda de suas famílias. De qualquer forma, em seu conjunto, os dados parecem indicar a existência de uma diferença significativa entre os estudantes mais novos e mais velhos.

Tabela 5 – Idade¹⁹ e Escolaridade das mães²⁰

	Até o Ensino Fundamental		Até o Ensino Médio		Ensino Superior		Total
Ate 30 anos	6	42,9%	1	7,1%	7	50%	14 100%
Mais de 30 anos	11	64,7%	5	29,4%	1	5,9%	17 100%

Tabela 6 – Idade e Renda familiar

	Até 2 salários mínimos		De dois a cinco salários mínimos		Mais de cinco salários mínimos		Total
Ate 30 anos	2	14,3%	8	57,1%	4	28,6%	14 100%
Mais de 30 anos	4	22,2%	7	38,9%	7	38,9%	18 100%

¹⁸ O número reduzido de casos impede qualquer análise estatisticamente válida. Busca-se com esses cruzamentos, portanto, apenas o levantamento de possíveis pistas a serem melhor investigadas posteriormente.

¹⁹ Um dos estudantes não informou a idade.

²⁰ Um dos estudantes afirmou não ter informação sobre a escolaridade de sua mãe.

- Estado civil e filhos

Esse é um dado interessante. De acordo com Nogueira (2006), os dados do Censo 2006 mostram que entre estudantes de Pedagogia da UFMG existiam mais pessoas casadas do que em outros cursos e do que na média geral dessa mesma universidade, que era de apenas 3,4%. Assim, uma hipótese sobre essa variável, era de que a maioria dos homens da Pedagogia fossem casados, e que talvez essa condição, assim com a idade avançada, fosse um constituinte de seu perfil.

Ao contrário do que se esperava, a maioria dos sujeitos (60,60%) são solteiros. Temos também doze casados e um divorciado. Treze deles têm filhos e a maior quantidade de filhos apontada foi três.

Entretanto, em relação à média de solteiros entre os estudantes de Pedagogia que de acordo com Nogueira (2006) era de 83,9%, os homens da Pedagogia são casados em uma proporção maior que as mulheres desse mesmo curso.

- Raça/etnia

Num país marcado pela desigualdade econômica e racial, onde os brancos, via de regra, pertencem às camadas mais altas da população e os negros e pardos às camadas mais baixas, essa variável pode ser um importante referencial para se definir o perfil social de um curso.

No que se refere aos dados coletados, nove indivíduos se disseram brancos, seis assinalaram terem a cor preta, dezessete parda e um não desejou declarar. Temos assim uma prevalência de pardos, sendo esses 51,51% dos estudantes. Se agregarmos ainda a esses dados o quantitativo dos que se declararam negros, esse percentual sobe para 69,69%.

Em relação a variável cor/raça, os dados do Censo de 2006 da UFMG apontavam que a média de negros e pardos na universidade como um todo era de 34% e o da Pedagogia 42%. Tomando esses percentuais como parâmetro de comparação, seria possível concluir que os homens entrevistados são negros ou pardos em uma

proporção bem superior a média dos alunos da universidade e do curso de Pedagogia em geral. Essa constatação, assim como a anterior relativa à idade, reforçaria, em alguma medida, a suspeita de que esses pertencem às camadas sociais mais baixas do que as das mulheres.

A análise desses dados, no entanto, precisa ser feita com cautela. É preciso considerar o fato de que nos últimos anos foram implementadas novas políticas de democratização do acesso à universidade que alteraram em parte o perfil socioeconômico e racial do alunado. A política de bônus, em especial, permitiu a inclusão de um número maior de negros e pardos. O percentual alto de não brancos entre os sujeitos dessa pesquisa pode, assim, em parte²¹, estar refletindo essa mudança mais geral no perfil da universidade.

- Trabalho e renda

De acordo com Gatti e Barreto (2009) apenas 26,2% dos estudantes de Pedagogia não trabalham e são sustentados pelos pais. No caso dos homens da FaE/UFMG apenas dois (6,06%) dos estudantes não trabalham e pretendem se dedicar somente aos estudos. Seis possuem bolsas de estudo na faculdade, vinte e três estão em empregos fixos e dois apontam que estão procurando emprego.

Os dados acima apresentados corroboram as hipóteses vislumbradas para esse estudo, já que, era esperado que a média dos homens inseridos no mercado de trabalho, por tudo que aqui já fora discutido, fosse maior tanto que a média dos estudantes de Pedagogia em geral, quanto que a média da universidade, que de acordo com Nogueira (2006) tinha um quantitativo de 76,1% de estudantes fora do mercado de trabalho.

Chama atenção, em especial, nesse item o fato de que dos vinte e três trabalhadores, quinze atuarem na área de educação: três professores do Ensino

²¹ De acordo com Peixoto e Braga (2011), desde a implementação pela UFMG do bônus para aqueles sujeitos que se declaravam negros e pardos, esse percentual, dos que assim se declaravam, teve um aumento de quase dez pontos percentuais, enquanto que a média daqueles que se declaravam como brancos decresceu na mesma proporção. É preciso ponderar, no entanto, que o curso de Pedagogia, segundo os mesmos autores, foi um dos cursos menos atingidos por essas mudanças, visto que já possuía alunos com perfil social mais baixo e um maior percentual de negros e pardos.

Fundamental e Médio, dois atores/professores de teatro, dois trabalham na secretaria da escola, um servente escolar, um aponta trabalhar na PBH (educação), um em editora, um coordenador de treinamento para professores, educador PROINFO integrado, técnico em assuntos educacionais, ONG, educador musical.

Essa variável relacionada à inserção dos homens no mercado de trabalho revelou-se muito importante. Ela sugere que a opção dos homens pelo curso de Pedagogia pode estar relacionada a um contato e a uma experiência anterior dos mesmos com a área, o que explicaria o desvencilhar dos mesmos em relação às expectativas sociais do gênero masculino. Assim, a ligação encontrada dos estudantes com a área de educação parece indicar que essa não tenha sido uma escolha aleatória e/ou possível e sim uma escolha pautada numa prática e no contato anterior com a área de educação em geral.

Em relação à renda, apenas três estudantes apontaram não possuir renda própria, sete possuem renda de até um salário mínimo, nove até dois salários, oito de dois a cinco salários mínimos, três de cinco a dois e apenas um dos estudantes apontaram uma renda maior que dez salários. Cabe ressaltar que dois dos estudantes não responderam essa questão.

A importância de se investigar esses dados refere-se também, entre outros fatores, às consequências que a inserção no mercado de trabalho pode trazer para os sujeitos: menos tempo para se preparar para o vestibular, menos possibilidade de escolha por cursos de tempo integral e menos disponibilidade para participar da vida acadêmica da universidade em geral.

Tabela 7 – Renda

	Ocorrências	%
Não possuo renda	3	9,09%
Menos de 1 salário	7	21,21%
De 1 a 2 salários	9	27,27%
De 2 a 5 salários	8	24,24%
De 5 a 10 salários	3	9,09%
Mais de 10 salários	1	3,03%
Não respondeu	2	6,06%

- **Religião**

Em relação à religião, onze estudantes disseram serem evangélicos ou protestantes, dez apontaram como religião o catolicismo, dois disseram ser espíritas, dois cristãos, um budista e os demais (seis) disseram não ter religião. Chama atenção neste item a incidência (24,24%) dos que marcaram a opção “outros” e apontaram serem apenas cristãos ou não terem religião.

A questão religiosa era uma hipótese que desejávamos investigar. No cotidiano da Faculdade de Educação percebemos que cada vez mais convivemos com pessoas ligadas às igrejas, principalmente aquelas protestantes e evangélicas. É grande também o número de pessoas que apontam terem relação com as escolas dominicais em geral. No entanto, não teremos como aprofundar essa discussão, pois no caso dos homens esse dado não apareceu como relevante. Apesar de cerca de 80% dos estudantes terem declarado terem uma religião, eles, com exceção de um dos sujeitos investigados, não relacionaram sua opção pelo curso com essa variável.

- **Turno**

Vários estudos sociológicos²² apontam a importância desse item, especialmente por evidenciar um pertencimento dos estudantes do noturno às camadas mais baixas da

²² Como por exemplo, Braga e Peixoto (2006) e Braga e Peixoto (2008).

população, enquanto aos estudantes dos níveis socioeconômicos mais altos da sociedade estão destinados o ensino diurno ou o ensino em período integral.

Os estudantes das camadas populares, em geral, principalmente pela necessidade de trabalho, acabam procurando o ensino noturno como forma de concluir e/ou dar continuidade aos estudos. Como essa pesquisa trata em especial dos estudantes do sexo masculino, esse item pareceu notadamente importante. Não se trata de dizer que as mulheres não trabalham ou não são cobradas quanto a isso, mas socialmente, como já fora discutido, a inserção precoce no mercado de trabalho é mais comumente cobrada dos indivíduos do sexo masculino.

Dos trinta e três estudantes que preencheram o questionário vinte e quatro estão cursando Pedagogia no turno da noite e apenas oito no turno da manhã – um assinalou as duas opções no questionário, provavelmente por ser um aluno irregular que faz disciplina nos dois turnos. Assim, como mencionado anteriormente, uma das hipóteses sobre essa marcada diferença em relação à opção pelo noturno pode estar ligada à necessidade do trabalho, que é algo mais particularmente cobrado dos indivíduos do sexo masculino, principalmente os das classes menos favorecidas.

Observações gerais sobre o perfil sócio econômico dos estudantes de Pedagogia investigados

Em relação ao perfil dos estudantes do sexo masculino do curso de Pedagogia da FaE/UFMG, temos então que a maioria deles está matriculada no turno da noite (72,7%) e apresenta uma idade mais avançada em relação a idade modal, que é aquela tida como regular (temos apenas um estudante com dezoito anos). Pode-se destacar também que são casados em uma proporção maior que a média da Pedagogia e da universidade e a grande maioria deles (51,5%) vêm de famílias numerosas, com mais de três filhos.

Outro item que precisa ser evidenciado é aquele referente à renda. Sobre esse ponto foi encontrado uma significativa diferença em relação ao perfil geral da

Pedagogia da FaE/UFMG, já que 27,3% dos sujeitos apontaram renda familiar de cinco a dez salários. Na referida pesquisa de Nogueira (2006) esse percentual era de 19,1%. Em relação à renda individual, Nogueira (2006) mostra que 35,7% dos sujeitos pesquisados não possuía renda. No caso dos homens da Pedagogia esse percentual é de 9,09%.

Merece destaque também a grande quantidade de irmãos com curso superior (63,6%) e o grande percentual de mães que têm sua ocupação ou sua formação ligada à área de Educação. Destaque especial para o fato de que dos vinte e três estudantes que apontam estar trabalhando, quinze assinalam trabalhos relacionados à área de Educação. Assim, em geral, os dados sobre o perfil social dos sujeitos e dos familiares dos estudantes do curso de Pedagogia parecem sugerir que a escolha desse curso não tenha ocorrido de forma aleatória.

2.1.2 – Trajetória escolar dos sujeitos

Interrupções na trajetória escolar após o Ensino Médio seja por reprovações no vestibular, necessidade de trabalhar ou por não vislumbrar essa continuidade de estudos, são uma das principais características da escolarização das camadas populares. Nesse sentido, como a hipótese inicial era a de que, assim como a média da Pedagogia, esses estudantes apresentassem um perfil social e escolar mais baixo, esse item se fez importante de ser investigado.

Em relação à escolarização desses sujeitos, os dados mostram que vinte e seis estudantes se formaram em escolas públicas, cinco em escolas particulares e dois alunos apontaram outros: supletivo e EJA também no ensino público ou por meio de bolsas de estudo. Além disso, dezessete dizem ter feito o Ensino Médio comum, oito o Ensino Médio profissionalizante (sendo dois formados em Magistério), quatro supletivo e um EJA. É interessante ainda observar que vinte e seis se consideravam alunos bons ou muito bons no Ensino Médio, seis disseram serem alunos regulares e apenas um se considerou um aluno fraco.

Quanto ao tempo que levaram para concluir o Ensino Médio, temos quatro não respostas, mas ao contrário do que se podia esperar, a maioria dos sujeitos (dezenove) teve um tempo de formação de três anos e, quatro sujeitos tiveram um tempo de formação de quatro anos, alegando estar esse maior tempo relacionado ao fato de terem feito cursos profissionalizantes. Houve também três sujeitos que gastaram cinco anos para concluir, um que gastou seis anos e um que demorou oito anos, o que provavelmente revela uma trajetória mais irregular.

Sobre o turno, a maioria (dezessete sujeitos) estudou no turno da manhã, doze à noite e quatro não responderam. Esse dado também chama atenção juntamente com a idade de conclusão do Ensino Médio: vinte e um terminaram os estudos antes dos vinte anos (sete com dezessete anos, dez com dezoito anos e quatro com dezenove anos). Nenhum terminou o Ensino Médio depois dos vinte e sete anos. Esse dado, assim como a posição na fratria e a escolarização dos irmãos, sugere que pelo menos parte dessas famílias parece se afastar de algumas das características mais comumente apontadas pelas pesquisas como características das famílias com baixa renda e escolaridade.

O ano de conclusão do Ensino médio é um dos dados mais reveladores: somente cinco alunos concluíram o Ensino Médio depois de 2005. Cinco terminaram depois do ano 2000 e todo o restante dos sujeitos (vinte e três) terminou o Ensino Médio na década de 80 ou 90. Esse, por sua vez, é um dado que sugere uma origem social mais modesta, pois como já apontado, possivelmente essa interrupção dos estudos e a entrada tardia na universidade está relacionada ao ingresso no mercado de trabalho.

Outra particularidade das camadas populares apontadas pelas pesquisas é o pouco conhecimento de língua estrangeira. Para fim de comparação, Nogueira (2006) assinala que enquanto 25,7% dos estudantes da UFMG em geral marcaram não ter nenhum conhecimento de língua estrangeira, no caso da Pedagogia 54,7% abalizaram a falta de conhecimento em línguas. Assim, chama atenção nesse item da pesquisa o grande número de alunos que marcaram conhecimento nulo em francês (dezoito) e o baixo número dos alunos (sete) que apontaram ter fluência em

alguma língua (dois em inglês e cinco em espanhol). Em relação à língua estrangeira “inglês”, dezesseis apontaram um conhecimento fraco e treze conhecimento razoável. Em francês, dez apresentam conhecimento fraco e quatro razoável (nenhum tem bom conhecimento em francês). Em espanhol, treze abalizam conhecimento fraco e treze razoável. Vale ressaltar que as pesquisas como, por exemplo, Franco et al (2007) e Dias et al (2008), também têm mostrado que o domínio de língua estrangeira é uma importante variável no sucesso ou fracasso no vestibular.

Esses dados sugerem que os homens do curso de Pedagogia, em sua maioria, tiveram trajetórias escolares regulares, sem grandes percalços e marcadas por algumas características tipicamente favoráveis como não repetência e ensino regular diurno. Por outro lado, os dados sobre língua, rede em que estudaram e mesmo o turno no Ensino Médio sugerem uma trajetória distinta daquela típica das classes médias e elites.

Do mesmo modo, cabe observar que a grande maioria não entrou imediatamente para o Ensino Superior. Como já fora apontado, as hipóteses em relação a essa entrada tardia são a necessidade de trabalho, a não aprovação no vestibular, o curso superior não visto ou não tido como caminho possível.

2.1.3 – Escolha do Curso superior

Sobre a escolha do curso superior vinte e dois estudantes disseram sempre ter pensado em fazer curso superior e cinco disseram ter começado a pensar alguns anos antes. Esse dado, principalmente se relacionado à grande quantidade de irmãos com Ensino Superior indica que provavelmente esses indivíduos vivem em um ambiente social, familiar e/ou extra familiar, no qual o acesso a esse nível de ensino era um destino possível ou mesmo provável.

Ainda sobre essa questão, um estudante não a respondeu e os outros cinco alunos apontaram que só começaram a pensar em fazer um curso superior um ano ou

alguns meses antes do vestibular. Ao contrário dos demais, esses homens talvez pertençam a ambientes sociais onde o acesso a essa modalidade de ensino é mais distante ou não possível aos sujeitos do meio.

É interessante perceber a inversão ocorrida quando a pergunta é sobre o curso de Pedagogia, em relação ao qual apenas quatro disseram sempre ter pensado em fazer Pedagogia, sete começaram a pensar alguns anos antes e vinte e dois começaram a pensar um ano ou alguns meses antes da inscrição para o vestibular. Sobre esse aspecto, Nogueira (2007) também aponta essa mesma correspondência. Esse autor observou ainda em sua pesquisa que, quanto mais favoráveis eram as condições da família e a trajetória escolar dos estudantes de Pedagogia pesquisados, mais tarde a opção por esse curso era vislumbrada.

O número restrito de dados impossibilita que os cruzamentos sugeridos por Nogueira sejam realizados. Diante desses dados, no entanto, é possível se fazer alguns questionamentos: quando e por que a Pedagogia que antes não fazia parte do universo de possibilidades desses sujeitos, apareceu como opção ou como escolha? Qual a influência do contato com a área de Educação nesse processo? Seria a Pedagogia uma espécie de escolha pelo possível? Ou poderia aqui se pensar em um gosto reprimido ou adiado como aquele apontado por Nogueira e Pereira (2010)? Teria tido a questão do gênero algum peso nessa escolha ou no adiamento dessa escolha?

Também é importante o contraste demonstrado nas questões relativas a outras possíveis escolhas. Dezenove estudantes marcaram que fariam curso fora da área de humanas. Dos outros treze que disseram não a essa resposta, apenas quatro apontaram dificuldades em relação às outras áreas e o restante assinala apenas desinteresse como causa. Sobre esse possível desinteresse, cabe lembrar o “gosto pelo possível” apontado por Bourdieu²³ e o baixo capital cultural apresentado por alguns desses estudantes, o que em certa medida pode restringir suas escolhas.

²³ Sobre o “gosto pelo possível”, ver, por exemplo, Bourdieu (2007).

Igualmente interessante perceber que vinte e dois deles, ou seja, 33,33% disseram que nos meses que antecederam o vestibular não tinham mais dúvida entre a Pedagogia e outros cursos. No já citado trabalho de Nogueira (2006), o percentual encontrado nesse caso foi o de 42,6% de dúvida. Pode-se assinar como hipótese nesse caso que esse maior índice de dúvida que antecede o vestibular no caso dos homens esteja relacionado ao gênero e ao prestígio do curso de Pedagogia.

Os outros cursos apontados pelos sujeitos são:

Quadro 3 – Cursos vislumbrados pelos estudantes

Faria um curso fora da área de humanas? Se sim, qual?	Nos meses que antecederam a inscrição para o vestibular ainda estava em dúvida entre a Pedagogia e outros cursos? Se sim, quais?
Biologia (5)	Filosofia (4)
Física (4)	Sociologia (2)
Matemática (4)	Geografia (2)
Administração (3)	Direito (2)
Química (2)	Letras (2)
Musica	Historia (2)
Ciências Contábeis	Comunicação
Meio Ambiente	Artes Cênicas
Arquitetura	Comunicação Social
Ed. Física	Administração
Odontologia	Ed. Física
Direito	Psicologia
Ciência da Computação	
Engenharia Mecânica	

Sobre esses outros cursos apontados pelos estudantes de Pedagogia é importante perceber que o universo e a variedade de cursos diminuem quando passamos da pergunta “que cursos faria” para a pergunta “se no momento da inscrição para o vestibular ainda estava em dúvida entre outros cursos”. Também é possível observar que entre os cursos que “desaparecem” estão alguns dos de maior prestígio, como

Arquitetura, Ciência da Computação e Odontologia. No caso dos cursos que permanecem ou prevalecem como dúvida ainda no momento da inscrição, a maioria das opções é da área de humanas e em especial de formação de professores. Estaria aqui presente a autosseleção discutida, por exemplo, em Paul e Silva (1998)? Os limites desta investigação quantitativa não nos permite distinguir conclusões neste caso.

Outro resultado importante refere-se à quantidade de vestibulares prestados por esses sujeitos, uma vez que essa pode ser uma informação reveladora sobre a entrada tardia na universidade. Esse dado também pode revelar uma “autosseleção” que pode ter sido feita devido a não aprovação em outros vestibulares mais prestigiosos.

No item referido acima, apenas cinco estudantes fizeram vestibular somente para o curso de Pedagogia²⁴. Onze dizem que fizeram também para outros cursos, mas não foram aprovados e dezessete disseram ter feito vestibular para outros cursos nos quais também foram aprovados. Destes, sete concluíram outro curso superior antes da entrada na Pedagogia.

Os outros dez estudantes que disseram terem sido aprovados em outros cursos, mas que não o concluíram, apontam o abandono (seis), além de quatro sujeitos que também abalizam o trancamento de matrícula. As principais razões elencadas são dificuldades econômicas (três) e desinteresse pelo conteúdo (três). Dois estudantes também assinalaram falta de tempo para frequentar o curso, um assinalou problema de saúde e o último falta de base por ter feito supletivo (esse estudante havia iniciado o curso de Engenharia Civil).

Entre os cursos iniciados temos Música, Matemática, Medicina (todos pelo mesmo estudante), Direito, Letras, Geografia, Biologia, Belas Artes, Engenharia Civil e Engenharia Elétrica. Temos mais uma vez uma grande presença dos cursos de formação de professores, mas nesse caso merecem destaque os cursos da área de

²⁴ Esse dado será melhor trabalhado adiante.

exatas, o Direito e Medicina, que são cursos mais concorridos e com maior predomínio de indivíduos do sexo masculino.

Sobre o futuro profissional, três apontam que não querem ou não têm certeza se querem trabalhar na área de Educação. Treze querem trabalhar na área, mas não como professores, cinco querem trabalhar como professores da educação básica, onze querem fazer mestrado e doutorado para trabalharem como professores de faculdade e apenas um não respondeu a essa questão. É basilar aqui salientar, que dos trinta e três estudantes investigados vinte e nove destacam sobre seu futuro profissional o desejo de seguir atuando na área de Educação.

Por último, quanto à forma de ingresso nenhum estudante assinalou transferência ou reopção de curso. Dos trinta e três estudantes investigados, vinte e nove alunos entraram por vestibular e quatro por obtenção de novo título. Entre os que marcaram “obtenção de novo título”, temos indivíduos formados em Letras, Direito, História e Filosofia²⁵.

Assim, quanto à escolha pelo curso superior, chama atenção, em especial, o fato de 66,7% dos estudantes terem assinalado que sempre pensaram em fazer curso superior, o que pode sugerir que grande parte desses sujeitos viviam em um ambiente onde o acesso a essa modalidade de ensino fazia parte de suas vidas. Destaque também para o fato de que vinte e nove sujeitos apontam o desejo de seguir trabalhando na área de Educação, o que por sua vez, pode estar relacionado ao contato prévio com o campo, seja por experiência própria ou através de terceiros.

2.1.4 – Contato com a área de educação

Outro ponto que merece destaque nessa análise refere-se aos contatos anteriores com o curso e a área de Educação. Esse fenômeno tem sido cada vez mais investigado pela Sociologia da Educação devido à importância que esse contato e o

²⁵ O caso desses quatro estudantes em obtenção de novo título será discutido mais adiante.

conhecimento do campo podem ter como influência na escolha do curso superior. Nogueira (2007, 2011), por exemplo, conclui que em relação a essa variável os dados são bastante claros, ou seja, quanto maior o contato e a experiência com a área de Educação, maior a antecedência com que surge a ideia de fazer Pedagogia.

Assim, também foi aqui investigado se o estudante já teria algum contato com a área, se conhece ou tem algum conhecido que trabalhe com educação e/ou que tenha feito Pedagogia. Apenas seis sujeitos responderam que não tinham contato ou conhecidos na área e dezessete apontam que já haviam trabalhado na área de educação antes de entrar para o curso. A relevância desse dado é extrema! Uma vez que pode indicar que grande parte dos homens escolhe esse curso a partir de um contato e um conhecimento mais profundo sobre o mesmo.

Cabe aqui lembrar que nove mães apresentam trabalhos relacionados com a área de educação e dois desses estudantes têm irmãos com o curso de Pedagogia, além de doze que fizeram cursos relacionados à licenciatura. Nesse sentido, de acordo com todas essas evidências parece possível dizer que a escolha da Pedagogia por grande parte desses estudantes não ocorreu simplesmente por ser um curso mais acessível ou possível, ou seja, para boa parte deles parece existir uma relação anterior com a área que estaria na base de seu processo de tomada de decisão.

2.1.5 – Pedagogia como único vestibular

A grande maioria dos discentes do curso de Pedagogia pesquisado assinalou que realizou outros vestibulares. Dentre esses estudantes, destacam-se então os cinco que disseram terem prestado somente o vestibular de Pedagogia para o qual foram aprovados. Pareceu-nos importante investigar se esses estudantes apresentavam um perfil diferenciado em relação ao conjunto de nossa amostra.

As idades desses alunos são dezoito, vinte e três, vinte e sete, trinta e dois e cinquenta e quatro anos, ou seja, apenas um deles buscou os estudos superiores assim que concluiu o Ensino Médio, já que todos afirmam o terem concluído em

idade regular. Quatro deles apontam uma renda familiar entre cinco e dez salários mínimos e apenas um deles estuda no turno da manhã.

Sobre a escolha do curso nenhum aponta que sempre pensou em fazer Pedagogia e nenhum deles afirma que quer ser professor. Três assinalam que querem trabalhar na área de educação, mas não como professores e dois que querem fazer mestrado e doutorado e seguir carreira acadêmica.

Destaca-se nesses casos que um deles é formado em Magistério no Ensino Médio, assim como sua mãe que é professora aposentada, e outro, que a mãe é formada em Normal Superior e é Diretora escolar.

Destaque também para o trabalho: um é auxiliar de escritório e parece menos inserido na área, todos os outros apontam trabalhos relacionados ao campo da Educação: professor, trabalho com teatro infantil, educador social e escola da família.

Como se vê, a análise desses cinco casos não revelou a existência de um perfil muito diferenciado. Cabe destacar, de qualquer forma, que assim como apontado no perfil geral dos estudantes, aqui o grande diferencial desses sujeitos parece ser o contato anterior com a área de Educação.

2.1.6 – Os formados: Pedagogia como segundo curso

Outra situação que nos chamou atenção foi o fato de sete, ou seja, 21,21% dos estudantes, já terem um curso superior e ainda assim estarem cursando Pedagogia. Diante disso, buscou-se investigar melhor esses sujeitos e suas motivações para a escolha da Pedagogia como uma segunda graduação.

Um desses estudantes não informou idade. Os demais possuem vinte e seis, vinte e oito, trinta e um, trinta e quatro, trinta e oito e quarenta e cinco anos. Os cursos realizados pelos sujeitos são: Ciências Biológicas, Filosofia, História, Letras, Direito

e Geografia. Em relação a esse fato cabe perceber que, excluindo-se o curso de Ciências Biológicas, os demais são cursos da área de humanas, sendo a grande maioria ligada à formação de professores.

As demais questões sobre raça, forma de ingresso no curso, turno, posição na fratria, religião, estado civil e filhos não trouxeram nenhum indício. Nesses itens as respostas dos sujeitos se dividiram igualmente entre as opções possíveis apontadas no questionário.

A escolaridade e ocupação dos pais desses sujeitos também não se destaca em relação aos dos demais. Apenas uma mãe tem Ensino Superior completo. E somente uma das mães também assinala trabalhar na secretaria de escola. Um destaque sobre a questão da escolaridade diz respeito aos irmãos desses sujeitos. Todos (exceto o filho único) têm irmãos com curso superior.

Os dados sobre a trajetória escolar merecem alguns destaques. Dois estudaram em escola particular. Todos concluíram o Ensino Médio com dezessete ou dezoito anos, destaca-se aqui também o fato de que apenas um deles cursou o Ensino Médio à noite. Em relação à língua estrangeira, um estudante se diz bom em inglês e em espanhol e outro, se diz bom em espanhol. O destaque em relação à língua se dá, pois entre os trinta e três questionários apenas sete estudantes apontam serem bons em alguma língua estrangeira. Esses dados podem sugerir que esses sujeitos provêm de famílias com um perfil um pouco mais elevado.

O item que mais merece destaque refere-se ao trabalho: dois são professores, três trabalham na área de Educação, mas não como docentes (sendo um ex-professor que quer voltar a dar aula), um trabalha na área administrativa (custos) e o outro é Técnico Social (trabalho relacionado a sua formação em Direito). Destaque ainda ao fato de que a mãe de um desses estudantes trabalha em uma escola. Também é interessante observar que quatro deles declaram ter familiares ou amigos que fizeram Pedagogia e três assinalam conhecidos que fizeram o curso. Isso pode indicar um maior conhecimento do curso e do campo de trabalho.

Sobre o futuro profissional, apenas dois deles dizem que querem atuar como professor, três dizem que querem trabalhar na área de Educação, mas não como professor e três querem fazer mestrado e doutorado para atuarem como professores de faculdade (um marcou as duas últimas opções). Nenhum marcou que não pretende trabalhar na área ou que ainda estava em dúvida quanto ao seu futuro profissional.

Outro dado muito importante é que todos eles afirmam que já haviam trabalhado como educador em escola ou em algum tipo de estabelecimento de ensino.

Assim apesar de somente um desses indivíduos ter apontado que sempre pensou em fazer Pedagogia, mesmo tendo postergado essa escolha, o que se destaca nesses casos é o forte contato com a área de Educação. Mais uma vez o contato mais forte com a área mostra-se como um fator associado à “escolha improvável dos homens pela Pedagogia”.

2.2 – Análise das questões abertas do questionário

Além das questões de múltipla escolha também foram feitas algumas perguntas abertas no questionário. Essas questões referiam-se principalmente ao tema gênero e buscavam, além de apreender mais diretamente as impressões dos sujeitos da pesquisa, procurar elementos a serem explorados posteriormente nas entrevistas.

A primeira questão aberta perguntava se eles tinham sofrido algum tipo de pressão ou preconceito por parte da família ou amigos por escolher Pedagogia. Nessa questão somente oito estudantes disseram não ter sofrido nenhum tipo de preconceito. Onze disseram ter sofrido preconceito de gênero e cinco preconceito em relação ao curso em si e a seu baixo prestígio e reconhecimento social. Os outros quatorze alunos disseram não ter sofrido preconceito explícito, mas mencionam coisas como estranheza, incômodo ou susto, por exemplo, para dizer das reações das pessoas mais próximas em relação a escolha do curso.

Chama atenção nesse aspecto o “susto” ou a surpresa que a maioria dos estudantes relatou terem causado em seus familiares ao apontarem a Pedagogia como opção. Fato que se torna ainda mais relevante quando percebemos que muitos deles já estavam (ou haviam estado) em contato com a área e de ter sido esse o principal motivo apontado por eles para a escolha da Pedagogia como profissão. Este aspecto parece refletir o quanto as expectativas profissionais associadas ao gênero estão presentes em nossa sociedade.

Outra questão perguntava se o sujeito acreditava que o fato de ser homem teria alguma influência em seu futuro profissional. Vinte e dois alunos apontaram que o maior preconceito seria em torno do trabalho com a Educação Infantil, sendo que dois apontam os receios da sociedade em relação à pedofilia. Quatro, por outro lado, disseram que acreditam que como existem poucos homens na área o fato de ser homem pode ser muito positivo. Os demais não responderam a questão ou deram respostas do tipo: “não sei” ou “acho que não”.

Na questão anteriormente citada, pode-se observar mais uma vez a marca das expectativas sociais. A maioria dos estudantes acredita que exista um forte preconceito em relação à inserção de homens no magistério, principalmente nas séries iniciais, nas quais as menções ao cuidado (mais vinculado ao “feminino”) são maiores. Interessante ainda perceber que em relação aos quatro que se referem a essa inserção de forma positiva, essa provavelmente não está vinculada aos cuidados com a criança.

Uma das questões que mais nos chamou atenção foi aquela que pedia para que os homens da Pedagogia apontassem os principais motivos para a escolha do curso: vinte apontaram algum tipo de contato com a área, seja como educador, como funcionário de escola, como voluntário em escola dominical, ONGs, entre outros. Doze apontam motivos bem generalistas como gosto pela área ou interesse pelo campo como motivos da escolha pela profissão. Sete, no entanto, apontaram motivos práticos tais como facilidade de acesso, ser a UFMG ou curso noturno, para citar alguns exemplos.

Como os dados quantitativos já haviam mostrado, no caso desses estudantes, a escolha pela Pedagogia não parece ter sido realizada de maneira aleatória, ao contrário, foi apontado que a maioria desses discentes estava, em alguma medida, inserido no campo da Educação.

Outro item interessante refere-se ao grau de satisfação com o curso. Vinte e um se dizem satisfeitos e realizados com o curso. Dez se mostram parcialmente satisfeitos, apontando como principal crítica o enfoque na Educação Infantil e nos anos iniciais. Neste caso, mais uma vez, as expectativas em relação ao gênero parecem prevalecer. Ainda sobre esse item, cinco estudantes declaram-se como não satisfeitos. Em relação a esses últimos, as críticas ou os motivos apresentados são “pobreza conceitual do curso” e “curso mal estruturado com conteúdos superpostos que não dialogam”. Os demais abalizam o enfoque restrito a área de Recursos Humanos e Educação Social, uma vez que, segundo os mesmos, imaginavam que o curso tratasse da Educação em seu sentido mais amplo.

O questionário contava também com uma questão aberta que perguntava se eles queriam fazer algum outro comentário ou observação em relação ao tema. Somente oito alunos não escreveram nada nessa questão. Onze alunos defenderam a participação dos homens na Educação, apontando inclusive que uma maior presença de homens no curso de Pedagogia poderia diminuir o preconceito em relação à profissão. Dois fizeram comentários dizendo que percebem que a maioria de seus colegas homens pensam em seguir carreira acadêmica, tentando o mestrado e o doutorado. Os demais fizeram considerações mais pessoais elogiando o curso, dizendo do quanto o curso lhes foi útil e “abriu” suas mentes, falaram sobre a desvalorização da profissão e da dificuldade em lidar com esse estigma, do machismo da sociedade que “cristaliza” certas expectativas, entre outros assuntos.

Essa grande manifestação dos sujeitos nessa pergunta nos surpreendeu. Talvez esse seja um indício de certo incômodo por parte dos sujeitos em relação ao tema abordado na pesquisa, principalmente em se tratando das “defesas” em relação ao ingresso dos homens nessa carreira.

2.3 – Considerações finais sobre os dados coletados por meio do questionário

Cabe por último, relatar que ao se buscar os sujeitos dessa pesquisa, era frequente o relato dos estudantes de Pedagogia, de que em sua turma havia um ou dois homens, mas que ele(s) desistiu(ram) logo no início²⁶. Diante deste fato, e recorrendo a literatura sobre o tema foi possível perceber que o “abandono” tem se configurado cada vez mais como tema de estudo.

Apesar dessa discussão não ser central na pesquisa, é necessário destacar que os questionários aplicados, não atingiram todo o conjunto dos estudantes que entraram para o curso de Pedagogia da FaE/UFMG, e sim os que continuam frequentando o referido curso. Tal fato, portanto, pode ter um importante impacto nos resultados da pesquisa, uma vez que, os estudantes que saíram, provavelmente eram os que tiveram uma relação menos harmoniosa com o curso.

Autores como Ezcurra (2011) e Braga, Peixoto e Bogutchi (2003) apontam que o abandono estudantil no Ensino Superior, tem se tornado cada vez mais recorrente, e tem como pano de fundo, entre outros fatores, a democratização do ensino em geral e do acesso ao Ensino Superior em particular.

Ezcurra (2011) e Braga, Peixoto e Bogutchi (2003) chamam a atenção para o fato de que, como apontado pelos estudantes de Pedagogia da FaE, o abandono acontece principalmente nos primeiros anos, ou no primeiro ano do curso. Ezcurra abaliza também que essa evasão é mais recorrente entre aqueles sujeitos que representam a primeira geração da família a entrar no Ensino Superior, sendo esse, como assinalado acima, outro dado que remete aos estudantes pesquisados. Braga, Peixoto e Bogutchi (2003) evocam ainda que esse fenômeno é mais comum nos cursos de formação de professores e nas ciências exatas. Por sua vez, Ezcurra (2011) se refere também ao trabalho. Fato que se mostra desfavorável especialmente quando aliado a uma carga horária alta.

²⁶ Quadro homens/turma em anexo.

Braga, Peixoto e Bogutchi (2003) concluem que o rendimento escolar é um fator determinante para a evasão dos sujeitos, ou seja, o percentual de retenção e reprovação nas disciplinas por parte dos que abandonam seus cursos, é expressivamente maior do que o dos graduados. Esse fator pode ser percebido principalmente nas ciências exatas.

Já em relação as licenciaturas, a análise mais pertinente parece ser aquela apresentada por Diniz-Pereira (2011) que ressalta que entre os cursos mais prestigiosos como Odontologia e Medicina por exemplo, as taxas de abandono são muito menores. Nesse sentido, a baixa expectativa de sucesso profissional e o desprestígio da profissão parecem ser as principais influências no abandono desses cursos.

Os estudiosos do tema também convergem para o que Ezcurra chama de “una inclusión excluyente”, ou nos termos de Emílio Tenti (2007) “un sistema de inclusión escolar y exclusión cultural” desses sujeitos que chegam aos estudos superiores apresentando desvantagens acadêmicas e culturais e ainda um menor conhecimento sobre a vida universitária em geral. Nesse sentido os autores ressaltam, também aqui, a importância da obra de Pierre Bourdieu, abalizando, por exemplo, em Ezcurra (2011, p. 35) que a acumulação pessoal do capital cultural está:

...muy vinculada a las trayectorias educativas previas, no sólo incide en las posibilidades de ingreso y en qué institución estudiar, sino que además desempeña un rol nodal en las oportunidades de éxito que los alumnos tienen en el grado – también en la permanencia y el abandono.

Outro ponto que merece destaque é a interessante observação que Braga, Peixoto e Bogutchi (2003) fazem em relação ao gênero, apontando que o índice de evasão é bem menor entre as mulheres do que entre os homens. Assim, de acordo com esses autores, seguindo a lógica do bom desempenho, como fator determinante do abandono, como as mulheres, desde o primeiro momento, apresentam melhor desempenho que os homens, essas estariam menos propensas a esse aspecto. Uma segunda hipótese apresentada pelos pesquisadores refere-se ao mercado de

trabalho e ao papel atribuído aos homens (de provedores) pela sociedade, no qual os mesmos poderiam ser mais propensos a abandonar os estudos em busca de uma atividade remunerada. Os autores apresentam ainda uma terceira hipótese que toma os aspectos culturais como base e ressalta que as mulheres são educadas para enfrentar sacrifícios e desafios de longo prazo, sendo por isso mais persistentes que os homens, que por sua vez são educados para situações de competição e de curto prazo.

Porém, como já destacado, não sendo o abandono, um tema a ser investigado mais profundamente nesse estudo, o propósito dessa breve discussão, foi nos mostrar cientes em relação ao tema, e principalmente, apontar a necessidade de mais estudos referentes a ele e a seus possíveis impactos.

**CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS QUALITATIVOS: AS
ENTREVISTAS E O GRUPO FOCAL**

3 – ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS: AS ENTREVISTAS E O GRUPO FOCAL

Neste capítulo será apresentada a análise da parte qualitativa dos dados da pesquisa. Num primeiro momento, será realizada uma caracterização das trajetórias individuais de sete estudantes de Pedagogia entrevistados durante a pesquisa. Buscar-se-á entender quem são esses homens e como a escolha do curso ocorreu, investigando para isso, suas histórias sociais e escolares e os contextos em que estavam inseridos. O principal objetivo nesse caso é que, por meio desses sujeitos, a escolha dos homens pela Pedagogia possa ser melhor compreendida.

A escolha dos sujeitos entrevistados não foi feita de forma aleatória, mas sim, tentando abarcar algumas das principais variáveis consideradas na pesquisa como, por exemplo: idade, turno, renda, posição na fratria, formação dos pais e perfil social e escolar. Além dessas variáveis, tentou-se garantir também a seleção de entrevistados que haviam manifestado pretensões diferentes quanto ao futuro: pretender ou não trabalhar como professor, ter ou não alguma experiência com a área da educação, ter outras motivações que não as escolares, como por exemplo, relacionadas a participação na igreja, ou em movimentos sociais e culturais para a escolha do referido curso.

Buscamos também selecionar casos extremos, por exemplo, entrevistar o sujeito mais novo e o mais velho do curso, mas isso nem sempre foi possível, como nesse exemplo da idade, em que o mais novo não deixou contato e o mais velho deixou apenas um e-mail “não valido” como contato. O mesmo ocorreu em relação ao grupo focal. Nesses casos, seguindo a orientação do COEP, outros sujeitos foram procurados. Os casos extremos foram buscados na tentativa de que algumas diferenças relativas ao desejo ou não de se trabalhar na área, ou a diferença entre os capitais econômicos e sociais, por exemplo, pudessem ser percebidas.

Outro elemento analisado nesse capítulo será o grupo focal que foi realizado com alguns dos estudantes que responderam ao questionário, mas que não haviam participado das entrevistas. Nesse caso, o principal interesse foi o de compreender

as impressões e os sentimentos dos sujeitos sobre a questão de gênero e a escolha dos estudos superiores.

Essa investigação tinha também o interesse de compreender em que medida a orientação sexual dos estudantes poderia influenciar (ou não) a escolha dos sujeitos. No entanto, em nenhum momento da pesquisa, algum dos sujeitos declarou possuir uma orientação que não a heterossexualidade, o que impossibilitou que essa dimensão fosse abarcada nesse estudo.

Cabe ainda ressaltar que dos trinta e três estudantes que responderam ao questionário, três não deixaram contato para a parte qualitativa da pesquisa. Um ponto comum entre esses estudantes que não deixaram contato talvez esteja relacionado ao fato de serem novatos e não estarem ainda ambientados com o universo da pesquisa acadêmica uma vez que dentre esses três sujeitos, dois estavam no primeiro período. Também não foi possível fazer contato com outros três sujeitos que deixaram apenas seus e-mails que foram, por sua vez, acusados como “não válidos”.

3.1 – Conhecendo os estudantes de Pedagogia e suas trajetórias: a análise das entrevistas

Cada uma das histórias aqui discutidas e analisadas será organizada abarcando-se uma caracterização do indivíduo e de sua família, sua trajetória escolar mais ampla, a escolha do curso superior, rede social (amigos, familiares, igreja, movimentos sociais), gênero e pretensões futuras em relação ao curso de Pedagogia. Cabe ressaltar que todos os nomes apresentados são fictícios.

Conforme o quadro a seguir, será apresentada a análise da entrevista dos seguintes sujeitos²⁷:

²⁷ Ao total foram entrevistados nove sujeitos. No entanto, duas dessas entrevistas não foram discutidas por não apresentarem informações significativas. Foram também realizadas duas entrevistas anteriores a estas como o objetivo de se testar questões e abordagens.

Sujeitos	Idade	Características marcantes	Trabalho atual
Aurélio	38 anos	Sonhava ser médico	Agente dos correios
Túlio	22 anos	Reprovado em Geografia	Coordenador de treinamentos
Geraldo	49 anos	Reprovações no vestibular	Servente escolar
Henrique	53 anos	Aprovações no vestibular	Empresário
Alex	23 anos	Aprovado em Teologia	Bolsista
Leonardo	26 anos	Formado em Biologia	Professor
Edemar	34 anos	Formado em Direito	Trabalha na área do Direito

Aurélio

Aurélio é negro, evangélico, tem trinta e oito anos e está cursando aproximadamente o oitavo período do curso de Pedagogia no turno da noite. Ele é casado, tem duas filhas e ingressou na faculdade através do vestibular.

Aurélio é o irmão mais velho de uma família de cinco irmãos e nenhum dos outros irmãos cursa ou cursou o Ensino Superior. No que se refere à escolaridade de seus pais o estudante afirma não ter informações precisas a respeito. Recorda-se somente que sua mãe trabalhava como faxineira. Sobre a escolaridade e ocupação de seus avós, afirma não ter informação.

Em relação a sua escolarização, apesar de se considerar um bom aluno e de dizer que sempre gostou muito de estudar, teve uma trajetória escolar bastante irregular. Aos seis anos, após a morte do pai, ele se mudou para São Paulo para morar com uma de suas Tias e nessa cidade cursou da primeira a sexta série em uma escola municipal próxima a sua residência. Aos treze anos, Aurélio voltou para Belo Horizonte para morar com sua mãe, onde cursou a sétima série também em uma escola municipal próxima a sua residência. Como a convivência com o Padrasto “não foi muito fácil”, Aurélio voltou a morar com a Tia em São Paulo, onde frequentou a oitava série. Com o primeiro grau concluído Aurélio retorna a Belo Horizonte, para morar novamente com sua mãe. Em Belo Horizonte ele cursa o

primeiro e o segundo ano do Ensino Médio, porém abandona os estudos após tomar duas bombas seguidas. Só conclui o Ensino Médio aos vinte e seis anos, na modalidade EJA, por incentivo da empresa em que trabalhava. Aurélio é carteiro e funcionário público dos Correios.

Apesar de todas essas dificuldades, Aurélio reafirma várias vezes durante a entrevista que sempre gostou muito de estudar. Ele aponta ainda que na época de estudante sua área preferida era a área de exatas e que por isso escolheu fazer o curso técnico em contabilidade. No entanto, o estudante diz não ter gostado do curso e ter se arrependido de não ter feito o “científico”, referindo-se a “um Ensino Médio mais global nos moldes que temos hoje”. O estudante relata também que a família não participava muito de sua escolarização: “40% era com eles e 60% comigo. Eu é que me cobrava muito. Me cobro muito até hoje.”. Aurélio diz que sua maior influência era o Tio que o criou e que era mecânico da aeronáutica. No entanto, apesar dessa referência de “sucesso” do Tio ele nunca pensou em ser mecânico e sempre desejou possuir uma empresa ou ser médico.

O estudante aponta esse Tio como seu maior exemplo. Era o Tio quem lhe cobrava o estudo: “apesar de não acompanhar de perto, se eu tirasse nove ele dizia: “tem que tirar é dez! Nove é muito pouco!”. Outra revelação feita por Aurélio era que membros da família do Tio tinham acesso ao Ensino Superior. Em função disso, ele diz que sempre pensou em fazer um curso superior e que sempre ouviu do Tio que pra se dar bem na vida ele devia fazer uma faculdade.

Como o próprio estudante apontou, a influência desse Tio e do contato com sua família parece ter sido o grande diferencial pra que o mesmo tivesse uma maior longevidade escolar. Uma longevidade que superou a de toda sua família nuclear.

Sobre a Pedagogia, Aurélio conta que começou a pensar nesse curso assim que saiu do CESAM (Centro Salesiano do Adolescente Trabalhador – uma instituição que busca através do acompanhamento, da qualificação socioprofissional e da inserção no mercado de trabalho, o fortalecimento do vínculo familiar e comunitário de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social.) no qual foi

acompanhado durante a adolescência, quando do retorno à Belo Horizonte. Assim que se desligou desse centro, Aurélio entrou no mercado de trabalho como vidraceiro e posteriormente montou uma vidraçaria, seguindo seu sonho de ter um “negócio próprio”. No entanto, como esse “negócio” não deu certo e ele ficou desempregado, Aurélio buscou um amigo da época do “CESAM” que trabalhava numa instituição de caridade chamada “Projeto Providência Páscoa”. Nessa instituição, que também era “educativa”, ele se empregou inicialmente como porteiro e mais tarde passou ao cargo de monitor educacional. Segundo o estudante, de manhã, ele trabalhava com os meninos pequenos, à tarde com os adolescentes e à noite, com EJA. Assim, como gostou muito de trabalhar como educador, essa profissão começou a ser vislumbrada.

Sobre a escolha do curso superior em si, o estudante relata o seguinte:

“Antes disso eu pensava muito em Medicina e em Designer de Projetos na UEMG. E a Pedagogia entrava nesses três... ai eu vi, a medida que eu fui adquirindo família também, que o que dava pra mim fazer era a Pedagogia... Medicina era horário integral e Designer de Projetos eu vi que ia ter que estudar mais matemática e eu num tava preparado naquele momento pra estudar mais matemática, que eu tava mas preparado pra humanas, por que eu li também aquele calendário dos cursos... que que caia mais, que que pesava mais... e ai eu vi algo que eu teria mais condição de passar mais rápido, ne?”

Como o próprio estudante relata a “escolha” pelo curso de Pedagogia foi pautada pelo que “era possível”. No entanto há que se considerar que o contato com a área de educação e o prazer encontrado na mesma foi o que fez com que ele começasse a vislumbrar a profissão de professor, já que a princípio seu grande sonho, desde criança, era ser médico.

Sobre o curso de Designer de Projetos, o estudante diz ter vislumbrado o mesmo mais tarde devido a ter percebido que tinha “uma mente muito criativa”. Aurélio se diz Inventor e possui um blog onde publica seus pequenos inventos. O estudante fala desse blog que mantém com grande entusiasmo e diz que foi no curso de Pedagogia, por incentivo dos colegas e das colegas de curso, assim como de seus professores, que o mesmo foi criado:

“Foi depois da disciplina que eu fiz de metodologia de pesquisa que eu descobri que podia pesquisar até sobre os inventos e que também descobri que podia criar um blog... Foi na Pedagogia inclusive que eu aprendi até a mexer com o computador!”

Aurélio diz que sua relação com os colegas e professores é muito boa e que se o fato de ser homem teve alguma influência que essa foi positiva. Ele relata que na sua turma só existem dois homens, ele e mais um e que com isso eles são uma referência para a turma. As mulheres sempre querem saber qual a sua opinião sobre os fatos.

Ainda sobre o fato de ser homem num curso majoritariamente feminino o estudante relata o seguinte: “Antes de entrar no curso eu não tinha vivido essa mentalidade que eu vejo hoje que eu to dentro do curso de que é mais mulher que faz. Isso começou depois que eu entrei pro curso.” Esse é um dado bastante curioso. Como revelam os dados do questionário, enquanto grande parte dos estudantes relata uma ampla resistência por parte das pessoas próximas em relação a essa escolha, para esse estudante esse fato parece não ter sido um ponto de impasse. Nem ele mesmo sabia que o curso de Pedagogia era frequentado especialmente por mulheres. Assim, se por um lado temos que esse estudante declara que sempre pensou em fazer um curso superior, por outro, se pode supor que seu grau de informação sobre o curso de Pedagogia e esse universo em geral era precário.

Aurélio conta que só depois de aprovado, ao dizer que fazia Pedagogia foi que começou a perceber que algumas pessoas jogavam umas indiretas que sugeriam que esse “não era um curso para homem!”. Mas o estudante que, como o mesmo relatou, é casado e pai de duas filhas, afirma que isso não o incomoda.

Ele se diz satisfeito com o curso e distingue que foi regular até o quinto período e “depois como pesou um pouquinho, começou a complicar...”. Aurélio disse também que como é uma pessoa indecisa e que nunca teve muito foco, teve vontade de trocar de curso pra Biblioteconomia ou Enfermagem, só que como já tinha feito muito tempo do curso de Pedagogia ele achou que não valia à pena. Além de se dizer indeciso, Aurélio declara também que parte de seu interesse em mudar de curso estava relacionado ao desprestígio da profissão de professor.

É interessante aqui também observar que a Medicina deixa de ser um sonho e a Enfermagem é que é o curso apontado pelo estudante como desejável, provavelmente pela maior facilidade de acesso e menor exigência de disponibilidade de tempo. O Designer também deixa de ser apontado e dá lugar para Biblioteconomia, que também é um curso com uma maior facilidade de acesso.

Sobre seu futuro profissional, Aurélio diz que pensa em fazer concurso pra professor de EJA, mas que pensa também em fazer outro concurso de nível superior que não seja na área de Educação. Ele afirma ainda que “tem vontade de passar assim num concurso do Ministério da Educação ou alguma coisa mais pesada assim, né?”. “Trabalhar com crianças mais novas? Nem pensar!”. Como professor a única atividade vislumbrada pelo estudante seria a Educação de Jovens e Adultos. Aurélio que antes de entrar no curso não fazia referência à questão de gênero, quanto ao seu futuro profissional, isso parece se delinear de forma mais clara. Ele pretende trabalhar com algo mais “pesado” numa referencia provavelmente a algo mais valorizado e mais esperado socialmente para o sexo masculino.

O estudante disse ainda que se pudesse continuaria estudando a vida toda, mas que como tem família acredita que isso será “um pouquinho mais difícil”. Portanto, apesar de ter vontade, ele acredita que não dará continuidade em seus estudos acadêmicos. Assim que se formar, pretende investir na formação de suas filhas.

Aurélio diz que ter um curso superior era um sonho e que além de vislumbrar uma melhora salarial e de ser uma grande satisfação pessoal, ele deixa isso como herança e como exemplo para suas filhas. Afirma também que educação é uma coisa que ele já cobra de suas filhas “desde já”, nos primeiros anos de sua escolarização.

No caso desse sujeito, o curso de Pedagogia só passou a fazer parte de seu universo após o contato do mesmo com o campo da Educação. Antes desse contato, apesar de apontar sempre ter tido o desejo de cursar o Ensino Superior, a Pedagogia nunca havia sido vislumbrada como opção.

Túlio

Túlio é pardo, protestante, tem vinte e dois anos e está cursando aproximadamente o terceiro período do curso de Pedagogia no turno da noite. Ele é solteiro, não possui filhos e ainda mora com seus pais. Assim como Aurélio ele ingressou na universidade através do vestibular.

Túlio ocupa a posição intermediária de uma família de três irmãos. O pai é marceneiro e tem o Ensino Médio completo. Sua mãe e sua irmã mais velha possuem formação de nível superior, sendo Letras e Direito, respectivamente. Somente sua avó materna possui o Ensino Fundamental completo, os demais avós possuem o fundamental incompleto.

Iniciou sua escolarização aos cinco anos numa escola particular de Educação Infantil do bairro onde ainda vive na região da Pampulha em Belo Horizonte. Depois de alfabetizado, Túlio cursou regularmente o Ensino Fundamental numa escola municipal também próxima à sua casa e o Ensino Médio numa escola estadual de seu bairro. Ele aponta sempre ter sido bom aluno e sempre ter tirado notas muito boas. As mudanças de escola ocorreram somente em função do não oferecimento das séries subsequentes nas escolas onde já estudava, e sempre tiveram como critério a proximidade de sua casa.

Quanto ao Ensino Superior, o primeiro curso vislumbrado pelo estudante foi Geografia. Túlio demonstra um forte gosto pela área de humanas e diz que não faria um curso em outra área. Prestou assim seu primeiro vestibular para Geografia no mesmo ano em que concluiria o Ensino Médio, no entanto não fora aprovado (segundo o estudante, por muito pouco: menos de cinco pontos.).

Sobre o curso de Geografia o estudante reforça que assim como no caso da Pedagogia sua intenção não era de dar aulas. Ele conta que teve vários professores muitos bons e que conversava com eles sobre as outras áreas da Geografia, como a Geologia, a área “de campo”, Geoprocessamento, entre outros e que essas outras possibilidades o deixaram muito interessado em relação ao curso. Segundo o estudante, ele nunca teve sonhos de ser médico ou jogador de futebol, por exemplo.

Ele cresceu ajudando seu pai na marcenaria da família e chegou inclusive a pensar em fazer um curso no SENAC pra aperfeiçoar suas habilidades. O pai sempre quis que o estudante trabalhasse nessa marcenaria da família; para ele esse era o melhor caminho a ser seguido. Túlio diz que “trabalho” foi o que seu pai sempre o cobrou. No entanto, sua mãe não permitiu que o filho fizesse tal curso, apontando que isso seria uma perda de tempo, já que não admitia outro caminho para o filho que não os estudos superiores. Desse modo, Túlio diz que, principalmente por influencia da mãe, o curso superior sempre esteve em seu horizonte.

É interessante nesse relato observar as diferenças de expectativas delegadas ao estudante por seus pais. Sua mãe, com Ensino Superior, desejava que seu filho desse continuidade aos estudos. Seu pai, marceneiro e com Ensino Médio, desejava que o filho seguisse esse mesmo caminho. Outro fator importante refere-se ao gênero. O pai, apesar de se opor a continuidade de estudo do filho, não fazia o mesmo em relação a sua filha, uma vez que não desejava que a mesma trabalhasse com ele no negócio da família.

Com o Ensino Médio concluído, diante da não aprovação em seu primeiro vestibular e da resistência de sua mãe pelo trabalho na marcenaria, Túlio prestou concurso público e foi aprovado para um cargo administrativo num posto de saúde. Ele conta que como ficou muito bem colocado começou a trabalhar quase que imediatamente, mas aponta que não se adaptou e que achou muito “maçante”, reforçando com isso a ideia de que não gostaria mesmo de trabalhar com nada ligado a área de saúde.

Foi nesse momento de incertezas, diante da não aprovação no vestibular e dessa não adaptação ao trabalho, que o pai de um grande amigo que trabalhava numa importante escola particular do bairro o indicou pra trabalhar como disciplinário em uma das escolas dessa rede. Nesse ambiente, ele disse que se adaptou muito bem, ao contrário do que ocorreu no posto de saúde, e devido ao seu bom desempenho, ele foi convidado a trabalhar na secretaria de um curso pré-vestibular dessa mesma rede, na qual o estudante, além de trabalhar, também se preparou para o vestibular do curso de Pedagogia. Segundo ele, “o trabalho na escola reascendeu a vontade de estudar”.

Assim, como no caso de Aurélio, se o curso superior sempre esteve em seu horizonte, o curso de Pedagogia, ao contrário, só surgiu quando o estudante teve contato com a área de Educação. O estudante conta que recebeu um grande incentivo dos coordenadores dessa rede de ensino para fazer o curso de Pedagogia. Segundo Túlio, eles estão apostando nele. Ele começou como disciplinário, passou à secretaria, depois a auxiliar da supervisão e hoje atua como Coordenador de Treinamentos dessa empresa e diz que seu salário já mais que triplicou. Túlio relata que esse é o seu objetivo e sua meta profissional: crescer cada vez mais nessa empresa. Ele não pensa em ser professor e nem em fazer mestrado e doutorado na área de Educação.

No entanto, mesmo tendo um objetivo claro com o curso de Pedagogia Túlio não se diz satisfeito com o mesmo, ao contrário, aponta “estar enfrentando” o curso. Conclui que não gosta nem um pouco de algumas aulas e “confessa” que troca com as colegas da turma: elas fazem os trabalhos de Educação Infantil e Alfabetização e ele faz as outras de Sociologia, Filosofia, Antropologia, que é o que ele diz que tem mais afinidade.

“Minha primeira aula foi de Alfabetização e Letramento, então assim, quase que eu desisti no primeiro dia! Eu to tendo um problema sério com o curso! Quando eu escolhi a Pedagogia, tava lá no site que haviam outros campos, empresarial, recursos humanos que é o que eu quero, não tinha essa coisa presa da Educação Infantil que é o que eu to vivendo hoje.”

O estudante diz que só não desistiu do curso por incentivo do coordenador do cursinho pré-vestibular, e por ter percebido que “as pessoas que tinham os maiores cargos lá na escola eram Pedagogos”.

“Por isso que eu não desisti! Por isso que a Alfabetização e Letramento não me tirou do curso. Por que eu sei que se eu continuar, se eu conseguir vencer essas etapas, quando eu formar o curso eu vou ta numa posição na empresa muito melhor do que a que eu já to hoje que já é boa pelo que eu comecei, mas eu vou ter que enfrentar, eu vou ter que passar por isso pra conseguir o que eu quero.”

Sobre a aprovação no vestibular aponta que a irmã falava que quem estuda na UFMG tem muito mais chance e que então sempre teve isso de “que a Federal era

que era boa”. Sua mãe também é formada em Letras pela UFMG e desejava que o filho estivesse nessa universidade. Assim, segundo o estudante, mesmo tendo sido aprovado em primeiro lugar na UNI pra Pedagogia ele optou pela UFMG. “Eu cresci então muito com essa ideia de que é só a federal e pronto.”.

Quanto a questão de gênero, quando questionado sobre o quanto isso pesou, o quanto o fato de ser homem pode ter influenciado ele diz:

“Antes do curso num pesou nenhum porque eu não conhecia o curso de Pedagogia, eu não sabia que eu teria trinta e cinco companheiras na minha sala e só eu de homem. Depois é um pouco complicado porque as pessoas a primeira coisa que elas me perguntavam: você é gay? E eu: Não! Ai beleza! Ai vem a vantagem porque elas descobrem que eu não sou gay e tem algum ou algumas possibilidades... esse é o lado positivo, mas assim o lado um pouco chato é esse. Todo mundo que entra... veio um filho de uma aluna uma vez e chegou em casa e contou pro pai dele: o pai, pode ficar tranquilo que lá na sala da minha mãe tem trinta e cinco mulheres e dois gays e eu tava incluído assim! Ai eu beleza! Pelo menos do seu marido eu não vou apanhar!”

Em relação à convivência com as colegas, Túlio brinca que tem problema com elas apenas uma vez por mês no período pré-menstrual que “parece que todas entram na mesma época e ficam impossíveis!” Nessa semana ele diz que fica calado por que senão “apanha”, mas que no resto do tempo é tranquilo. Túlio, assim como Aurélio, também faz referência ao que abaliza Cardoso (2004) da tentativa criada pelos professores homens na docência com crianças de “fixar a identidade masculina” portando-se como cavalheiros nesse ambiente feminino e tornando-se, em alguma medida, uma “referencia teórica” dentro daquele espaço.

Quanto aos professores e funcionários, ele diz que percebe certo estranhamento dos mesmos no primeiro dia, “mas assim coisa de primeiro dia mesmo que eles perguntam: quê que cê tá fazendo aqui? Ai eu explico e eles: Tudo bem... mas você não vai dar aula não né? E eu não e tal...” Tirando isso, diz que não percebe diferença entre os professores e que a relação com eles e com os funcionários da faculdade em geral também tem sido muito tranquila.

É interessante perceber o quanto Túlio, de um jeito ainda mais explícito que no caso do Aurélio, reforça a todo o momento, que ele não gosta, não tem paciência, não

leva jeito com criança. Ele afirma e reafirma isso a cada oportunidade em seu discurso e diz que pela própria experiência que teve na escola de Educação Infantil ele está certo de que não leva jeito mesmo pra isso.

“Eu não tenho paciência pra criança, eu não saberia transmitir... se ainda fosse adolescentes alguém que tem um conhecimento um pouco maior, acho que seria mais fácil do que você ter que ensinar tudo! Enfim eu não tenho paciência pra isso, pra essa coisa da repetição, da criança mesmo.”

“...nem um pouco! Não tenho nenhum desejo de ser professor e nem, principalmente, de trabalhar com criança.”

Em relação ao curso superior em geral, Túlio se declara inteiramente à vontade e afirma que é nítido seu crescimento profissional e inclusive pessoal. Túlio afirma que deixou de ser uma pessoa alienada, abriu mais sua mente e que está muito satisfeito com essa possibilidade.

O estudante se diz absolutamente influenciado pela mãe e pela irmã mais velha e assinala ter certeza de estarem influenciando seu irmão mais novo também afirmando que ele já tem o Ensino Superior como meta: “meu irmão diz o tempo todo que quer ser isso ou aquilo e que quer estudar na UFMG também”.

Nos dois casos aqui apresentados é importante notar que a ideia de fazer Pedagogia só tomou corpo a partir do trabalho com a área de Educação. Antes desse contato com a área, essa profissão em momento algum foi vislumbrada por esses estudantes.

Outro fator que cabe destaque é que nesses dois casos a “negativa” ao curso de Pedagogia é anterior ao conhecimento do curso e de seu universo cultural feminino. Assim como Aurélio, Túlio afirma que não sabia que o curso era frequentado só por mulheres. Esse fato corrobora com o referencial teórico sobre o conceito de gênero e de sua fundante carga cultural. Diante do exposto parece ser possível evidenciar que o curso de Pedagogia na atualidade está tão relacionado à mulher e ao cuidado que a não opção por esse curso, antecede ao conhecimento sobre o mesmo, pois simplesmente, a priori, não fazia parte do universo desses homens.

Por último, cabe explicitar que assim como no caso de Aurélio, que apontava não saber ou não ter certeza se queria trabalhar na área de Educação, um dos motivos da seleção de Túlio para a entrevista, foi o fato do estudante, no questionário, ter apontado que nunca tinha tido contato com a área e que não queria trabalhar na área de Educação. No entanto, como se pode observar, apesar dessa negativa do curso, da área de Educação em geral e de não desejar ser professor, Túlio está amplamente inserido nesse universo educacional.

Geraldo

Geraldo é pardo, evangélico, tem quarenta e nove anos e está cursando aproximadamente o sexto período do curso de Pedagogia no turno da manhã. Ele é casado e tem dois filhos. Geraldo ingressou na FaE/UFMG através do vestibular e está entre os alunos mais velhos da faculdade.

Geraldo é o filho caçula de uma família de cinco irmãos e é o primeiro de sua família a ingressar no Ensino Superior. Ele diz não ter informação sobre a escolaridade de seu pai por não ter vivido com o mesmo e diz se recordar somente que ele era um trabalhador rural. Na verdade, durante a entrevista, Geraldo afirma ter só mãe. Sobre sua mãe o estudante assinala que nunca frequentou a escola, “era analfabeta!”. Sobre seus avós, o estudante também afirma não ter informações.

Quando criança morava no interior de Minas no Vale do Mucuri e afirma ter passado muitas dificuldades nessa época. De todos os irmãos, ele foi o único que tentou estudar quando criança, já que os irmãos mais velhos tinham que trabalhar para ajudar a mãe com as despesas da casa. Vê-se aqui um exemplo claro das vantagens, apontadas pela Sociologia da Educação, oferecidas pelos irmãos mais novos.

Entretanto, mesmo estando em vantagem em relação aos irmãos, o estudante teve uma trajetória absolutamente irregular. Ele não se recorda exatamente dos períodos, mas lembra que quando criança havia uma professora rural, com todos na mesma sala, e que ele considerava “que era mais um visitante” ali naquela escola do que

um estudante. Geraldo diz que não entendia bem “essa escolarização” e o sentido dela, mas que lembra que até achava “divertido” frequentar aquele espaço.

Ouvir Geraldo se referindo a se sentir como um “visitante” na escola, nos remete à obra de Bourdieu em geral, e em especial, “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”. É basilar nesse caso o apontamento desse autor de que as dificuldades enfrentadas pelos estudantes que fracassam são na verdade desigualdades. A cultura da escola era algo tão distante para ele, tão sem sentido, que ele a associa como parte de um “passeio divertido”. Não havia aprendizagem, não havia reconhecimento, não havia sentido.

Geraldo afirma que algum tempo depois eles se mudaram pra a “grande BH” e que aí foi matriculado em uma escola regular, mas que, como antes, ele também não se encontrava naquele espaço. O estudante diz não recordar sobre a escolarização dos seus irmãos, mas afirma que “A gente nunca teve vida regular de escola, né? A gente tinha que trabalhar... até eu também eu lembro que teve uma época que eu tive que parar de estudar também pra trabalhar de camelô na cidade”.

Ele se recorda que depois de mais de um ano matriculado nessa escola estadual na cidade de Contagem ele não conseguia aprender nada:

“Eu tinha muita dificuldade de aprendizagem, tava fora de faixa... daí eles reclamaram que teria que estudar a noite, daí eu tentei estudar mais um ano a noite numa outra escola lá de Contagem... mas a minha trajetória escolar era que eu ia pra escola mas não conseguia aprender! [...] Dormia mais que ficava acordado, porque trabalhava o dia inteiro... Eu só consegui terminar o quarto ano quando minha irmã casou e mudou pro interior. Lá eu podia estudar de dia, porque aqui a noite não tava rendendo nada. [...] A escola não conseguia se adaptar a mim e nem eu conseguia me adaptar a escola.”

Ele relata também que quando concluiu “o quarto ano” voltou para a capital querendo continuar seus estudos, mas que como morava numa vila e não possuía comprovante de residência, as escolas não aceitavam fazer sua matrícula. Diante dessa negativa, ele começou a trabalhar de ajudante de bar e mais tarde como servente de pedreiro. No entanto, afirma que mesmo não podendo, a vontade de estudar se mantinha acesa.

Geraldo retomou os estudos por volta dos “vinte e poucos anos” (ele não se recorda exatamente) e fez tanto de quinta a oitava série quanto o Ensino Médio na modalidade supletivo e EJA.

Geraldo acredita que sua vontade de estudar ganhou força na década de oitenta quando o mesmo diz ter se “empolgado com a coisa da política”, do nascimento do PT, e das leituras realizadas nesses movimentos políticos, especialmente aquelas efetuadas por um amigo que mais tarde se tornou vereador. Além da admiração por essas pessoas ele conta que: “Sempre gostei de leitura e ai nessa época eu via que tinha gente estudando, fazendo curso... e eu pensava: olha... ta ficando mais fácil estudar... vou voltar a estudar...”.

O estudante diz não se recordar como começou a gostar de ler. Ele se lembra que a primeira vez que foi questionado sobre isso foi em 84 quando trabalhava no Belvedere, perto do BH Shopping e a dona da obra afirmou que era muito engraçado ver um ajudante de pedreiro sempre com um livro na mão. Geraldo diz adorar literatura. Afirma se encantar por boas histórias e cita Jorge Amado e Érico Veríssimo como seus preferidos autores.

Ele também se recorda de alguns de seus vizinhos, que na época trabalhavam como “cobradores de ônibus”, e que também gostavam de ler e de ouvir “boas músicas”. Devido a falta de dinheiro para investir em bens culturais, eles entraram num projeto comunitário que se chamava “Círculo do livro”. Como o próprio nome sugere, esse projeto estimulava a leitura através da troca de livros entre seus participantes. Geraldo lembra que suas famílias não viam a participação deles nesse projeto com bons olhos e diz ter claro na memória a mãe de um dos seus amigos dizendo: “É... quero ver se quando você casar você vai morar dentro de livro e de disco!”. Observa-se aqui uma referência à valorização de hábitos e atitudes mais concretos e práticos que a Sociologia da Educação delega como mais característico da população de origem social mais baixa.

Sobre o acesso ao Ensino Superior, o estudante é um pouco confuso ao se recordar sobre a quantidade e os cursos prestados. Num primeiro momento, ele conta ter feito quatro vestibulares na UFMG: um pra História e mais três pra Pedagogia. No entanto, posteriormente, faz referência a mais uma tentativa para Letras e de uma aprovação para o referido curso numa instituição privada de ensino. Geraldo afirma não ter feito Letras nessa época por falta de condição. De qualquer forma, fica claro que, no caso de Geraldo, os insucessos no vestibular foram muitos.

O estudante diz que não faria curso fora da área de humanas, pois esse sempre foi seu interesse. E sobre a escolha do curso, aponta que inicialmente escolheu Letras só porque ele gostava de ler e que depois ele entendeu que “uma coisa não tinha nada a ver com a outra!”. Sobre a opção pelo curso de História o mesmo viria desse contato com os movimentos políticos e com a vontade de “entender e conhecer melhor as coisas”.

Assim como Túlio e Aurélio, o curso de Pedagogia aparece como possibilidade a partir de seu contato com a área. Geraldo não quer ser professor, mas acha o campo do Pedagogo “muito importante e interessante”. Ele diz que em seu trabalho hoje, como servente de escola, ele vê que existe uma distância entre o aluno e o professor e entre professor e a direção. E por isso acredita que ajudaria mais como pedagogo do que como um professor:

“Como hoje eu trabalho na escola a seis anos a gente percebe que tem coisa assim que as vezes é tão simples de resolver e você escuta um grito que num precisava, um dialogo, duas palavras, as vezes... as vezes ate colocar uma mão no ombro ajudava mais que um grito e falar que não posso não do conta não é da minha responsabilidade... então eu vejo isso, um espaço pra mim trabalhar.”

Sobre o curso de Pedagogia, afirma que não sentiu preconceito quanto a ser homem e sim quanto a ser pobre. “Que quem faz Pedagogia é pobre. Preconceito geral que tem no curso é ser pobre. Tem isso: se cê não consegue passar em outro curso cê vai fazer Pedagogia. Então é isso que marca assim, não o fato de ser homem.”.

Esse preconceito percebido por Geraldo, em certa medida, pode estar relacionado também a sua própria trajetória, uma vez que diante de vários insucessos é que o

curso de Pedagogia parece ter entrado definitivamente em seu horizonte. Assim, para Reis (2011, p.2), o rompimento com a tradição frequente de uma escolaridade de curta duração comumente encontrada nas classes mais desfavorecidas muitas vezes, se apresenta restrita à disputa e ao ingresso em cursos de menor prestígio social, como as licenciaturas em geral, ou o curso de Pedagogia, por exemplo.

Nunca pensou em mudar de curso, mas diz ter vontade de fazer outro curso: Ciências Sociais. Não tem vontade de fazer mestrado ou doutorado, pois diz ter consciência de suas limitações. Tem vontade de estudar Sociologia “pra entender além do Marx”, pois segundo ele “o pessoal só fala de Marx” e acredita que “deve ter mais coisa pra ver!”.

Por uma opção de Geraldo, essa entrevista foi realizada em sua residência num bairro bastante humilde da região metropolitana de Belo Horizonte. Sua casa, de apenas um cômodo possui poucos móveis e muitos livros. A esposa de Geraldo concluiu o Ensino Médio à pouco tempo e hoje é Técnica em Enfermagem.

Sobre seus dois filhos, a filha mais nova tem dezessete anos, acaba de concluir o Ensino Médio e diz já ter feito a inscrição pro ENEM e ter vontade de fazer Relações Internacionais. Geraldo gostaria que a filha fizesse um curso qualquer na UFMG e que pudesse passar o dia todo na faculdade “aprendendo as coisas”. Ele diz que se ela for aprovada numa faculdade particular para Relações Internacionais, ela terá que trabalhar para pagar seus estudos.

Seu filho mais velho, de vinte anos ainda não conseguiu concluir o Ensino Médio, mas também não trabalha. Ele não tem perspectiva de fazer um Ensino Superior e relata não saber bem o que quer fazer da vida. Diz estar procurando um emprego.

Os filhos e a esposa escutaram toda a entrevista sentados atrás da cortina que separava o cômodo e, no final, quando perguntei para Geraldo sobre eles, ele devolveu a pergunta para os filhos e deixou que eles mesmos respondessem minhas perguntas. A esposa não participou da conversa e seus filhos, que se mostraram bastante acanhados com a atitude do pai, responderam vagamente a

algumas perguntas que tentei fazer. Geraldo fala com orgulho da filha que com dezessete anos já concluiu o Ensino Médio e diz ter vontade de fazer “Relações Internacionais”, no entanto, reafirma várias vezes também sua vontade de que ela fizesse vestibular pra outro curso: “Na federal qualquer curso!” Relações Internacionais paga, ne? Além do mais não tem preço poder ficar o dia todo na faculdade, curtindo aquilo lá... pra mim você tem que fazer um curso na UFMG, qualquer curso!”.

Sobre seu futuro profissional, afirma ter o curso superior não como expectativa de melhoria de vida e sim como prazer e satisfação pessoal. Brinca que agora quer que os filhos trabalhem pra sustentar ele e os estudos dele. Diz que só quer estudar, que se puder vai passar o resto da vida estudando. Que isso é o que ele mais gosta de fazer.

Assim como nos casos anteriores Geraldo não sabia que a Pedagogia era um curso “feminino” e diz só ter pensado no curso após iniciar seu trabalho na escola e consultar sobre o curso no manual do candidato. Geraldo não omite o fato de também ter considerado a “facilidade” de entrar no curso, do mesmo ser da área de humanas, de ser somente em um período e de ser gratuito. Durante toda a entrevista, em momento algum, ele fez ou relevou qualquer apontamento em relação à questão de gênero. Sua queixa constante foi a marca do preconceito social.

Ao final da entrevista, Geraldo me agradeceu emocionado pela oportunidade de ter me contado sua história. Diz que não conseguiu passar pros filhos o seu amor pelos livros e que sua família nunca se importou muito com sua história.

Henrique

Henrique é branco, diz não possuir uma religião, tem cinquenta e três anos e está cursando aproximadamente o sexto período do curso de Pedagogia no turno da manhã. Ele é casado e possui três filhos.

Henrique ocupa a posição intermediária de uma família com cinco irmãos. Todos seus irmãos possuem curso superior (Matemática, Relações Públicas, Direito e Artes). Com exceção de sua avó materna, que possuía o Ensino Fundamental completo, seus outros avós e seu pai, tinham apenas o fundamental incompleto. Sua mãe possui o Ensino Médio completo e sempre trabalhou como costureira.

Não fez Educação Infantil, diz se recordar que na sua época o “Jardim de Infância” não era muito comum. Entrou direto no primário por volta dos sete anos. Estudou sempre em escola pública ainda “na época da seriação”. Até a quarta série ele estudou próximo à sua casa. No entanto, após a quinta série, sua mãe o matricula no Colégio Estadual da Gameleira, uma escola que segundo o estudante era “um anexo do Estadual central, tipo um preparatório pro Ensino Médio do Estadual Central”. É salutar aqui observar o investimento escolar realizado pela família do estudante que procura não uma escola mais próxima no bairro e sim àquela que melhor prepararia o estudante para o ingresso no “Estadual Central”, que segundo Henrique era uma das melhores escolas de Belo Horizonte na época.

Entretanto, apesar desse investimento da família, Henrique toma bomba na oitava série em quase todas as matérias e acaba abandonando os estudos. Diz que nessa época já estava completamente desinteressado por escola. Apesar de afirmar que nunca gostou de escola, assegura que sempre adorou ler: “Eu tinha um volume de leitura monstruoso. As pessoas achavam que eu era doente! Eu lia muito!”.

O estudante, que alega não ter sido bom aluno, acredita que parte de seus problemas com a escola se referiam a um “problema de autoridade”. Ele “não aceitava limites”. Conta que seu pai era alcoólatra e que ele sempre “partia pro enfrentamento” em casa com o pai e que por isso não aceitava as regras na escola também. Ele lembra da escola como uma “chatice” e diz que era um “mala” como aluno. Diz ter tido uma infância muito “problemática” e ter sido um aluno muito “problemático”: “Eu era a peste da escola. Eu não era fácil de conviver!” Mas se recorda que ele não era o único impaciente com “aquela chatice” (ao se referir à escola), pois ele e seus colegas ficavam contando os minutos que faltavam pra dar

“11:10, a hora de ir embora”. Segundo ele suas maiores recordações de escola eram fila, Hino Nacional e “ficar escrevendo Belo Horizonte um monte de vez”.

Sobre o gosto pela leitura, ele diz que essa é sua grande curiosidade. Se recorda de uma professora “Dona Auzerina” que foi uma referência pra ele, mas afirma que já lia antes dela e que ele acha que por isso, depois dessa descoberta da professora de que ele gostava de ler, a mesma tenha se aproximado dele. Conta que essa professora levava música pra escola e incentivava muito o gosto dos alunos pela arte em geral. Hoje ele é músico e acredita que parte desse gosto pela música possa ter vindo dessa professora.

Diz que outra recordação que tinha era de “burlar as regras de leitura da escola”. Eles recebiam um livro e um comando de “ler até tal pagina”. Ele sempre se escondia da mãe pra acabar de ler o livro todo antes da hora. Depois disso passou a procurar a biblioteca da escola, que era sempre vazia, e que sempre pegava vários livros: “Li Júlio Verne inteiro, li Monteiro Lobato, li... mais li muito”. Se recorda também do livro “As mais belas histórias”, que não foi o primeiro lido, pois ele já lia na época, mas que é o primeiro livro de que ele se recorda, apesar de na casa dele não ter muitos livros, principalmente livros infantis.

Ainda na adolescência, com quatorze anos trabalhou em um Banco e nesse Banco afirma que teve “a felicidade de conhecer um amigo que me abriu a cabeça pra algumas coisas. Foi um encontro muito feliz que eu tive na minha vida”. Os pais desse amigo eram artistas plásticos, gostavam de cultura e com isso ele virou “meio hippie” e foi viajar pelo mundo (Bolívia, Peru). Não voltou mais pra escola e abandonou o trabalho no banco. “Eu sempre gostei muito de conhecimento e essa vida me encantou por um tempo”. Aprendeu a tocar violão e “sobreviveu” nesse tempo dando aula de violão. Se profissionalizou com dezoito anos. Tocava com artistas importantes e viajava muito.

Como professor de música, começou a se interessar por educação, mas inicialmente tenta e é aprovado para o vestibular de Medicina. Queria outros conhecimentos, pois começou a perceber que as pessoas que tinham dificuldade com ritmos também

tinham outras dificuldades e com isso começou a estudar sobre “disfunções cerebrais e essas coisas mais da bioquímica.”. Por falta de interesse abandona o curso.

Também fez e foi aprovado para o curso de Música e Regência na UFMG, mas os horários do curso, sua falta de tempo devido ao intenso volume de trabalho e suas constantes viagens, inviabilizaram a conclusão do mesmo.

Além das aulas de violão, Henrique começou a dar oficinas de motricidade e diz que passou a escutar dos pais que os filhos que faziam as oficinas estavam melhorando na escola. É nesse momento que a Pedagogia entra em seu universo de escolhas, por acreditar que na Pedagogia encontraria uma relação com suas práticas. Henrique conta também que deu aula de música para alguns professores da FaE/UFMG e da Letras e que foi se aproximando cada vez mais da área acadêmica em geral. Conta ainda que começou a ouvir de algumas pessoas que isso que ele estava fazendo já tinha gente estudando e algumas correntes investigando sobre esse assunto.

Quanto ao curso de Pedagogia, não sofreu nenhum tipo de preconceito ou resistência, pois estava muito certo do que queria. O estudante conta que a maior decepção dos seus pais foi ouvi-lo dizer que não faria a Escola Técnica, pois não queria fazer um curso para trabalhar. Ele já trabalhava com música e ganhava muito bem com o que fazia. Segundo Henrique, seus pais ficaram tão frustrados que isso o motivou ainda mais a sair de casa. Esse era o caminho desejado pelos pais para os filhos, tanto que todos os seus irmãos têm curso superior, mas todos entraram nos cursos atrasados, depois de primeiramente terem feito curso técnico e se inserido no mercado de trabalho.

Com dezenove anos, teve seu primeiro filho e se fixa em Belo Horizonte. Faz supletivo com matérias isoladas e assim conclui o Ensino Médio. Afirmar ter um extenso conhecimento cultural e um bom domínio de língua estrangeira devido a essas suas vivências e ao seu gosto pelo conhecimento. É o único estudante que afirma ter um bom conhecimento de Inglês.

Diz gostar muito do curso, apesar de achá-lo “aquém” do que deveria e que por esse mesmo motivo, já sentiu vontade de trancar o curso.

“Tem muita coisa... nossa! Como tem porcaria! Tanta coisa que me lembra a escola... tantos professores que eu não concordo. tanta prozinha, tanta bobagem que eu pensei que já tinha acabado! Eu não acredito nas coisas que tem aqui... incoerências, contradições, discursos vazios, prática que não acompanha o discurso, vaidade exacerbada dos professores... é... nossa... eu imaginava outra coisa, outro astral, um povo mais bacana, sabe?”

Afirma estar espantado com a imaturidade e o “nível de apolitização e aculturação” das pessoas da faculdade. Sente diferença cultural grande entre o público da faculdade e o público com o qual convive. Classifica suas colegas de curso como pessoas de cultura de massa. Como exemplo fala: “Tem condutas até do tipo assim de fazer lixo na sala, tipo tô comendo alguma coisa, deixo ali de lado, saio e deixo lá. Conversam a aula inteira sobre festinhas...” Henrique assinala que esperava encontrar um nível cultural melhor. Diz que seus alunos conhecem mais de livro e cultura que suas colegas de faculdade, dizendo que não está se referindo somente aos estudantes da classe A uma vez que também trabalha “até com favelados”. Segundo ele, suas colegas “só gostam de sertanejo”.

Se queixa da quantidade de pessoas que ficam em bate papo em sala durante as aulas e afirma que essas pessoas passam com nota melhor que ele. Le tudo, participa das aulas, mas tem preguiça de atividades do tipo “relato de todas as aulas”. Se sente num grupo de “consumo radical!”. Por tudo isso, também teve “vontade de desistir, de ir embora”. Pois não relaciona essas condutas como educação e sim como “deseducação”.

Sobre o fato de ser homem, apesar de ter dito que para escolha do curso em si isso não tenha pesado em nada, pois estava certo do que queria, Henrique diz que se sente “mal tratado” pelos professores e por algumas colegas. Em relação às colegas da turma, diz não sentir nada relativo ao gênero, sente algum desconforto quanto a sua idade. Diz que às vezes fica como o “sabichão” da turma. Que hoje aprendeu a lidar com isso “se anulando” e que seu plano para os próximos semestres é “fingir

que eu não existo!”. No que se refere aos professores a referência ao gênero é explícita. Diz que já ouviu professores dizerem coisas altamente condenáveis do tipo “Homem é isso, homem aquilo, homem não cria filho, homem abandona mulher... coisas vazias, generalizáveis e que entra muito em contradição com os discursos educacionais.”.

Antes do vestibular de Pedagogia, Henrique também presta vestibular pra Matemática. O estudante que participa de um grupo de pesquisa na faculdade desde o segundo período, conta que dá aula de xadrez há muitos anos e hoje também o faz no Centro Pedagógico da UFMG, através de um projeto orientado por uma professora da faculdade. Este projeto dará origem ao seu trabalho de conclusão de curso.

Sobre o xadrez, Henrique conta que seu interesse despertou a partir do dia em que chegou à sala do diretor da escola onde estudava e o mesmo estava jogando xadrez e o convidou para jogar uma partida com ele. Depois disso, houve um campeonato e ele ganhou esse campeonato. O estudante conta que ele e esse diretor se tornaram amigos e que foi ele que o fez gostar muito de matemática. Desde então, também vem dando aula de xadrez e que acabou participando de outros campeonatos até fora do país. Hoje suas aulas de xadrez são direcionadas aos alunos que têm dificuldade de aprendizagem.

Sobre seu futuro profissional, o estudante acredita que o curso de Pedagogia lhe abrirá muitas portas “pela titularização. Mercado de trabalho mesmo”. Afirma dar muitas oficinas no interior e lembra que quando ele entrou na faculdade já estava começando “essa coisa de música na escola”. Hoje tem uma empresa que trabalha com a Pedagogia ligada a criatividade e à música. Apesar de adorar dar aula diz que não pensa em ser professor de escola e que acredita que nem teria idade e folego pra isso mais.

Pretende montar um consultório pra trabalhar dificuldades de aprendizagem e com o lúdico: “música, xadrez... e continuar estudando até morrer”. Quer fazer mestrado, mas não para virar acadêmico e sim para aprimorar na sua prática. Diz que não se

imagina fazendo uma “coisa inútil”, que tem vontade de fazer coisas úteis e não se imagina como professor, fechado sozinho num gabinete daqueles. “Quer instabilidade!”

Um dado interessante em relação a esse caso é o gosto pela leitura que também é encontrado de forma peculiar no caso de Geraldo. Henrique e Geraldo são os alunos mais velhos entrevistados e estão nas duas extremidades entre os sujeitos do curso de Pedagogia no que se refere ao perfil econômico mais favorável e o menos favorável. Entre todos os entrevistados Henrique é o que apresenta, nos termos de Bourdieu²⁸ um maior capital cultural. Ao contrário de Geraldo que possui vários insucessos, Henrique foi aprovado em diversos cursos, sempre na UFMG e diz não ter tido nenhum tipo de dificuldade acadêmica em relação a isso. A não conclusão dos outros cursos por ele iniciados esteve sempre relacionado a fatores de ordem pessoal.

Alex

Alex é pardo, protestante, tem vinte e três anos e está cursando o primeiro período do curso de Pedagogia no turno da noite. Ele é solteiro e não possui filhos. Alex cursou o pré-vestibular antes de ingressar na Pedagogia.

Ele é o irmão mais velho de uma família de três filhos. Não tem informação sobre seus avós, e seus pais possuem o Ensino Fundamental incompleto exercendo as profissões de pintor (pai) e diarista (mãe).

Não fez Educação Infantil, entrando na escola na primeira série, aos sete anos. Conta que nos primeiros dias sentiu um pouco de dificuldade na escola, pois antes de se matricular estava sendo alfabetizado por sua mãe, que sempre incentivou muito a leitura dos filhos, principalmente por incentivo do pai, que segundo Alex é “um leitor compulsivo! Lê tudo! Até os jornais que o pessoal colocava no chão pra proteger quando ele ia pintar. E isso sempre me influenciou também! Queria ser igual ele!”. O estudante conta que o pai é uma pessoa muito interessante, que sabe

²⁸ Para uma discussão sobre os capitais ver, por exemplo: Bourdieu (1998b, 1998c).

de tudo. A família tem um grande envolvimento com a igreja protestante do bairro e seu pai sempre esteve envolvido com a evangelização dos fiéis e com a escola dominical da igreja.

Até antes de ingressar na universidade, Alex ajudava seu pai com os serviços de pintura e diz que sempre adorou “estudar, ler, interpretar e produzir textos”. Suas maiores dificuldades eram nas matérias mais exatas, como a física e a química, e conta que também não gostava muito de gramática, apesar de adorar português. Atualmente, já no primeiro período, o estudante abandonou o trabalho com o pai para se dedicar a uma bolsa que conseguiu na faculdade para trabalhar “na implementação do novo currículo do curso de Odontologia dentro das DCN. Um projeto muito interessante. To adorando!”.

Quando criança, a primeira profissão vislumbrada foi Biólogo ou Veterinário, pois adorava animais e pensava que queria trabalhar com isso. Depois começou a se envolver com computação e pensou em trabalhar nessa área. Mais tarde, também pensou em Música e por último, tomado pelo ambiente da igreja, se interessou por Teologia. Conta que fez “uns três cursos de Teologia” assim que se formou no Ensino Médio e nesses cursos, começou a dar aulas de Teologia na igreja. Nesse momento, ele diz que sentiu a necessidade de se aprofundar mais em algumas coisas e a buscar o Ensino Superior. Pensou em Sociologia e em Filosofia por serem cursos mais amplos, e em Pedagogia pela questão do ensino. Durante os cursos que fazia, sempre montava “uns esquemas”, pois teria que repassar os ensinamentos dos cursos para as pessoas da igreja. Sentiu necessidade de aprimorar isso e desse modo a Pedagogia começou a fazer parte do seu universo.

Alex conta que pesquisando sobre o curso ouviu muito sobre a questão infantil, o que o deixou em dúvida, pois acreditava que não gostaria de trabalhar com crianças. Mais tarde, se informando mais, descobriu que a Pedagogia na verdade abarcava várias coisas, inclusive a Filosofia e a Sociologia, cursos que ele também tinha cogitado, e acabou se definindo por isso. O estudante também justifica sua escolha afirmando que quando se acredita de verdade em Deus ele está em tudo, seja estudando Biologia, Física ou Educação. Mas que o quê o ajudou mesmo a se

definir foi: “escola dominical, escola de líderes... aí comecei a tomar gosto dessa coisa de ensinar... fiquei doido com esse negócio de ensino”.

Para Alex, além da influência do pai leitor e “professor”, outra grande motivação foi um de seus professores de Teologia, que segundo o estudante era muito bom, falava muito bem, era bem sucedido e tinha a admiração de todos. Quando ele descobriu que esse professor era formado em Pedagogia ele começou a olhar pra esse curso com outros olhos.

Assim, quando decidiu prestar o vestibular, tentou Pedagogia e Teologia no mesmo ano e foi aprovado nos dois cursos, sendo o curso de Teologia numa faculdade particular, porém com bolsa integral. O estudante conta que teve muita dúvida, pois segundo ele a aprovação em Teologia tinha sido na “melhor faculdade de Filosofia e Teologia. Tem a maior biblioteca da América Latina! Aí eu fiquei doido!”:

“É... bom, eu tomei a decisão, mas é como se eu tivesse tomado a decisão e tivesse continuado com duvida, mas eu tinha que tomar a decisão de qualquer jeito. Ai alguns fatores foram ajudando, por exemplo, aqui ser a Faculdade Federal, né? De... a Universidade Federal de Minas bem conceituada e tal, é... o negocio de não ficar preso ao assunto teológico e ter um negocio mais abrangente, ter um ensino mais abrangente...”

Sobre a escolha do curso, diz ter percebido resistência por parte do pai que gostaria que ele tivesse feito uma coisa “mais relevante, como Direito por exemplo.” E de outras pessoas que falavam sobre “relevância financeira de um curso qualquer de engenharia, por exemplo”. Quanto a Pedagogia ser um curso majoritariamente feminino, não percebeu resistência.

Sobre o fato de ser homem, ele diz que ter só mulher frequentando o curso o incentivou. Pensou que seria muito interessante essa convivência com o “universo feminino”. Diz não ter tido nem sofrido nenhum tipo de resistência em relação a questão de gênero, no entanto diz ter sentido muita resistência por ser um “curso inferior”, ressaltando as aspas. Diz que ouviu muito: por que não faz Engenharia? Ou outra coisa qualquer? Apesar dessas questões, ele se diz muito satisfeito e realizado com o curso.

Em relação ao gênero, se por um lado o estudante narra que seria interessante o convívio com as mulheres, por outro, ele, ao contrário de Aurélio e Túlio que citam exemplos dessa convivência, não faz nenhum tipo de comentário a esse respeito. Ele simplesmente afirma que é uma convivência tranquila. Talvez isso se deva ao fato do estudante ainda estar no primeiro período do curso.

O gosto pelo estudo e a vivência na universidade tem feito com que Alex incentive cada vez mais seus irmãos mais novos a seguirem com os estudos e a concluírem o Ensino Superior. Seu irmão mais novo abandonou os estudos depois que “começou a trabalhar numa loja do shopping” e sua irmã se formou no Ensino Médio e também está fazendo uns cursos de Teologia, mas pensa em trabalhar primeiro, antes de fazer uma faculdade. Alex diz que está “tentando mudar essa mentalidade deles”.

Alex conta que seus pais nunca o incentivaram a fazer um curso superior “...mesmo porque eles nem conheciam isso. O sonho da minha mãe sempre foi ver a gente entrando numa empresa boa e ir crescendo lá dentro dela. Era isso que ela vislumbrava. Que a gente trabalhasse e fosse “fichado”.

É interessante observar que esse é um ponto comum em vários casos, o desejo dos pais que os filhos se inserissem no mercado de trabalho ao invés de seguirem com os estudos superiores. Com exceção de Aurélio, que diz sempre ter ouvido o Tio dizer que ele deveria fazer curso superior, assim como os membros da família em que foi criado, e Túlio que tendo mãe e irmã com curso superior também sempre teve os estudos superiores em seu horizonte, os demais estudantes entrevistados afirmam claramente não terem sempre pensado em fazer um curso superior. Ao contrário, muitos afirmam só terem tomado consciência da existência dessa modalidade de ensino mais tarde, através de terceiros.

Sobre seu futuro profissional, Alex afirma que entrou “para especializar minhas técnicas como professor na igreja (Teologia), porém minhas motivações se modificaram. Minha ideia hoje é integrar os interesses da sociedade e vice-versa” e que agora o que ele deseja mesmo é fazer mestrado e doutorado, e trabalhar como professor de faculdade.

Ele fala que quer ajudar as pessoas de “um jeito mais prático” e que pensa basicamente em educação social e/ou em trabalhar “como formador de professores... mudar a cabeça do povo... poder contribuir mesmo com uma vida melhor”. “Fazer alguma coisa num âmbito mais social mesmo”.

Assim como Aurélio e Geraldo, entre os entrevistados, Alex é um dos estudantes que apresenta menor capital econômico e social. No caso desse estudante, também fica clara a importância da Igreja e do contato com o campo da Educação para a escolha da Pedagogia como curso superior. Outra semelhança com Aurélio e Geraldo é o apontamento do estudante de que a questão do status do curso teve maior peso que o gênero. Sobre esse aspecto, chama atenção principalmente em relação a Alex, o relato de que, mesmo apresentando uma origem social mais modesta, era esperado pelas pessoas próximas a ele, que o estudante optasse por cursos mais prestigiosos. As pesquisas sobre o ingresso ao curso superior abalizam em geral, que quando o primeiro membro da família alcança os estudos superiores, independente do curso escolhido, esse é um motivo de imenso orgulho dos familiares e das pessoas mais próximas. No entanto, nesses casos, a dimensão do gênero, parece em alguma medida compensar esse fator, tornando a escolha desses sujeitos, mesmo quando os primeiros a chegar à faculdade, mais envoltas de perspectivas de cursos mais prestigiosos e rentáveis, ou seja, mais adequados às expectativas sociais em relação ao gênero masculino.

Leonardo

Leonardo não quis declarar sua cor, diz não possuir religião, tem 26 anos e está cursando aproximadamente o quinto período do curso de Pedagogia no turno da manhã. Ele é solteiro e não possui filhos. Leonardo, apesar de já ser formado em Ciências Biológicas, ingressou na Pedagogia através do vestibular.

É filho único e diz não ter contato com seu pai desde os cinco anos. Sua mãe possui Ensino Superior completo em Gestão Pública e trabalha como técnica em

contabilidade financeira em uma rede de ensino. Sobre os avós, diz não ter informação quanto a escolaridade e a ocupação dos mesmos.

Entrou na escola “muito novo”, no que na época, segundo o estudante, era chamado de “Jardim de Infância”. Mais tarde passou ao “pré-escolar”, ambos no Colégio Batista. Fez o Ensino Fundamental também numa escola particular de orientação religiosa e curso técnico em informática no COTEMIG. Toda sua escolarização, assim como sua primeira faculdade – Ciências Biológicas na PUC do Coração Eucarístico, foi realizada no turno da manhã.

Para Leonardo, a vivência no curso técnico foi fundamental para sua escolha, pois lá ele percebeu que não tinha nenhum interesse por “aqueles temas”. Sempre foi um bom estudante e se diz um “leitor voraz”, mesmo não sabendo dizer de onde vem todo esse gosto pela leitura, pois segundo Leonardo, esse não era um hábito de sua família e sim dele.

Ainda sobre a escolha do curso superior, o estudante afirma que nunca quis ser policial ou jogador de futebol. Diz que quando criança gostava muito de criança e que seu primeiro desejo foi ser médico que cuidava de criança. No entanto, o estudante assegura que isso passou logo, e que talvez por ingenuidade, nessa época, começou a se interessar por Biologia por ser uma área afim com a Medicina. Assim, fez e foi aprovado em seu primeiro vestibular. Hoje, depois de formado ele se diz satisfeito com o curso e com as possibilidades que o curso oferece.

É interessante aqui perceber a grande precocidade com que o curso superior começa a ser vislumbrado, o que o diferencia dos demais entrevistados. Alguns fatores parecem contribuir pra isso como, por exemplo, a mãe possuir curso superior, ele ser filho único e o grande investimento na vida escolar.

Conta que a mãe sempre foi bem rígida e sempre cobrou muito estudo. “Ela achava que a escola era o maior legado que ela podia me dar e na escola católica sempre tinha aquela coisa da mãe assinar as provas e tal, então ela acompanhava bem”.

Leonardo afirma que sempre acompanhou sua mãe em seu trabalho, mas que nunca teve vontade de seguir sua profissão, ao contrário, diz ter pavor de burocracia. Segundo Leonardo, saber que não queria isso também o ajudou em sua escolha pelo curso superior.

Sobre a escolha da Pedagogia, ele descreve que na Biologia descobriu que queria ser professor. Ainda na graduação trabalhou como professor de Biologia do Estado e gostou muito dessa experiência. Esse seu gosto pela escola e pelo ambiente escolar em geral, além do seu profundo gosto pela leitura, o fez ainda na época da primeira graduação prestar (e ser aprovado) para o cargo público de auxiliar de biblioteca da rede municipal de Belo Horizonte.

Atualmente, ele se exonerou desse cargo e tem uma bolsa na UFMG em que acompanha “a alfabetização dos operários que estão trabalhando na reforma do Mineirão”. Prestou concurso no Estado para professor, foi aprovado e aguarda ser chamado.

Aluno irregular, Leonardo assegura que nunca pensou em desistir e nem em trocar de curso. Diz que já passou dessa fase, que já tem outro curso superior e que tem certeza do que esta fazendo.

O estudante afirma que outra motivação para fazer a Pedagogia foi seu gosto por História, Sociologia e Filosofia, “coisas que a Biologia não tem, por ser um curso mais técnico”. Leonardo diz que esse interesse talvez tenha surgido na época da adolescência quando participou ativamente de movimentos sociais de ordem mais política e de lutas sociais como o caso do “MST”. Era filiado a um partido político e militava nos movimentos juvenis desse partido.

Ainda sobre a Pedagogia, descreve ter tido o apoio de sua mãe e de seus amigos que já o acompanhavam e sabiam do seu interesse pelo curso. No entanto, uma Tia, professora do estado, se opôs fortemente a essa escolha. Ele conta que tem várias tias professoras que o achavam “meio maluco” pela falta de perspectiva que o curso ofereceria, mas que dessa Tia em especial ele ouvia “coisas pesadas”, como por

exemplo, “que só tinha marginal, que só ia trabalhar com marginal”. No entanto ele conclui que não acredita que isso teve alguma influência em sua escolha, pois “O curso de Pedagogia já é tão mau falado mesmo que a família nem influencia...”.

“Mas é isso que eu quero. Quero ser professor. É uma loucura né? Não tenho mais idade pra ser idealista, né? Mas é isso que eu quero. Sala de aula. Eu já estive né? Como professor designado do estado e foi por isso que escolhi a Pedagogia.”

Leonardo conta que não tem interesse em “mexer com Educação Infantil ou séries iniciais, não por preconceito, mas por afinidade” e que no futuro pretende ter dois cargos públicos: um como professor de Biologia e outro como Pedagogo. Em seu discurso reforça seu idealismo e sua vontade de ser professor e de contribuir com a Educação do País.

Apesar de seu interesse em ser Professor e Pedagogo, Leonardo também afirma que quer fazer Mestrado e seguir estudando e conta que acha que vai ter dificuldade porque é muito generalista e gosta de muita coisa dentro do curso, “mas há essa vontade de continuar estudando e buscando uma pós e a continuidade dos estudos”. Entre suas áreas preferidas, estão a EJA, gênero e as questões sobre letramento.

Em relação ao gênero e a escolha do curso, diz não ter tido “nenhuma crise machista” e nenhum problema em relação a isso. Nem em relação aos familiares e amigos, ao contrário, narra que achou interessante esse contato com as mulheres, que sabia que o curso era frequentado majoritariamente por elas e que apesar de ter ouvido algumas piadinhas dos amigos, o que aconteceu foi que ele ate arrumou uma namorada no curso.

No entanto, na faculdade ele diz que:

“O preconceito é mais evidente, existe um certo “patrulhamento” em relação a orientação sexual, por ser um curso majoritariamente feminino e tal e... eu fiz varias amigas né? Risos. Principalmente amigas e elas falam: ah... a primeira coisa que a gente queria saber era se você era homem ou não... que o único homem que tem na FaE é índio...essas coisas assim...”

Leonardo conta que aprendeu muito com a convivência com as mulheres e que as vezes é engraçado pois elas “não se aguentam” e “acabam comentando umas coisas... tem aquilo dos papos mais afins, né? E as vezes eu me meto nessas.” Segundo ele, elas sempre comentam que falta mais homem no curso “pra tentar equilibrar”.

Ainda em relação ao gênero, afirma que “teoricamente” não devia haver nenhum tipo de dificuldade para a inserção dos homens no mercado de trabalho já que eles são tão habilitados quanto às mulheres. Mas existe um preconceito já institucionalizado, citando o exemplo da central de estágio que quando expõe as vagas, em vários casos, o faz explicitando ou delimitando que tem que ser do sexo feminino.

O estudante aponta que outro incômodo que sente é em relação à maior participação dos homens nas discussões, apesar da maior prevalência das mulheres. Ele afirma que sendo aluno irregular e tendo passado por várias turmas que isso é algo comum: os homens sempre participam e se envolvem mais que as mulheres.

Uma vez mais, o contato com a área da Educação e nesse caso, o trabalho como professor e a ligação do estudante com “movimentos sociais” parecem ter sido fundamentais para sua escolha pelo curso de Pedagogia.

Edemar

Edemar é pardo, diz não possuir uma religião, tem trinta e quatro anos e está cursando aproximadamente o quarto período do curso de Pedagogia no turno da noite. Ele é solteiro e não possui filhos. Edemar, que é formado em Direito, é o único dos entrevistados que entrou pra Pedagogia através da “Obtenção de novo título”.

Edemar ocupa a posição intermediária de uma família de nove irmãos, possuindo dois irmãos mais novos. De acordo com o estudante nenhum dos seus irmãos possui o Ensino Superior. Seus pais e seus avós possuem Ensino Fundamental

incompleto, com exceção do avô paterno que possuía o fundamental completo. Sua mãe é costureira e seu pai mestre de obras.

O estudante afirma ter cursado a Educação Infantil dos cinco aos seis anos em uma escola particular de seu bairro e depois sempre ter estudado em escolas públicas também próximas à sua residência. Ele diz que sempre gostou muito de estudar, principalmente quando criança e que seus pais e alguns irmãos mais velhos o incentivavam muito a esse respeito. Ele sempre se destacou nos estudos. Sua mãe o acompanhava bem de perto e sempre o presenteava com livros, buscando incentivar a leitura.

Edemar conta que após a quinta ou sexta série começou a sentir um pouco mais de dificuldade em algumas matérias e com a nova estrutura da escola, com várias disciplinas e vários professores. Nessa época, sua mãe e seus irmãos também não conseguiam mais ajudá-lo como antes, pois ele já tinha alcançado uma longevidade escolar maior que a dos membros de sua família. No entanto, mesmo com dificuldades ele foi incentivado a prosseguir nos estudos e se formar.

Lembra que dois dos seus irmãos mais velhos também gostavam de estudar, mais tiveram que parar para trabalhar. Os outros irmãos não gostavam muito de estudar. Tem dois irmãos com curso técnico e um dos irmãos, depois que ele já estava na faculdade também tentou vestibular pra Administração, mas não deu continuidade aos estudos.

O curso superior só começou a fazer parte dos planos de Edemar quando o estudante já estava no Ensino Médio e via algumas pessoas comentando sobre isso. O estudante, quando criança, diz que pensava em ser policial. Mais tarde, ao conviver com um parente técnico em química chegou a vislumbrar esse curso, mas depois percebeu uma maior afinidade com a área de humanas e se decidiu por essa área.

Ainda no colégio começa a dar aulas particulares e se encanta por isso, mas não quis fazer licenciatura. Diz não saber bem o porquê, mas afirma que na época da

escolha do curso, as licenciaturas, por opção pessoal, estavam fora de seu horizonte.

A Pedagogia também começou a ser vislumbrada nessa época, mas foi descartada a princípio, junto com as licenciaturas. Além da Pedagogia, ele diz que “quase pensou em fazer Letras”, mas que acabou se definindo com o Direito mesmo. No entanto, mesmo durante o curso de Direito ele continuou a dar aulas particulares e seu interesse por essa área só crescia. Edemar conta que cada vez dava aula para alunos menores, principalmente de seis e sete anos e que isso o seduzia cada vez mais.

“A Pedagogia já passava pela minha cabeça, mas eu acabei indo pro Direito... a Pedagogia e o Direito vieram junto. Eu pensei junto. Eu começo a da aula fico interessado, é... ai começo a pesquisar sobre essas coisas da licenciatura e acho que não seria isso, não sei por que... até hoje eu não sei porque! ... Eu achava assim, há... eu vou fazer um curso de Matemática, licenciatura? Num é isso! Eu começava a pegar a grade, a olhar... não num é isso! E conversava com algumas pessoas também... num sei... eu quase cheguei a pensar em Letras, ai depois eu fiz vestibular, passei e fui fazer Direito, mas continuei a dar aula e na graduação de Direito eu dei aula pra crianças de 6 e 7 anos e ai eu termino o meu curso, aliás, no meio dele já, eu pensava: uai, eu posso trocar! Mas ai quando eu acabo, eu dou uma acalmada assim e venho fazer Pedagogia... na verdade no último período de Direito eu começo a Pedagogia.”

Assim, concluído o Ensino Médio, Edemar presta vestibular e é aprovado para Direito na PUC Minas e para Engenharia no CEFET/MG. E afirma “Graças a Deus” ter escolhido o Direito. Na verdade o estudante conta, meio sem jeito, que nem sabe muito bem o porquê de ter tentado Engenharia, pois esse nunca foi um interesse real para ele. É interessante perceber a possível relação entre o gênero e a escolha do curso superior nesse caso, uma vez que, “mesmo sem saber por que” o estudante inicialmente opta por cursos de maior frequência do gênero masculino. Há que se pensar aqui também na questão relativa ao prestígio dos cursos vislumbrados inicialmente pelo estudante.

Várias vezes durante a entrevista busquei compreender melhor o porquê da rejeição negativa de Edemar em relação às licenciaturas, mas em todos os casos suas respostas eram reticentes e seguidas de um “não sei”: “Achava que não ia conseguir

passar por elas”, “que ia acabar abandonando elas”. Mas nunca dizia exatamente o porquê dessa sua impressão, só “não sei”.

Durante o relato sobre suas experiências profissionais o estudante conta que teve “outros trabalhos mais comuns de jovens masculinos” como “office boy”, aos quinze anos, e como ajudante numa gráfica. Hoje trabalha em sua área de Direito, com Juventude e prevenção à criminalidade. Tem interesse por juventude, mas quando entra na Pedagogia descobre que gosta mesmo de infância.

Em relação a questão de gênero, diferentemente de Túlio que busca afirmar reiteradamente sua “heterossexualidade”, esse é o único momento em que Edemar faz algum tipo de alusão a esse fato. O estudante conta que quando começa a dar aulas particulares, nunca mais abandona esse ofício. Diz ter procurado a Pedagogia principalmente por um interesse por infância e juventude, mas que hoje já entendeu que o que ele mais gosta é a infância mesmo e imagina que sua inserção nessa área será bem difícil.

Edemar conta ainda que acredita que suas professoras da terceira e quarta séries podem ter sido uma influência pra ele, pois moram perto de sua casa e são pessoas por quem ele tem muito carinho e que sempre incentivaram sua opção pelas aulas particulares.

É interessante aqui novamente perceber que, corroborando com a já citada pesquisa de Brembeck, os estudantes (Túlio cita seus bons professores de Geografia, Henrique cita a Dona Auzerina e Alex seu professor de Teologia) apontam seus antigos professores como referência e possível influência para a escolha da profissão docente.

Quanto à escolha da Pedagogia, Edemar diz ter percebido muita resistência dos amigos quanto à sua escolha pela Pedagogia, principalmente dos formados em Direito, que não entendem sua opção. Segundo o estudante, ele até evita falar sobre isso com os amigos. Sua família, ao contrário, não apresentou nenhuma resistência, pois segundo Edemar eles já acompanhavam e sabiam do seu gosto pela área. Na

faculdade, esse fato nunca pesou e nunca sentiu nenhum preconceito no ambiente acadêmico.

Sobre o fato de ser homem ele afirma:

“Tem peso... assim... mas é... pra mim ele foi bem... tranquilo assim... num vou falar que foi muito tranquilo, mas foi tranquilo assim... depois que... é... complicado te falar assim... que assim depois que eu decidi o peso ficou bem menor... assim... vou ter problema com isso não, vou ver o quê que da, num vai ser um peso mesmo... é... hoje não é um peso assim... não tem problema nenhum... mas em algum momento pesou... antes da escolha... é difícil... assim...”.

Como se pode perceber, do mesmo modo que Edemar diz não saber por que as licenciaturas foram negadas, o estudante também afirma não saber explicar ao certo o porquê da escolha da Pedagogia ter “pesado” um pouco em relação ao fato de ser homem, e conclui que nenhum desses fatores hoje apresenta algum tipo de empecilho pra ele. Edemar afirma que sabia que o curso era frequentado majoritariamente por mulheres e que quando entrou no curso estava plenamente confiante da escolha feita.

Sobre seu futuro profissional, o estudante assegura que quer trabalhar com Educação Infantil e séries iniciais. Conta que seu interesse principal é a sala de aula, que se interessa muito por alfabetização e que futuramente pensa em fazer mestrado e doutorado também nessa área da educação infantil ou da alfabetização.

Aluno regular, Edemar diz que nunca pensou em desistir e que está muito satisfeito com o curso: “Só gostaria que as aulas fossem mais práticas, tivessem mais sobre ensino e sala de aula”. “Precisei entrar na Pedagogia pra entender o que eu queria”. Diz que a infância e “a coisa da alfabetização” é o que mais o instiga, o que mais o faz ler e pesquisar. Afirma que trocaria o Direito pela sala de aula. Que a sala de aula é o que ele quer. Entre todos os entrevistados, Edemar é o que parece apresentar um gosto mais genuíno pela Pedagogia.

Edemar, assim como Henrique e Leonardo são os estudantes que parecem mais se aproximar ao que Nogueira e Pereira (2010) discutem sobre “o gosto pela

Pedagogia” e a escolha do curso superior. No entanto, devido às questões de gênero e principalmente àquelas ligadas ao prestígio da profissão, a entrada no curso, como sugerido por esses mesmos autores, parece ter sido adiada. Henrique, que depois de ter iniciado três outros cursos, está hoje concluindo o curso de Pedagogia. Edemar e Leonardo, primeiro prestaram vestibular, foram aprovados e concluíram outros cursos mais prestigiosos como Direito e Ciências Biológicas, respectivamente, antes de ingressarem no curso de Pedagogia.

3.2 – O grupo focal e as impressões dos sujeitos sobre o tema da pesquisa

O grupo focal foi a última etapa de coleta de dados da pesquisa. Todos os sujeitos que não foram convidados para a entrevista e que haviam deixado contato “válido”, foram sondados quanto ao desejo de participação no mesmo. Alguns simplesmente não retornaram os contatos, outros alegaram falta de tempo ou dificuldade em relação às possíveis datas e horários. Ao final, seis estudantes se dispuseram a participar confirmando sua presença e outros dois sujeitos deixaram sua participação remetida a disponibilidade do trabalho, no entanto, no dia de sua realização somente quatro sujeitos compareceram²⁹. São eles:

Sujeitos	Idade	Características marcantes	Trabalho atual
Emerson	34 anos	Iniciou curso de Geografia	Trabalha com Tecnologia
Marcos	39 anos	Formado em Geografia	Professor de Geografia
Ramon	29 anos	Reprovado em Direito e em Pedagogia	Trabalha com RH
Adriano	33 anos	Formado em Filosofia	Professor de Filosofia

O principal objetivo dessa metodologia era dar voz aos sujeitos pesquisados tentando dessa forma abarcar suas impressões, opiniões e posições relativas à escolha da Pedagogia e a influência do gênero nesse processo. Buscou-se

²⁹ A data do grupo focal coincidiu com uma das manifestações ocorridas durante a “Copa das Confederações”, o que impossibilitou que três outros sujeitos pudessem participar desse momento.

compreender os porquês de determinadas posições, os fatores que as influenciam e as motivações que subsidiam as opções.

Iniciando o encontro, um lanche foi servido como cortesia, e sobre a mesa havia a seguinte notícia: “Estudantes paulistanos acreditam que existe profissão de homem e de mulher”. Essa notícia trazia ainda em destaque o seguinte: “alguns disseram que elas têm características para as profissões de cuidado; outros justificaram que a mulher não seria obedecida por homens em carreiras que exigem autoridade”.

As discussões se desencadearam a partir desta notícia, e para fim de análise, serão divididas em três categorias: o estudante de Pedagogia e a Educação Infantil; profissão de homem versus profissão de mulher, e a escolha dos sujeitos pelo curso de Pedagogia.

3.2.1 – O estudante de Pedagogia e a Educação Infantil

Com uma configuração informal, a primeira discussão iniciada pelo grupo, ainda durante o lanche, foi sobre as relações entre o universo masculino e a Educação Infantil e sobre o estágio obrigatório que os estudantes têm que fazer neste campo.

Sobre esse aspecto, o estudante Emerson relatou um “desconforto” no momento de realização desse estágio. Ramon conta que se desesperava ao imaginar esse momento do curso e afirma que a primeira resistência era relacionada a ter que dar banho e trocar fralda de criança.

Ainda sobre esse aspecto é interessante observar algumas falas dos estudantes:

“No primeiro dia eu me senti um peixe fora d’água! Não sei vocês, mas você chega num lugar onde só tem crianças, as maiores com cinco anos, mulheres, e mais nada?” Ramon

“A professora de estágio deu pra gente um objeto de vidro e o objetivo era a gente relacionar o objeto com a nossa prática. Na primeira semana eu peguei o negócio e arrebentei tudo! Cheguei com o negócio todo arrebitado lá e falei: não tem jeito cara!” Emerson

Expressões como “medo”, “desconforto”, “incomodo” ou mesmo “pavor”, “desespero” e a “falta de jeito” estiveram frequentemente presentes em relação à Educação Infantil. Chama também a atenção, a fala de Emerson em referência a uma tentativa metodológica de sua professora, de fazer relacionar o cuidado ligado a Educação Infantil à delicadeza de um objeto de vidro, que é totalmente destruído pelo estudante. Interessante ainda observar, que essa “resistência” foi prontamente anunciada, antes mesmo que qualquer questão fosse posta para discussão. Sobre esse aspecto, Welzer-Lang (2001, p. 465) aponta que “... na socialização masculina, para ser homem, é necessário não ser associado a uma mulher.”. Nesse sentido, ao que parece, a vontade primeira desses sujeitos foi se distanciar do que, dentro do curso de Pedagogia, seria mais associado ao universo feminino.

“Eu tive medo com o contato no início. [...] a criança não tem maldade, ne? Elas agarram a perna! E é menino e menina! Agarram a gente, dão beijo! E aquilo ali eu ficava apavorado! [...] Não que eu não quisesse! Por que é muito bonitinho, né? Cê também fica doido com eles! Mas eu tinha essa cautela pra não... de repente... dar assim a entender que as pessoas pudessem ver isso de um jeito diferente.”
Ramon

Interessante nesse caso perceber, o “controle dos corpos” que se o estudante preocupava em manter para que, nas palavras do sujeito, não pudesse dar “assim a entender que as pessoas pudessem ver isso de um jeito diferente.”. Essa mesma referência é feita, por diversos estudantes, nas questões abertas do questionário, no qual uma das maiores referências em torno do problema do preconceito apontava a questão da pedofilia. Também foi levantado, o receio em relação ao julgamento e ao preconceito social em torno do trabalho de homens com crianças. Sobre esse aspecto o Ramon contou que certa vez uma de suas colegas de sala fez a seguinte afirmativa: “Eu não deixaria minha filha com um homem!”. O estudante disse que isso o deixou muito incomodado, alegando ser uma fala muito preconceituosa, já que, para ele, também há vários casos de maus tratos e de abusos cometidos por mulheres.

“Eu tenho muita preguiça de enfrentar esse estigma de que homem não pode dar aula pra criança. Então isso me desanima muito.[...] você já chega já e as pessoas vão te pré-julgando...” Emerson

“O homem é pré-julgado!” Ramon

“Eu fui recebido por uma Pedagoga que faltou me dizer: vai embora! Desiste. Volta pra tecnologia!” Emerson

“Eu sentia uns olhares assim... até que você vai se acostumando. Não digo que eu saí de lá com convicção de que queria trabalhar com isso, mas no final foi o estágio que eu mais gostei... eu virava um palhaço com os meninos!” Ramon

“Eu não tive muito contato com as crianças. Eu fiquei mais observando... enfim, essa experiência me fez crescer muito. Foi a que eu mais cresci na Pedagogia...” Emerson

Assim como o estudante Emerson, Ramon também conta que fez um acordo com a professora de estágio para só observar e não realizar a prática curricular prevista. Ele também afirma que inicialmente tentou “ludibriar” a professora para realizar o estágio com as crianças de seis anos “...que já eram maiores. Pensei: esses aqui acho que vai dar pra passar.”. Chama atenção, no entanto, a ressalva dos dois estudantes de quanto eles gostaram ou de quanto aprenderam durante esse estágio, apesar de todas as dificuldades enfrentadas. Entre os motivos apontados por esse gosto estão a experiência e o contato com as crianças em geral.

Adriano e Marcos ainda não fizeram o estagio na Educação Infantil por estarem nos períodos mais iniciais do curso. Sobre sua experiência com crianças Marcos cita:

“O máximo que eu tive de contato com crianças em escola foi na antiga quinta série, hoje sexto ano. Eu formei em Geografia aqui na Federal. [...] Eu adoro ser professor mais eu prefiro o Ensino Médio. Eu me dou melhor com os adolescentes. [...] minha primeira experiência foi com a quinta-série, né, então assim eu acho que eles me cansam mais, eles me dominam! Interessante, eles conseguem me dominar, com os adolescentes eu já tenho um certo controle, a coisa flui melhor [...] por exemplo, uma vez eu tava em sala de aula e quando eu fui olhar eu já tava rolando no chão com os meninos e tava aquela confusão, tinha mapa pra todo lado...” Marcos

Marcos também comenta que, os homens que chegam a Educação Infantil, em geral, não ficam diretamente ligados ao cuidado. Eles geralmente se encarregam das brincadeiras. Adriano concorda com Marcos e afirma que muitas vezes há uma “expulsão simbólica” realizada pelas próprias colegas (mulheres) sugerindo que,

talvez o que leve eles a isso “é também o medo daquilo: um homem vai dar banho na minha filha?”.

Sobre esse mesmo aspecto da resistência das mulheres em relação à presença dos homens “no campo delas”, Emerson também relata que, em suas experiências com escola, devido a sua ligação com a tecnologia, ele sempre ouvia: “há vai dar aula de informática! Elas nunca me mandavam pra escola, pra sala de aula!”.

É especialmente interessante ainda perceber que os outros três estudantes relacionaram essa experiência com a Educação Infantil à suas experiências pessoais com crianças, o que de certa maneira parece remeter ao cuidado que socialmente é tido como feminino, ou até mesmo doméstico.

Adriano parece perceber o estágio em Educação Infantil de modo mais “tranquilo” uma vez que relata que sua criação foi toda feita por mulheres e que também participa de Comunidade de Congado na qual, segundo o estudante, as tarefas tidas socialmente como femininas ou masculinas são significadas de um jeito diferente:

“Na minha comunidade ‘Bicho’, a mulher pega no machado e vai rachar a lenha e foda-se! Enquanto menino tá lá lavando copo... tá precisando? Pega o machado e vai pegar lenha!” Adriano

Sobre esse aspecto, Marcos e Ramon relatam:

“Minha experiência com crianças, vem da minha família. Eu venho de família grande... já ajudei a cuidar dos sobrinhos... a experiência que eu tenho é de casa.” Marcos

“No começo foi realmente difícil, porque na minha família é meio assim de pessoas mais velhas então eu perdi o contato com crianças. Eu já não sabia o que era uma criança de quatro, uma criança de três, uma criança de dois anos. Então eu ficava ouvindo as pessoas falarem: “você vai ter que trocar fralda...”. Tinha um negócio assim, Educação Infantil também é cuidado... Eu ficava aterrorizado! Eu pensava assim: eu vou largar esse curso! Eu já estava em crise!” Ramon

Outro ponto comum na fala desses estudantes foi a negativa de que esse é um campo de desejo dos mesmos. Emerson pretende seguir sua carreira aliando “Educação e Tecnologia”. Marcos pretende fazer mestrado e doutorado. Ramon é

funcionário público da PBH e deseja fazer outro curso mais prestigioso como o Direito, por exemplo. Adriano, por último, afirma desejar ser Pedagogo.

“Gosto de criança, me dou bem com criança, mas não me imagino educando criança.” Emerson

“Então na Educação Infantil eu não tenho experiência e assim como vocês. Esse também não é o meu foco, não é o que anseio, o que eu busco.” Marcos

Pesquisas como as de Brailovsky (2003) e Sayão (2005) buscaram compreender a inserção de homens na Educação Infantil. Destacam-se nesses estudos, parte dos apontamentos levantados pelos estudantes. Sobre a questão da Pedofilia, Brailovsky discute “la peligrosidad” que “que recaen sobre los maestros jardineros”, referindo-se a potencialidade abusadora delegada a eles em relação aos estudantes, assim como a um modelo “desviado” de “masculinidad” que esses poderiam passar, principalmente em se tratando dos meninos, caso esses sejam homossexuais.

Sobre esse mesmo aspecto, Sayão afirma que em sua pesquisa evidenciaram-se suspeitas e juízos morais no julgamento desses homens e de seus papéis sociais. A pesquisadora afirma que, ao buscar dados sobre abusos cometidos por homens na Educação Infantil, nenhum dado foi encontrado, o que parece demonstrar que esse imaginário de “homem perverso e sexualmente ativo” está presente nos aspectos culturais da sociedade. Assim como Sayão, Brailovsky conta que um de seus entrevistados, utiliza a reunião de pais, para tranquiliza-los, apresentando estatísticas de que não existem casos registrados de professores de Educação Infantil que tenham abusado das crianças.

É interessante ainda observar que esses estudos, em geral, demonstram que, ao contrário das mulheres que muitas vezes delegam a escolha da Educação Infantil ao fato de sempre gostarem de crianças, os homens, que hoje exercem essa profissão, o fazem não por um sonho infantil, mas sim por alguma contingência. Recorrente também nesses trabalhos, a alusão à forma como esses homens se estabelecem nesse “campo feminino”, buscando principalmente a “ciência” e os “trabalhos com

educação física” como referência, não focando, deste mesmo modo, as questões relativas ao cuidar.

Percebe-se neste ponto uma importante relação com a questão de gênero. Seja pela “escolha” tardia da profissão ou mesmo pela forma como se estabelecem como profissionais, os homens que optam por essa carreira, não buscam se “adequar” ao universo previamente ocupado pelo gênero feminino, ao contrário, eles se mantêm nesse campo reforçando sempre, em alguma medida, as expectativas sociais do gênero masculino.

3.2.2 – Existe profissão de homem e profissão de mulher? O sexo e a escolha do curso superior.

Outra grande questão discutida pelo grupo foi: existiriam profissões pra homens e profissões para mulheres? Sobre esse aspecto, o Marcos inicialmente disse que:

“Não é que existe profissão de homem e de mulher [...] mas, tem profissões que se adequam melhor ao biótipo da pessoa... eu não posso dizer que o homem tem a mesma força que a mulher, mas isso não define que exista profissão de homem e profissão de mulher porque isso não é verdade... mas algumas profissões eu acho que se adequam mais a estrutura física da pessoa... por exemplo, a profissão pesada da construção civil... você por uma mulher pra bater laje, pra... é diferente. É um desgaste maior.” Marcos

Ramon diz concordar com Marcos, mas somente em termos gerais. Segundo ele essas profissões de “chão de fábrica” não são mesmo as mais adequadas para as mulheres, mas problematiza o que ele chama de “profissões acadêmicas”, ao se referir às carreiras do Ensino Superior. “se você for falar do trabalho do pedreiro você vai concordar que exige uma força mecânica, então você vai concordar que é mais adequada pra ele, mas na academia, são ideias, né? Então porque que é assim?”

Já para Emerson, é uma questão de estigma:

“Tem um olhar cultural e ético envolvido aí... e a gente tem que ter ousadia pra enfrentar esse estigma e buscar o que a gente acredita, né? [...] acho que as escolhas tem muito mais a ver com a leitura que as pessoas fazem do mundo...” Emerson

Para Adriano existe uma questão maior de classe e de raça envolvida nessas escolhas e na opinião dele a questão do gênero é uma questão “social plena.”. Assim, se por um lado Emerson e Ramon ressaltam que algumas profissões são realmente mais adequadas ao homem ou à mulher, por outro, Marcos e Adriano chamam a atenção para a importância do componente cultural e dos estigmas constituídos a partir desse universo.

Adriano disse que acredita que para um homem fazer Pedagogia ou uma mulher fazer Engenharia é uma questão de coragem, exceto para os pobres, que “vão pra onde existe a possibilidade e a oportunidade”. Essa coragem relatada pelo estudante refere-se ao desvencilhar das expectativas relacionadas ao gênero, que para ele, só acontece nos casos onde existe, por parte do sujeito, uma melhor condição social.

Sobre a influência do gênero na escolha do curso superior, Emerson e Ramon acreditam que o gênero tenha sim uma influência nesse processo. Para Ramon o Brasil é um país careta, padrão e machista. Acredita que esse “padrão social” influa na escolha dos sujeitos:

“Eu acho que existe essa pressão. O menino vira pro pai e fala: pai quero fazer Artes Cênicas! Ai entra o componente econômico, social, de status... Artes Cênicas não dá dinheiro [...] é coisa de gay...”
Ramon

“A construção histórica é muito complicada pra fazer escolha [...] de onde eu venho? Eu tenho liberdade, condição, de fazer escolhas? [...] Eu acho que se se considera essas questões o sexo influencia [...] mas dependendo de um outro contexto talvez não influencie tanto. Por exemplo, quanto a minha escolha, por que eu vim pra Pedagogia? Por que eu quis vim! Eu olhei a grade e gostei. Já tinha me frustrado com exatas, comecei outro curso, mas me frustrei também. E eu queria estudar, já tinha olhado outros cursos... A Pedagogia eu escolhi pela grade mesmo, por que me interessou.” Emerson

Emerson também faz o seguinte relato sobre a escolha pela Pedagogia:

“Pra mim explicar pros meus amigos que eu ia fazer Pedagogia? Meu Deus! Que dificuldade! [...] Tinha aquela coisa: curso de mulher!”

Diferentemente dos outros estudantes, seja por assumir sua escolha como “não escolha” como no caso de Ramon, seja por já estarem mais inseridos no campo da Educação, como nos casos de Marcos e Adriano, Emerson foi quem relatou o maior estranhamento de seus pares pela escolha do curso de Pedagogia.

Ainda sobre a relação do sexo com a escolha do Curso Superior, Ramon acredita que existe uma “pressão” social e de status em relação às escolhas. Ele cita o exemplo de que sempre quando perguntavam pra ele qual curso fazia, ele pedia para que as pessoas adivinhassem seu curso: “ninguém fala Pedagogia!”...

“A construção histórica ela é complicada pra fazer escolhas. [...] Eu acho que se for considerar todas essas questões o sexo influencia, nessa categoria de tem um estigma, tem uma classe social que limita a escolha, mas dependendo de um outro contexto isso talvez não influencie tanto. Desde que você tenha muito claro o que você quer fazer...” Emerson

“Eu acho que de novo tem um corte de classe: aonde que o pobre entra na universidade? Basicamente é isso. [...] na minha cabeça rola uma questão de identificação que aí é do sexo, né? Do gênero: o que que eu quero? Uai cuidar, né? Da irmã mais nova, boneco, menininho bonitinho, rosinha... e aí isso acaba dando um caminho... [...] aquela coisa de que onde eu devo estar?” Adriano

Em relação à experiência deles e à convivência em um curso frequentado majoritariamente por mulheres, ao contrário do que alguns estudantes afirmaram na entrevista, os mesmos disseram que não sentiram nenhuma desconfiança em relação à sua orientação sexual. Citam os assuntos femininos e a idade das colegas como principal diferença. Brincam também que um de seus maiores problemas era a criação monogâmica que tiveram (pois são comprometidos) e os olhares com segundas intenções que receberam.

Ainda sobre esse aspecto, Marcos e Adriano comentam que eles eram uma referência teórica para a turma. Contam que como são professores, gostam de falar e participam muito das aulas. Com isso, são sempre procurados e disputados pelas

colegas na hora de formar grupos, apresentar trabalhos e ajudar em questões nas quais as colegas apresentam dúvidas. Este tema também foi explicitado nas entrevistas e nas pesquisas citadas sobre homens professores.

3.2.3 – Os sujeitos e sua opção pelo curso de Pedagogia

Quanto à escolha do curso superior, com exceção de Ramon, os participantes desse grupo foram aprovados em outros cursos antes de seu ingresso na Pedagogia. Marcos e Adriano concluíram outros cursos, sendo Geografia e Filosofia respectivamente. Ramon, depois de se dizer frustrado com a área de exatas e de também ter iniciado o curso de Geografia, o abandonou novamente alegando frustração com o curso.

Sobre a escolha da Pedagogia Emerson afirma:

“A Pedagogia eu escolhi assim, pelo que é dado! [...] Eu não precisava de um curso superior! Na minha profissão um curso da Microsoft conta mais que uma formação superior!”

Outro ponto comum entre os sujeitos foi a entrada tardia na universidade. Com exceção de Adriano, os outros estudantes se encaminharam primeiramente ao mercado de trabalho, para depois buscar os estudos superiores.

Sobre a escolha do curso superior, Adriano conta que sua opção pela Filosofia foi feita com quatorze anos. Relata também que tentou vestibular assim que concluiu o Ensino Médio. No entanto, segundo o estudante, ele só ingressou na universidade no ano seguinte, pois da primeira vez ficou em sétimo excedente.

De acordo com Adriano, durante a faculdade de Filosofia ele conheceu o Paulo Freire e o Bourdieu e lembra que a Faculdade de Educação foi importantíssima para sua formação e para o entendimento de sua profissão de filósofo e de professor. Assim que se formou, se tornou Professor do Estado.

No entanto, descontente com sua profissão, buscando avançar no entendimento de seu cotidiano e em busca de melhores condições de trabalho, decide buscar a Pedagogia. O estudante afirma que chegou a pensar em fazer mestrado em Educação, mas que, como acredita que esse caminho o levaria ao Ensino Superior e que seu desejo é trabalhar em escolas de periferia, ele descartou essa possibilidade e buscou uma nova formação. Um dos desejos de Adriano é se tornar coordenador pedagógico.

“Eu sei que eu posso desenvolver bons trabalhos, eu sei que sou capaz de modificar as práticas, ao invés de ver essas coisas doentias que esses meia dúzia de porcarias tão fazendo por aí, eu sei que há outras possibilidades... [...] Eu chegava pros professores e dizia: olha aqui galera, olha o que tá acontecendo, olha o que esse professor tá fazendo! Existem outros modos avaliativos, olha como a gente pode trabalhar tal coisa... e eles: é... [...] aí eu pensei assim: será que se eu ocupar outro lugar dentro da escola, que não o professor e de filosofia... Porque tem esse estigma [...] e aí eu fui pra Pedagogia por que na Pedagogia eu posso continuar no espaço sócio-econômico-político que eu quero estar, eu posso ter uma valorização profissional, e talvez eu me insira nesse espaço com uma outra representatividade.” Adriano

Para Adriano, a questão de gênero em nenhum momento impactou sua escolha, no sentido de resistência ou preconceito. Ao contrário, como relata ter tido uma criação feminina, conclui inclusive, que, talvez por isso, “até me dou melhor com as mulheres”.

Marcos afirma que a escolha da Pedagogia está sendo realizada como “ponte” para a Pós-graduação. Assim como Adriano, ele também relata o desejo e o gosto pela profissão de professor e o prazer em estudar.

“Eu entrei na Pedagogia pelo seguinte: eu já tinha geografia, ne? [...] É aquilo que o Adriano falou, é mais fácil licenciatura, eu gostava de Geografia...” Marcos

“E pensei: nossa gente eu preciso estudar! [...] Eu queria fazer mestrado, vou fazer Pedagogia... o que me foi a possibilidade de fazer mestrado, por que eu queria fazer Mestrado em Educação. [...] E também o que me motivou foi a possibilidade de discutir os problemas da escola...” Marcos

Sobre o fato de ser um homem escolhendo um curso frequentado majoritariamente por mulheres, Marcos afirma que isso não pesou nada! Os motivos de sua escolha foram outros.

Ao contrário dos demais estudantes, Ramon diz que sua escolha foi pelo curso de Direito e que como não conseguiu passar e já estava se sentindo muito velho, decidiu fazer Pedagogia. Ramon conta ainda que “tinha uma ficção por Federal eu não faria Pedagogia se não fosse aqui, como eu não faria Direito em outra. Eu tenho essa coisa, não se porque eu moro aqui perto, não sei se é isso...”.

O estudante afirma que o fato de se sentir velho, pois havia muitos conhecidos de sua idade que estavam terminando um curso e ele já estava com vinte e três, vinte e quatro anos e não tinha “nem entrado em nenhum”, pesou muito e com isso decidiu “entrar na faculdade de todo jeito, nem que fosse no curso de Pedagogia!”.

Segundo o estudante, sua escolha foi em meio a muitas crises. Ramon afirma que quando não se sabe que curso fazer, em geral, as pessoas procuram o curso de Administração. “Eu vim pra Pedagogia! Não fui pra administração por conta da exatas, devia ter ido!”

Ainda sobre a escolha do curso, o estudante relata:

“Quando eu escolhi a Pedagogia eu entrei em crise! Uma crise quase existencial! [...] Pensei: Ramon você é louco! Você saiu de uma batalha pra entrar no Direito e vai fazer Pedagogia? É isso mesmo? [...] Na segunda vez que eu tentei Pedagogia eu não pude fazer a segunda etapa porque eu adoeci, então eu tava louco!” Ramon

Não se diz satisfeito com o curso e não está trabalhando como Pedagogo ou como Professor. Ainda pretende fazer Direito. Nas palavras do estudante:

“O que pesou Flávia foi o componente de status. Eu tinha vergonha de falar isso! Hoje eu não tenho vergonha de falar isso: eu quero um curso que me de status!” Ramon

Entretanto, apesar de todos esses conflitos relatados por Ramon, ele foi o único estudante que destacou que quando criança desejava ser professor: “Eu brincava de escola! [...] Depois fui crescendo e isso passou!”.

“Eu brincava de escolinha! Isso tem que ficar registrado! Com doze anos de idade eu brincava de escolinha. (...) uma coisa que eu falo pros outros: não deem quadro pra crianças que isso pega!” Ramon

Diante da fala de Ramon fica a seguinte questão: teria sido esse “gosto”, reprimido pelas questões relativas ao gênero masculino e/ou pela questão do status tão reafirmada pelo sujeito? O estudante, em relação a esse fato, não fez nenhuma afirmação.

Quando questionado sobre a questão de gênero ele afirmou que “sendo muito sincero” o que mais tinha pesado era a questão do status. “O componente gênero não pesou, teve ali sua importância, mas não como o componente... pode-se dizer econômico?”

Ao final, foi pedido aos participantes que fizessem considerações finais sobre o tema da pesquisa. Assim, o estudante Marcos disse que sua impressão sobre o tema era o de que em geral os homens não vêm pra Pedagogia para ser professor e sim como “segunda experiência”. Disse também que essa “É uma área feminina, mas o homem também não ocupa!” e Adriano concluiu dizendo: “A gente não se rebaixa a isso!”, numa alusão as discussões teóricas relativas a essa dimensão, que apontam a existência “oculta” de uma superioridade imposta pelo gênero masculino sobre o feminino.

Emerson e Ramon também relataram que, assim como discutido ao final do segundo capítulo, achavam importante dizer do abandono que parece acontecer ao longo do curso.

Assim, uma vez mais, com exceção de Ramon, no qual se pode relacionar sua escolha “ao que foi possível”, seja nas entrevistas ou entre os demais participantes do grupo focal, fica claro que o contato com a área de Educação foi determinante para a opção desses sujeitos pelo curso de Pedagogia.

3.3 – Considerações finais sobre os dados coletados por meio das entrevistas e do grupo focal

Como apontado no início do capítulo, tentamos na etapa qualitativa da pesquisa nos aproximar mais dos percursos e dos motivos que levaram os sujeitos a essa escolha improvável pelo curso de Pedagogia, assim como compreender melhor suas impressões e opiniões sobre o tema da pesquisa.

Na análise dos dados, chamou atenção a grande quantidade de indivíduos que apontava ter tido, anteriormente à entrada na Pedagogia, uma experiência com a área da Educação - seja aquela mais tradicional, como professor, ou aquelas relacionadas à educação em seu sentido mais amplo, como nas escolas dominicais e nos movimentos sociais.

Nas entrevistas, pôde-se observar que o curso de Pedagogia só começa a ser vislumbrado pela maioria desses estudantes após diferentes experiências com o campo educacional. No caso dos sujeitos que participaram do grupo focal, o contato com a área de Educação, principalmente para aqueles que trabalhavam como professores, também parece ter sido determinante.

Destaque também para o compromisso ideológico apresentado por alguns estudantes para a escolha do curso. Alex, Leonardo e Adriano, por exemplo, apresentam como motivos da escolha pela Pedagogia a vontade de contribuir socialmente com o trabalho de educador e demonstram um forte desejo de continuar atuando nos espaços educativos nos quais já estão inseridos.

Chama atenção ainda, nessa etapa da pesquisa, a negativa dos sujeitos em relação ao impacto que a dimensão do gênero possa ter tido na escolha do curso de Pedagogia. Em relação a essa questão, destaca-se o fato de que três dos sete entrevistados não sabiam, antes de entrar para o curso, que esse era frequentado majoritariamente por mulheres. No que se refere a este ponto, inicialmente imaginamos que essa desinformação poderia estar relacionada a um perfil social e escolar mais baixo e com isso, a um menor conhecimento sobre o universo dos

estudos superiores em geral. No entanto, observando o caso do Túlio, essa hipótese necessitou ser reformulada, uma vez que esse estudante está entre os que apresentam um perfil social e escolar mais elevado.

Ainda sobre a dimensão do gênero, se por um lado, pode-se imaginar que, enquanto pesquisadores, tenhamos vislumbrado um problema que não é tão presente para os candidatos no momento da escolha, por outro, essa dimensão pode estar tão impregnada em suas vivências, que sua influência seja menos percebida pelos mesmos, ou seja, a socialização ou mesmo a dominação masculina seja tão impregnada socialmente que a “não escolha” ou a falta de perspectiva de se frequentar um curso tido socialmente como feminino esteja tão relacionada à questão de gênero e suas expectativas, que ela anteceda a opção dos sujeitos, antes mesmo que essa dimensão possa ser objetivamente percebida pelos mesmos.

É também interessante perceber que a questão relativa ao status e a valorização da profissão e do curso de Pedagogia é ressaltada por alguns dos sujeitos entrevistados como incomoda e conflituosa, sendo para eles, mais relevante que a questão de gênero. O relato de que ouviam questionamentos do porque não faziam Engenharia, Medicina, Direito, ou outros cursos mais rentáveis apareceu especialmente entre os casos em que os estudantes apresentavam um perfil social menos favorável (Aurélio, Geraldo, Alex e Ramon). Ainda assim, como discutido no primeiro capítulo, essa dimensão apresentada pelos estudantes como mais incomoda que a “escolha por um curso feminino”, está diretamente relacionada às expectativas sociais de “homem provedor e bem sucedido” relacionadas ao gênero masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Super-Homem, a canção

Gilberto Gil

Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter

Que nada, minha porção mulher que até então se
resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É o que me faz viver

Quem dera pudesse todo homem compreender, ó mãe,
quem dera
Ser o verão no apogeu da primavera
E só por ela ser

Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória
Mudando como um Deus o curso da história
Por causa da mulher

Começamos este estudo, que teve como objetivo avançar na compreensão da dimensão do gênero em relação à escolha do curso superior, baseados em algumas hipóteses. Em relação ao perfil dos estudantes de Pedagogia da FaE/UFMG, era esperado, devido principalmente às expectativas relacionadas ao gênero masculino, que os alunos pudessem ter uma idade mais avançada que suas colegas mulheres e uma maior inserção profissional que as mesmas. Outra expectativa era a de que pudessem ser encontrados pelo menos dois grupos bastante distintos de sujeitos: um primeiro formado pelos que teriam chegado à Pedagogia de um modo mais “utilitário”, ou seja, que estariam frequentando este curso apenas em busca de um diploma de Ensino Superior e um segundo grupo, em que essa escolha pudesse estar mais relacionada ao gosto pela pedagogia e à busca de realização profissional nessa área.

É interessante aqui ressaltar o estranhamento sentido pelos indivíduos da FaE/UFMG durante a coleta de dados. Por que uma mulher estava pesquisando homens? Por que pesquisar os homens dentro de um universo feminino? Essas foram algumas das perguntas que me acompanharam durante toda a pesquisa de campo.

Mais um ponto que merece destaque foi a dificuldade encontrada em localizar esses sujeitos, especialmente na época da aplicação dos questionários. Isso, como confirmado em parte, durante a pesquisa, pode indicar que vários homens que cursam Pedagogia são irregulares³⁰. Durante as entrevistas e mesmo no grupo focal, alguns sujeitos relataram a dificuldade que certas vezes o trabalho lhes impõe, obrigando-os, em alguns momentos, a trancarem disciplinas, ou mesmo a trocarem de turno.

Outro fato que acompanhou o trabalho de campo foram “brincadeiras” como, por exemplo: “hum... ela tá procurando homens...” “Homens na Pedagogia? Sei lá. Se fossem gays na Pedagogia seria mais fácil encontrar.” “Essa sua pesquisa não vai ter fim, não temos homens na Pedagogia, temos mulheres. Você devia mudar sua pesquisa.”. Ao longo de todo esse período era inquietante perceber o incômodo, em especial das mulheres, que achavam a pesquisa absolutamente inusitada, para não dizer absurda.

Devido as frequentes “brincadeiras” presentes no cotidiano da Faculdade de Educação sobre a sexualidade dos homens da Pedagogia, nossa expectativa era a de que a dimensão da homossexualidade pudesse ser investigada. Não foi encontrado, no entanto, durante essa pesquisa, nenhum estudante que se declarasse homossexual, permitindo dessa forma, uma discussão mais aprofundada sobre o tema. Ao contrário, os entrevistados e os participantes do grupo focal, em vários momentos, ressaltavam sua heterossexualidade. Desse modo, ficam outras questões: esse discurso de “que só tem gay” no curso de Pedagogia seria um discurso feminino, construído para se marcar aquele território como delas? Ou teriam os alunos homossexuais evitado participar da parte qualitativa da pesquisa, justamente por receio de que tal tema fosse abordado? Não há como ser conclusivo em relação a esse tema.

De um modo geral, em função do número restrito de sujeitos pesquisados, apenas trinta e três, sabemos que as interpretações devem ser feitas de maneira cuidadosa

³⁰ Não foi possível no âmbito dessa dissertação fazer uma comparação mais sistemática com a situação das mulheres em relação a esse aspecto.

e não podem ter caráter conclusivo. Há ainda que se destacar a frequência em que durante a busca dos sujeitos, a questão do abandono era apontada pelos estudantes do curso de Pedagogia da FaE/UFMG, o que uma vez mais, estabelece que estejamos atentos em relação à análise desses dados, como destacado no segundo capítulo, os sujeitos investigados são aqueles que se mantiveram no curso e portanto não correspondem exatamente ao total da população ingressante.

Em relação ao perfil dos estudantes pesquisados, como apontado no capítulo que tratou dos dados quantitativos, temos que a maioria está matriculado no turno da noite e apresenta realmente uma idade mais avançada. Destaca-se também que eles são casados numa proporção maior que suas colegas e apresentam uma renda mais elevada que a média do curso, provavelmente devido a uma maior inserção no mercado de trabalho.

Ainda sobre o perfil desses estudantes, cabe notar que apesar da idade mais avançada e de possuírem famílias numerosas, esses sujeitos, devido a maior renda e principalmente a maior escolaridade dos pais, especialmente das mães, parecem apresentar um perfil socioeconômico um pouco mais favorável que a média da Pedagogia. Destaca-se também a grande inserção de irmãos no Ensino Superior, o que pode sugerir que esses estudantes e suas famílias não se configuram como exemplares típicos das camadas populares.

Entre os fatores pesquisados, chama atenção em especial o forte contato com dos sujeitos com a área de Educação. Este contato pode ser notado não só em relação à formação superior dos pais e dos irmãos, como também em relação às experiências anteriores dos próprios sujeitos com o campo. Seja em movimentos sociais, igrejas ou outros trabalhos mais direcionados a um enfoque cultural ou como professores, o contato com o campo da Educação parece ter sido o ponto principal para a escolha improvável pela Pedagogia.

Em relação à parte qualitativa da pesquisa, outros destaques fazem-se interessantes: o primeiro deles é em relação à “convivência com o universo feminino”. Com exceção de um dos estudantes investigados, que apresenta uma

queixa, principalmente, em relação às falas e posicionamentos de algumas professoras do curso sobre os homens e as expectativas relacionadas ao gênero masculino, a grande maioria afirma que em geral essa convivência tem sido bastante tranquila. Em comum, o estranhamento em torno do que eles chamam de “assuntos femininos” e a idade relativamente menor das mulheres, o que de acordo com os sujeitos, de certa forma os distancia delas, já que, segundo eles, a forma de se ver a vida é diferente aos vinte, aos trinta e aos quarenta anos. Novamente, sobre a questão da idade é basilar apreender que somente os estudantes mais novos e solteiros destacam que sentem uma “desconfiança” por parte das pessoas, quando entram no curso, em relação a sua orientação sexual. Os outros sujeitos, como dito e percebido por eles mesmos, talvez por serem casados e terem filhos, ou seja, por seguirem de certa forma os “padrões sociais” se sentem menos “investigados” a esse respeito.

Especialmente importante também perceber a grande recorrência encontrada na parte qualitativa da pesquisa em torno do gosto pelo conhecimento. Sete sujeitos apontam um forte gosto pela leitura e/ou pelo estudo e pelo conhecimento em geral. Assim, parafraseando Ruben Alves, esses indivíduos parecem ter encontrado um sabor especial em torno do conhecimento, sabor esse que pode ter contribuído, ou mesmo aguçado o desejo de ingressar no universo da Educação. Ainda sobre o aspecto do conhecimento, como também apontado em outras pesquisas citadas, em geral, esses homens, mesmo que de forma inconsciente, parecem buscar de certa forma, se tornar uma referência “científica”, como também adotar atitudes próprias de um “cavalheiro”, ambas relacionadas as expectativas do gênero masculino.

Também parece importante destacar o compromisso ideológico apresentado por alguns desses sujeitos em relação à escolha pelo curso de Pedagogia e à vontade de seguir trabalhando no campo educacional. Quatro desses estudantes apontam que durante suas trajetórias estiveram envolvidos com movimentos sociais e ou políticos e que esse envolvimento contribuiu para a opção pelo referido curso. Em relação a esse ponto, interessante ainda perceber que há uma recorrência no discurso dos sujeitos de que o currículo do curso de Pedagogia parece limitado à sala de aula e à Educação num sentido mais restrito. Alguns relatam tanto nos

questionários, quanto nas entrevistas, que esperavam que houvesse um maior enfoque em outros aspectos, entendendo a Educação, conforme apontado pela LDB, em seu sentido mais amplo.

Sobre a importância da dimensão do gênero na escolha do curso superior, destacamos a negativa apresentada por esses sujeitos sobre essa influência, nas entrevistas e no grupo focal. Ao compararmos esses dados com aqueles apresentados nas questões abertas do questionário, temos que apenas oito estudantes afirmam não terem sentido nenhum tipo de preconceito em relação à opção pelo curso, indicando que essa escolha, mesmo nos casos em que o estudante estava imerso no campo educacional, foi seguida de um “susto” por parte das pessoas mais próximas.

Mesmo não tendo um caráter conclusivo, nesse sentido, é possível indagar, em que medida essa negativa poderia ser uma espécie de “blefe” relacionado novamente às expectativas sociais do gênero masculino, uma vez que, em alguma medida, admitir que foi feita uma escolha atípica pode ser algo desconfortável para esses estudantes, mesmo que de forma inconsciente.

De qualquer modo, fica claro na parte qualitativa que a dimensão do gênero, em geral, parece anteceder a escolha do curso superior. As opções vislumbradas socialmente pelos homens, mesmo nos casos em que esses são os primeiros membros da família a ingressarem no Ensino Superior, parecem, ao menos inicialmente, envoltas das expectativas relacionadas ao gênero masculino. Desse modo, com exceção de Ramon que demonstra ter sido a Pedagogia uma escolha possível, para os demais estudantes, a opção por um curso tido socialmente como tipicamente feminino só parece ter sido possível na medida em que esses tiveram um contato prévio com o campo em questão.

Concluindo, apesar do baixo capital social e cultural apresentado por alguns dos sujeitos, no caso dessa pesquisa, não podemos dizer de uma escolha pelo possível, ao contrário, a dimensão do gosto, mesmo que não livre de ambiguidades, também parece se destacar. Não se pode, no entanto, dizer que se trata de um gosto

aleatório, sem relação com o passado e as experiências anteriores dos alunos. Os sujeitos, seja em função da paixão pela leitura, das boas lembranças da época de escola e dos bons professores, da admiração por pessoas com formação na área educacional, do contato indireto com a área através de familiares e amigos, ou até mesmo por uma experiência profissional anterior com a Educação, foram construindo um gosto e uma identificação pelo campo suficientemente fortes para que buscassem como formação superior o curso de Pedagogia.

Para Bourdieu, para se alterar a realidade imposta pela dominação masculina, seria necessário se perguntar e refletir sobre quais são os aspectos e os mecanismos históricos responsáveis pela desistorização e pela eternização das estruturas da divisão sexual do trabalho e seus princípios correspondentes. Para esse autor, tudo o que na história parece eterno ou natural não é mais que um trabalho de eternização praticado pela própria história.

Quem sabe a escolha improvável desses homens pelo curso de Pedagogia possa, indiretamente, ajudar nessa reflexão e contribuir, em alguma medida, com esse processo de mudança?

Em projetos de pesquisa futuros esperamos que a dimensão do gênero continue sendo mais explorada. Destacamos também o abandono como um aspecto a ser melhor pesquisado, por acreditar que ele pode trazer importantes informações sobre o processo de escolha dos estudos superiores. Em relação à escolha da profissão docente, o gosto pelo conhecimento, assim como a influência de antigos professores também pode apresentar interessantes indícios a serem investigados.

REFEÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Francisca Elenir; SOARES, Viani da Silva. Meninos e Meninas – Universos diferenciados na família e na Escola. In: FAGUNDES, Tereza Cristinha P. C. (org). **Ensaio sobre Gênero e Educação**. Salvador: UFBA – Pró-Reitoria de Extensão, 2001 (Série UFBA em Campo: Estudos).

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte. Editora da UFMG. 2003.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Trabalho docente e modelos de formação: velhos e novos embates e representações. **Cadernos de Pesquisa**. v.10, n.140, p.427-443, maio/ago. 2010.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998a

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998b

BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998c

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Los Herederos: los estudiantes y la cultura**. 2ª. ed 1ª. reimp. Buenos Aires: Siglo Vienteuno editores, 2010.

BRAGA, M. M., PEIXOTO, M. C. L. **Censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.

BRAGA, Mauro; PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda. Expansão dos cursos noturnos na UFMG: uma política efetiva de inclusão social?. In: Maria do Carmo de Lacerda Peixoto; Antônia Vitória Aranha. (Org.). **Universidade pública e inclusão social: experiência e imaginação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 92-118, 2008.

BRAGA, M. M.; PEIXOTO, M. C. L.; BOGUTCHI, T. F. A evasão no Ensino Superior brasileiro: o caso da UFMG. **Avaliação (UNICAMP)**, Brasília v. 8, n. 3, p. 161-189, 2003

BRAILOVSKY, Daniel. **“Los Muy Señoritos” Los maestros jardineros varones. Un estudio sobre la normalidad escolar**. 2003. Tesis de Maestría – Universidad de San Andrés, Argentina, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar 1998**. Disponível em

<http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/escolar/news98_014.htm> Acesso em 10/09/2010

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Senso da Educação Superior. Sinopse estatística – 2005**. Disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B0B5DB53A44314F108E2B3682433B74B0%7D_sinopse3.pdf> Acesso em 10/08/2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Senso Escolar. Sinopse Estatística da Educação Básica 2005**. Disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B02E215A0DCA24258B911BD40BE285489%7D_03.pdf> Acesso em 10/08/2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório Técnico 2008**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/censo/2008/resumo_tecnico_2008_15_12_09.pdf> Acesso em 10/09/2010

BREMBECK, Cole S. La decisión de enseñar. In: **Sociologia de la Educación**. Buenos Aires, Editora Paidós, 1977. Cap 1 – p. 249-259

BRITO, Márcia. ENADE 2005: Perfil, desempenho e razão da opção dos estudantes pelas Licenciaturas. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 12, n. 3, p. 401-443, set. 2007.

CARDOSO, Frederico. **A identidade de professores homens na docência com crianças: homens fora do lugar?**. 2004. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2004.

CARVALHO, Marília. Vozes masculinas numa profissão feminina: o que tem a dizer os professores. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 406-422, 1998.

CUNHA, Luis Antonio. A Universidade Temporã: O Ensino Superior da Colônia à Era de Vargas. **Coleção Educação Transformação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. **A universidade reformada: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior**. – 2. ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2007

DE SÁ, Carolina Mafra., ROSA, Walquíria Miranda. **A história da feminização do magistério no Brasil**: uma revisão bibliográfica. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação da SBHE, 2004, Curitiba. Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação da SBHE, 2004.

DIAS, T. F. S.; LAGES, L. V.; RIBEIRO, R. L. F.; ROCHA, G; RODRIGUES, J.; SANTOS, T.; FRANCO, G. C.; LOSCHI, R. H.; BRAGA, M. M. Cursos diurnos e noturnos: fatores de aprovação no vestibular da UFMG. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), v. 38, p. 127-146, 2008.

DINIZ-PEREIRA, J. E. O ovo ou a galinha: a crise da profissão docente e a aparente falta de perspectiva para a educação brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.92, n.230, p. 34-51, jan./abr. 2011.

ÉPIPHANE, D. Filles (Éducation des). In: VAN ZANTEN, A. (org.). **Dictionnaire de l'éducation**. Paris: PUF, 2008, p. 331-335.

EZCURRA, A. M. (2011). Abandono estudiantil en educación superior. **Hipótesis y conceptos**. En N. Gluz (Ed.), p. 23-62.

FARIA FILHO, Luciano Mendes., MACEDO, Elenice Fontoura de Paula. **A feminização do magistério em Minas Gerais (1860-1910): política, legislação e dados estatísticos**. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação da SBHE, 2004, Curitiba. Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação da SBHE, 2004.

FRANCO, G.C; LOPES, L.V; RIBEIRO, R. L. F; CARVALHO, M. G; LOSCHI, R. H; BRAGA, M. M. Identificando as características associadas com a aprovação de candidatos de Escolas Públicas e Privadas, vestibular – 2004, UFMG. **Educação em Revista (UFMG)**, v. 46, p. 167-194, 2007.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin, GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GATTI, Bernardete. **Grupo focal nas ciências sociais e humanas**. São Paulo: Líber Livros, 2005.

GATTI, Bernardete A. (coord); BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília, UNESCO, 2009

GATTI, B.; Tartuce, G. L. B. P.; NUNES, M. M. R.; ALMEIDA, P.C. A. Atratividade da Carreira Docente no Brasil. **Estudos & Pesquisas Educacionais**. Fundação Victor Civita. São Paulo, n.1, maio 2010.

GLORIA, D. M. A. . O tamanho da família como fator sociodemográfico a interferir na escolarização dos filhos. **Anais da 31ª. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPEd**, Caxambu, MG, 2008.

GOUVEIA, Aparecida J. **Origem étnica e situação socioeconômica dos estudantes matriculados em diferentes áreas de estudo nas universidades de São Paulo**. América Latina, ano 13, nº 4, p. 33-48, 1970.

_____. Democratização do ensino superior. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Vol. 50, nº 112, 1968.

HERINGUER, Rosana. **Expansão do Ensino Superior no Brasil: acesso, diferenciação interna e políticas de inclusão**. In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia da SBS, 2011, Curitiba. Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia da SBS, 2011.

HIRATA, Helena Sumiko. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade.** São Paulo: Boitempo, 2002.

KODDE, D. A. e RITZEN, J. M. Direct and indirect effects of parental education level on the demand for higher education. **The Journal of Human Resources**, v.23, n. 3, 1979, p. 356-371.

LACERDA, W. G. Percursos escolares atípicos: o possível contra o provável. **Revista Ciências Humanas**, Viçosa, vol. 6, nº2, jul/dez 2006

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável.** São Paulo. Ática, 1995.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural: os determinantes da ação.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: Disposições e variações individuais.** Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 19-44.

LARONCHE, Martine. Por que as garotas são melhores do que os garotos na escola? **Uol Mídia Global**, Le Monde. 28 de maio 2008. Disponível em <<http://www.noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2008/05/28/070917.1.1.jhtm>>. Acesso em: 04 de junho 2008

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, R.J., Editora Vozes, 1997.

MOTA, J. et al. Afrânio Peixoto, (1876-1947): ensaio biográfico. In: HERSCH-MANN, M. M., PEREIRA, C. A. M. **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

NASCIMENTO, Márcia; SOUZA, Mirelle; FERREIRA, Daniela. **Análise sociológica: fatores de influência no processo de escolha pelo curso de pedagogia da UFPE.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Pernambuco . 2011.

NOGUEIRA, Cláudio M. M.. **Desafios teóricos na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares: a escolha do curso superior.** In: 29º Encontro Anual da ANPOCS, 2005, Caxambu. Anais do 29º Encontro Anual da Anpocs, 2005.

_____. **O processo de escolha do curso superior: análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares.** In: 30 Reunião Anual da Anped, 2007, Caxambu. anped:30 anos de pesquisa e compromisso social, 2007.

NOGUEIRA, Cláudio M. M.; FONTES, Maria de Fátima Ansaloni. **A importância dos estudos sobre trajetórias escolares na sociologia da educação contemporânea.** Paidéia, Belo Horizonte, p. 57-73, 2004.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, Claudio M. M.; RESENDE, T. F.; VIANA, Maria José Braga . A construção da Longevidade e da excelência escolar em famílias de diferentes meios sociais: processos e práticas de escolarização Subprojeto O processo de escolha do curso superior: análise microssociológica de um momento crucial das trajetórias escolares. 2006. (Relatório de pesquisa)

NOGUEIRA, Claudio M. M. ; PEREIRA, Flávia Goulart. O gosto e as condições de sua realização: a escolha por Pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n. 3, dez. 2010.

NOGUEIRA, Claudio M. M. ; ALMEIDA, Flávia Juliana de ; QUEIROZ, Kelly Aparecida de Sousa . A escolha da carreira docente: complexificando a abordagem sociológica. **Vertentes (UFSJ)**, v. V.19, p. 153-165, 2011.

NOGUEIRA, M. A. Estratégias de escolarização em famílias de empresários. In: ALMEIDA, A. M. F. e NOGUEIRA, M. A. (orgs.). **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Editora Vozes: Petrópolis, 2002.

PALAZZO, Janete; GOMES, Candito Alberto. Origens sociais dos futuros educadores: a democratização desigual da educação superior. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 17, n. 3, p. 877-898, nov. 2012

PAUL Jean-Jacques; SILVA, Nelson V. Conhecendo o seu lugar: a auto-seleção na escolha de carreira. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Vol. 14, nº1, p. 115-130, 1998.

PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda ; BRAGA, Mauro Mendes . Inclusão social no acesso à educação superior: programa de bônus e expansão de vagas na UFMG. In: **XVIII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia**, 2011, Recife. homepage do Congresso, 2011

PEREIRA, Paulo. **Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional**. 2008. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

REIS, Rosemary. Entre Dúvidas e Incertezas : os motivos para a escolha do Curso por estudantes de Pedagogia. **Anais da 34ª Reunião Anual da ANPED**, 2011

RIBEIRO, Henrique M. F.; VIANA, Maria J.B. Um perfil sociológico do aluno atual do curso de Pedagogia da FaE/ UFMG. **Educação em Revista**, v.43. p. 111-135, jun. 2006

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo de professores em creche**. 2005. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SARAIVA, A. C. L. C.; FERENC, A. V. F.. A escolha profissional do curso de Pedagogia. Análise das representações sociais de discentes. **Anais da 33ª Reunião Anual da Anped**, Caxambú, MG, 2010.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A divisão do campo universitário: uma tentativa de classificação. **Revista Brasileira de Pedagogia**. Brasília, v. 80, n.496, p.451-471.Set/dez. 1999.

SOARES, Maria Susana A. (org.), 2002. **Educação Superior no Brasil**. Brasília: CAPES.

TEIXEIRA, Anísio. **Ensino Superior no Brasil: Análise e Interpretação de sua evolução até 1969**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

TENDI, Emilio. **La condición docente : análisis comparado de la Brasil, Perú y Uruguay**, -1ª. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

TENDI, Emilio. **La escuela y la cuestión social. Ensayos de sociología de la educación**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007.

VARGAS, Hustana M. "Aqui é assim: tem curso de rico pra continuar rico e curso de pobre pra continuar pobre". **Anais da 33a Reunião Anual da ANPEd**, Caxambu – MG, 2010.

VIANNA, Cláudia Pereira. **O sexo e o gênero na docência**. Cadernos Pagu (17/18), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2001/02, pp.81-103.

VIANA, Maria José B. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade**. Tese de doutorado, Belo Horizonte: FaE, UFMG, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. Sexualidade e docência feminina no ensino primário do Rio e Janeiro. In: BRUSCHINI, Cristina; HOLLANDA, Heloísa (orgs). **Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil**. São Paulo: FCC – São Paulo: Ed. 34,1998.

ZAGO, Nadir. Quando os dados contrariam as previsões estatísticas: os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas. **Paidéia**, Ribeirão Preto, FFCLRP-USP, 2000, p. 70-80.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação** v. 11, n. 32 maio/ago.2006.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia". **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, 2001.

WILLIS, R.J. e ROSEN, S. Education and self-selection. **Journal of Political Economy**, v.87, n.5, 1979.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL EM
EDUCAÇÃO
PESQUISA SOBRE A ESCOLHA DOS HOMENS PELA PEDAGOGIA
ORIENTADOR: CLÁUDIO MARQUES MARTINS NOGUEIRA
MESTRANDA: FLÁVIA GOULART PEREIRA

QUESTIONÁRIO

Nome do aluno: _____ Idade: _____

Turno: () Manhã () Noite Período aproximado no curso: _____

Forma de ingresso: () vestibular () transferência () reopção () obtenção de novo título

1- Qual era seu estado civil quando escolheu fazer o curso de Pedagogia?

- () solteiro
() casado ou união estável
() outros _____

2- Qual seu estado civil hoje?

- () solteiro
() casado ou união estável
() outros _____

3- Você tem filhos?

- () não () sim, quantos? _____

Em caso positivo, você já tinha filhos quando resolveu fazer Pedagogia?

- () não () sim

4- Raça/etnia:

- () preta () amarela
() branca () indígena
() parda () não desejo declarar

5- Religião:

- () Evangélica () Espírita _____
() Protestante () Budista
() Católica () Outra. Qual? _____

6- Você tem irmãos?

- () não () sim, quantos? _____

7- Qual a sua posição na família?

- () irmão mais velho
() irmão mais novo
() posição intermediária

8- Você tem irmãos que estão cursando ou já concluíram o ensino superior?

- () não () sim
Se sim, quantos? _____

Quais cursos? _____

9- Qual o nível de escolaridade do seu pai?

- meu pai nunca foi a escola
- ensino fundamental incompleto
- ensino fundamental completo
- ensino médio incompleto
- ensino médio completo
- ensino superior incompleto. Curso _____
- ensino superior completo. Curso _____
- mestrado ou doutorado. Curso _____
- não tenho informação

10- Qual o nível de escolaridade de sua mãe?

- minha mãe nunca foi a escola
- ensino fundamental incompleto
- ensino fundamental completo
- ensino médio incompleto
- ensino médio completo
- ensino superior incompleto. Curso _____
- ensino superior completo. Curso _____
- mestrado ou doutorado. Curso _____
- não tenho informação

11- Qual o nível de escolaridade de seus avós? Complete a tabela.

	Avó materna	Avó paterna	Avô materno	Avô paterno
nunca foi a escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino fundamental	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino superior incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino superior	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
mestrado ou doutorado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
não sabe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

12- Qual a profissão/ocupação dos pais?

Profissão da mãe _____
Ocupação atual da mãe _____
Profissão do pai _____
Ocupação atual do pai _____

13- Qual o curso de ensino médio você concluiu?

- ensino médio profissionalizante
- ensino médio não profissionalizante
- supletivo
- outro _____

14- Em que tipo de escola você cursou a maior parte do ensino médio?

- escola pública federal
- escola pública estadual
- escola pública municipal
- escola particular leiga
- escola particular religiosa
- outro _____

15- Sobre o ensino médio responda:

Ano que concluiu _____
Tempo que levou para concluir o ensino médio _____
Turno em que cursou a maior parte do ensino médio _____
Idade em que concluiu o ensino médio _____

16- De modo geral, você considera que durante o ensino médio você era um aluno(a)?

- muito bom
- bom
- regular
- fraco

17- Sobre reprovações ao longo de sua trajetória escolar, você:

- nunca foi reprovado
- foi reprovado apenas uma vez
- foi reprovado duas vezes
- foi reprovado três ou mais vezes

18- Indique o seu grau de conhecimento em relação as seguintes línguas estrangeiras:

	Nulo	Fraco	Razoável	Bom
Inglês	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Francês	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Espanhol	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

19- Quando você começou a pensar em fazer um curso superior?

- sempre pensei que iria fazer um curso superior.
- comecei a pensar alguns anos antes da inscrição para o vestibular.
- comecei a pensar um ano antes da inscrição para o vestibular.
- comecei a pensar alguns meses antes da inscrição para o vestibular.

20- Quando você começou a pensar em fazer Pedagogia?

- sempre pensei em fazer pedagogia
- comecei a pensar em fazer pedagogia alguns anos antes da inscrição para o vestibular.
- comecei a pensar em fazer pedagogia um ano antes da inscrição para o vestibular.
- comecei a pensar em fazer pedagogia alguns meses ou semanas antes da inscrição para o vestibular.

21- Antes de entrar para o curso de Pedagogia, você já tinha algum contato com a área da educação?

- minha mãe, meu pai ou um dos meus irmãos faz ou fez Pedagogia ou já atua ou atuou como educador.
- tenho outros parentes e/ou amigos que fazem/fizeram Pedagogia ou que atuam como educadores.
- tenho conhecidos que fazem/fizeram Pedagogia ou que atuam como educadores.
- não conheço ninguém que faz/fez Pedagogia ou que atua como educador.

22- Antes de entrar para o curso de Pedagogia, qual era sua experiência na área de educação?

- já havia trabalhado como educador em escola ou em outro tipo de estabelecimento de ensino.
 já havia trabalhado em função não pedagógica em escola ou em outro tipo de estabelecimento de ensino.
 nunca havia trabalhado com a área de educação.

23- Você faria um curso fora da área de humanas, ou seja, em exatas ou biológicas?

não sim, qual (quais)? _____

Se não, porque?

- dificuldades, falta de base nessas áreas.
 desinteresse por essas áreas
 outras razões: _____

24- Nos meses que antecederam o momento de inscrição no vestibular, você ainda estava em dúvida entre escolher pedagogia ou outros cursos?

não sim

Se sim, quais? _____

25 - Que vestibulares você já fez?

- fiz apenas para Pedagogia
 fiz também para outros cursos, mas não fui aprovado
 fiz também para outros cursos, e fui aprovado em algum(s) dele(s).

26- Caso você tenha feito vestibular para outros cursos além do de Pedagogia, em quais foi aprovado e em quais foi reprovado?

Aprovado: _____

Reprovado: _____

27- Você iniciou outro curso superior?

não sim. Qual o curso? _____

28- Caso tenha iniciado outro curso, responder:

- você já o concluiu
 você ainda o está cursando
 você trancou a matrícula
 você o abandonou

29- Caso já tenha trancado ou abandonado outro curso antes do de Pedagogia responda: Qual a principal razão da interrupção?

- dificuldades econômicas
 desinteresse pelo conteúdo do curso ou pela futura profissão
 falta de tempo para freqüentar o curso
 outro _____

30- Em relação ao seu futuro profissional, você:

- não tem certeza se quer trabalhar na área de educação
 quer trabalhar na área de educação, mas não como professor
 quer trabalhar como professor no ensino infantil e fundamental
 quer fazer mestrado e doutorado e atuar como professor em faculdade
 não quer trabalhar na área de educação

31- Qual sua situação atual?

- estou trabalhando. Em quê? _____
- estou procurando emprego
- tenho bolsa de estudo - *pesquisa* ou extensão (CNPQ, FAPEMIG, etc)
- tenho bolsa de trabalho (FUMP) ou manutenção
- não pretendo trabalhar no momento
- outro. Qual? _____

32- Qual é aproximadamente a sua renda mensal bruta?

- não possuo renda mensal bruta
- menos de um salário mínimo
- de um a dois salários mínimos
- mais de dois a cinco salários mínimos
- mais de cinco a dez salários mínimos
- acima de dez salários mínimos

33- Qual é, aproximadamente, a renda mensal bruta de sua família? (Somar todas as fontes de renda das pessoas que residem no domicílio)

- menos de um salário mínimo
- de um a dois salários mínimos
- mais de dois a cinco salários mínimos
- mais de cinco a dez salários mínimos
- acima de dez salários mínimos

34- Você estava trabalhando no momento da inscrição para o vestibular?

- sim não

Se sim, em tempo integral? _____

Qual era sua ocupação? _____

35- Se analisado estatisticamente, o curso de pedagogia é freqüentado predominantemente por pessoas do sexo feminino. Em função disso, você sofreu algum tipo de pressão ou de preconceito por parte de conhecidos ou parentes ao escolhê-lo? Comente.

37- Quais motivos foram preponderantes para a escolha da Pedagogia?

38- Como você se sente em relação ao curso de Pedagogia? Em algum momento pensou em desistir ou pedir transferência? Você está satisfeito com o curso?

39- Gostaria de fazer algum comentário ou observação? (Se necessário, o verso da folha pode ser utilizado.)

OBSERVAÇÃO FINAL:

Além do questionário, serão realizadas nesta pesquisa entrevistas e um grupo focal com alguns alunos sobre o processo de escolha do curso superior. Caso você se disponha a ser entrevistado, por favor, deixe e-mail e/ou telefone para futuro contato.

E-mail: _____ Telefones: _____

OBRIGADA PELA PARTICIPAÇÃO!

Homens da Pedagogia 2012 (por turma)

Manhã

2º. Período		4º. Período	
Turma M	Turma N	Turma C	Turma D
Dois estudantes	<i>“Não tem homem. O que tinha trancou no primeiro semestre de 2012.”</i>	<i>“Não tem homem. O que tinha desistiu logo no início.”</i>	<i>“Não tem homem. Tinha um mais desistiu.”</i>
6º. Período		8º. Período	
Turma U	Turma V	Turma K	Turma L
Um estudante <u>irregular</u>	Três estudantes sendo um <u>irregular</u>	<i>“O único homem que tinha saiu no 2º. Período.”</i>	Dois estudantes
8º. Período			
Turma KL1 – Administração de Sistemas e Instituições Educacionais	Turma KL2 – Educador Social	Turma KL3 – Ciências da Educação	Turma KL4 – Educação de Jovens e Adultos

Noite

1º. Período		3º. Período	
Turma G	Turma H	Turma E	Turma F
Três estudantes	Dois estudantes	Dois estudantes sendo um <u>irregular</u>	Inicialmente dois estudantes. <i>Um deles desistiu do curso no 2º. Período.</i>
5º. Período		7º. Período	
Turma A	Turma B	Turma R	Turma S
Três estudantes sendo um <u>irregular</u>	Inicialmente dois estudantes. <i>Um deles desistiu do curso no 3º. Período.</i>	Três estudantes	Quatro estudantes sendo um <u>irregular</u>
7º. Período		9º. Período	
Turma RS – Administração de Sistemas e Instituições Educacionais	Turma RS1 – Educador Social/ EJA	Turma IJ1 – Administração de Sistemas e Instituições Educacionais	Turma IJ2 – Educação Infantil
		Um estudante	Um estudante

Alunos “muito” irregulares (não sabiam identificar sua turma de origem): quatro

ROTEIRO ENTREVISTA

- Trajetória escolar: como foi seu percurso escolar? Em que colégios estudou, turno, tipo de escola...
- Você gostava de estudar? Como era a relação com o conhecimento, que matérias gostava mais...
- Que profissões vislumbrava na infância e na adolescência?
- Como era a relação de seus pais com a sua escolarização?
- O que seus pais contam sobre a escolarização deles?
- Como é sua família? Membros, situação de trabalho e escolaridade deles.
- Você julga que eles são felizes e realizados na profissão?
- Você é mais próximo de algum desses membros de sua família? De quem?
- Você se envolveu, em algum momento, com o trabalho dos membros de sua família?
- Acredita que influencia ou é influenciado por algum dos membros de sua família? Gosto pelo estudo, vontade de fazer curso superior...
- E sobre o curso superior? Como que foi esse processo de escolha do curso superior? Desde quando você começou a pensar em fazer um curso superior?
- Você pensou em vários cursos? Ou já pensou logo na Pedagogia? Como que foi?
- Você fez outros vestibulares? Pra que cursos? Por quê?
- Como que seus pais se posicionaram em relação a escolha do seu curso superior?
- E seus amigos?
- Você já participou de algum movimento social ou religioso?
- Conhece alguém que trabalha na área de educação? Qual a relação dessa pessoa com esse campo do conhecimento?
- Em relação ao gênero, qual o peso que você atribui a ele no processo de escolha pela Pedagogia? Não fez diferença, ajudou, foi um complicador, como que foi isso pra você?
- Possui alguma experiência com a área da educação?
- E em relação a outros tipos de trabalho? Já trabalhou? Em que? Trabalha atualmente? Em que?
- Você pensa em ser professor? O que é ser professor pra você?
- Pretende continuar os estudos? Fazer mestrado, doutorado...
- E quanto ao curso de Pedagogia? Você ta gostando do curso? É como imaginava?
- Porque escolheu fazer o curso de manha/ a noite?
- Quais suas expectativas de futuro? O que você pretende fazer depois de formado?
- Você acha que tem mais alguma coisa importante que eu não tenha perguntado? Quer falar mais alguma coisa?

ROTEIRO DE DEBATE DO GRUPO FOCAL

- Inicialmente será mostrada aos participantes a seguinte manchete de jornal: “Estudantes paulistanos acreditam que existe profissão de homem e de mulher: alguns disseram que elas têm características para as profissões de cuidado; outros justificaram que a mulher não seria obedecida por homens em carreiras que exigem autoridade”. Será pedido aos participantes que comentem a respeito

Demais questões geradoras:

- o gênero influencia na escolha do curso superior?
- se sim, como isso acontece?
- se não, qual sua opinião sobre isso?

- como foi pra vocês fazer a opção por um curso frequentado majoritariamente por mulheres? Em algum momento vocês refletiram sobre isso? Ou não?

- quais os fatores que vocês levaram em conta no momento dessa decisão?

- como seus amigos e familiares reagiram quando ficaram sabendo que vocês prestariam vestibular pra Pedagogia?

- e hoje? Como as pessoas recebem essa notícia? Elas agem com naturalidade, aceitam bem? Como é?

- como é a convivência com as mulheres no cotidiano do curso? O fato de serem homens tem algum reflexo (positivo ou negativo) nesse percurso?

- querem fazer alguma outra observação ou consideração?